



SIMON SCARROW

A PROFECIA
DA ÁGUA

TRADUÇÃO DE JOST SARAIVA





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: A Profecia da Águia

AUTORIA: Simon Scarrow

EDITOR: Luís Corte Real

Esta edição © 2008 Edições Saída de Emergência

Título original The Eagle's Prophecy © 2005 Simon Scarrow. Publicado originalmente em Inglaterra por Headline Book Publishing, 2005

TRADUÇÃO: José Saraiva

REVISÃO: Idalina Morgado

COMPOSIÇÃO: Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: Saída de Emergência

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Tipografia Guerra, Viseu

1ª EDIÇÃO: Abril, 2008

ISBN: 978-989-637-033-6

DEPÓSITO LEGAL: 272799/08

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Este livro é dedicado ao meu amigo
e vizinho Lawrence Coulton,
falecido num acidente ao serviço da RAF
quando me encontrava a ultimar este romance.

O Lawrence era um daqueles raros indivíduos
cuja alegria de viver é verdadeiramente contagiosa.
A sua companhia era um imenso prazer
para todos os que tiveram o privilégio de o conhecer.



A ORGANIZAÇÃO DA MARINHA ROMANA

Os romanos iniciaram-se nos combates navais algo tardiamente, e não foi senão durante o domínio de Augusto (27 a.C. — 14 d.C.) que foi estabelecida de forma permanente uma marinha imperial. Esta força estava dividida em duas esquadras, com bases em Miseno e Ravena (onde se passa grande parte deste romance).

No comando de cada esquadra estava um prefeito. Não era necessária qualquer experiência naval para ocupar o posto, que era em larga medida de natureza administrativa.

Abaixo dessa patente, torna-se evidente a enorme influência das práticas navais gregas na organização da marinha imperial romana. Os comandantes de esquadões tinham o posto de navarcas, e eram responsáveis por grupos de dez navios. Desempenhavam um papel semelhante ao dos centuriões das legiões, ou seja, eram os oficiais responsáveis pelo dia-a-dia da marinha, e tinham nomeação definitiva. Podiam, se assim entendessem, pedir transferência para as legiões, e receber o posto de centurião. O mais antigo navarca de uma esquadra era conhecido como Navarchus Princeps, ocupando a mesma posição do centurião-chefe de uma legião, e dando conselhos de ordem técnica ao prefeito, sempre que este os solicitasse.

Os navios estavam sob o comando de trierarcas. Tal como os navarcas, eram homens promovidos a partir das fileiras, e eram responsáveis pelo funcionamento regular do seu navio. Porém, o seu papel não era semelhante ao do capitão de um navio na actualidade. Embora fossem eles os responsáveis pela navegação, quando em combate, as ordens a bordo eram dadas pelo centurião que comandava a força de fuzileiros destacada na embarcação. Foi por esta razão que mantive as designações gregas ao longo do livro, em vez de as tentar substituir por termos modernos.

Quanto aos navios propriamente ditos, a embarcação mais utilizada na marinha imperial era a trirreme. Media aproximadamente trinta e cinco metros de comprimento e seis de largura, e cada uma levava a bordo cerca de cento e cinquenta remadores e marinheiros, além de uma centúria

de fuzileiros. Havia navios de outras classes, maiores (as quinquerremes) ou menores (birremes e liburnas), mas muitas das suas características eram semelhantes, e todos eram projectados sobretudo para serem facilmente manobráveis e ágeis em combate. A consequência dessa concepção era que todos eram demasiado leves, muito pouco estáveis no mar aberto, e horripelmente desconfortáveis para viagens que levassem mais do que alguns dias.

MAPA 1

MAPA 2



I

Os três navios baloiçavam ao sabor da suave ondulação que lhes passava sob as quilhas. Do castelo do leme do navio mercante conseguia-se avistar o distante porto de Ravena, sempre que a embarcação subia uma crista, mas a costa logo ficava escondida enquanto ela mergulhava na cava da onda e não chegava a vaga seguinte. O navio mercante estava preso entre duas liburnas, esguias e ágeis, que se mantinham alinhadas com a sua presa graças a inúmeros ganchos de abordagem, eles mesmos fixos em grossos postes de amarração de que os dois navios estavam providos. Os piratas que ocupavam as liburnas tinham recolhido os remos e prendido apressadamente as velas, antes de se lançarem à abordagem do navio mercante. O assalto tinha sido feroz e sangrento.

A prova da fúria dos atacantes estava à vista, espalhada pelo convés: corpos despedaçados, mergulhados em grandes poças de sangue que sujavam as imaculadas e polidas tábuas. Entre eles encontravam-se os cadáveres de mais de vinte dos piratas, e no castelo da popa o capitão da liburna franziu o sobrolho, enquanto contemplava a carnificina. Tinha perdido demasiados homens na captura daquele navio de mercadores. Normalmente, a vaga ululante de homens armados que se lançavam à abordagem de uma presa era suficiente para enervar as vítimas, de tal modo que depunham as armas e se rendiam imediatamente. Mas nada disso se passara naquele caso.

A tripulação do navio, reforçada por alguns dos passageiros, tinha enfrentado os assaltantes na amurada, e tinha-os mantido à distância com uma determinação feroz, que o chefe dos piratas não se recordava de alguma vez ter visto — particularmente na infindável lista de naves de comércio que ele e os seus homens tinham capturado nos últimos meses. Equipados com arpões, ganchos, estacas e umas poucas espadas, os defensores tinham resistido tanto quanto lhes fora possível perante uma força superior em número e muito mais bem armada.

Quatro dos defensores, em particular, tinham-lhe chamado a aten-

ção: homens de alta estatura, duros, envergando túnicas simples, castanhas, e brandindo espadas curtas. Tinham lutado até ao fim, costas com costas, em torno do mastro, e tinham liquidado mais de uma dúzia de piratas antes de soçobramem perante o número de inimigos. Ele mesmo tinha-se visto forçado a intervir e a acabar com o último deles, mas não antes de o homem lhe ter feito uma ferida na perna — superficial, e já ligada, mas ainda assim a latejar com uma dolorosa intensidade.

Desceu para o convés principal. Parou junto ao mastro e remexeu num dos cadáveres com a ponta da bota, fazendo-o rebolar até ficar de costas. Debruçou-se sobre ele. Tinha a constituição de um soldado, e cicatrizes bem evidentes. Como os outros, aliás. Isso talvez explicasse a habilidade que tinham demonstrado com as espadas. Ergueu-se novamente, ainda a contemplar o romano morto. Um legionário, portanto, tal como os seus camaradas.

O capitão fez uma careta. O que estariam legionários a fazer a bordo de um navio mercante? E não eram uns soldados quaisquer: eram, claramente, homens escolhidos a dedo — os melhores. Nem pensar em que fossem apenas passageiros que aproveitavam uma licença. Tinham sido com certeza eles a organizar e liderar a defesa. E tinham combatido até à última gota de sangue, sem considerarem sequer a hipótese de rendição. Uma pena, reflectiu. Gostaria de lhes ter oferecido a possibilidade de se juntarem aos seus homens. Acontecia, por vezes. Embora a maior parte dos prisioneiros fosse vendida a mercadores de escravos que não faziam perguntas sobre a proveniência dos homens que compravam, e que tinham o bom senso de os ir vender à outra ponta do Império. Os legionários teriam sido valiosos, quer como recrutas quer como escravos, embora neste caso, claro, fosse necessário cortar-lhes as línguas; dificilmente um homem se poderia queixar da injustiça que o levava à escravatura se não tivesse maneira de o fazer... Mas estavam mortos. Uma morte sem sentido, decidiu. A não ser que tivessem jurado defender alguém, ou alguma coisa, até ao fim...

Portanto, o que estariam eles a fazer a bordo, realmente?

Esfregou o pano da túnica contra a coxa, e olhou à volta do convés. Os seus homens tinham aberto todas as escotilhas que davam para o porão, e alguns passavam os objectos que pareciam mais preciosos para o convés, onde outros abriam caixas e arcas, vasculhando os conteúdos em busca de qualquer coisa de valor. Outros homens ainda tinham-se espalhado pela coberta, onde revistavam as posses dos passageiros, e por todo o lado se ouvia o som de coisas a serem partidas.

Passou sobre os cadáveres na base do mastro e dirigiu-se à proa. Ali amontoados estavam os sobreviventes do ataque: uma mão-cheia de marinheiros, a maior parte feridos, e alguns passageiros. Olharam-no ame-

drontados. Quase desatou a rir quando notou que um dos marujos tremia de medo e tentava esconder-se. Mas forçou-se a manter uma expressão intimidatória. Por baixo dos caracóis negros do seu cabelo espreitavam uns olhos negros e penetrantes, enquadrados por uma testa que denunciava determinação. O nariz tinha sido partido em tempos, pelo que era torto, e exibia uma cicatriz que curvava pelo queixo, atravessava os lábios e se prolongava pela maçã do rosto. O seu aspecto tinha um efeito magnífico em todos os que se deparavam com ele, mas as marcas visíveis não eram o resultado da longa carreira de pirata. Pelo contrário, faziam parte do seu ser desde a infância, quando os pais o tinham abandonado na zona mais miserável do Pireu, e há muito que tinha esquecido as circunstâncias precisas em que tinha adquirido tão horríveis cicatrizes. Os passageiros e tripulação do navio capturado tremiam à sua frente quando ele estacou à distância de uma espada e os avaliou com os olhos escuros.

— Sou Telémaco, o líder destes piratas. — Anunciou aos homens aterrorizados, em grego. — Onde está o vosso capitão?

Não se ouviu qualquer resposta, apenas a respiração nervosa de homens que se sabiam prestes a enfrentar um destino cruel. Os olhos do chefe dos atacantes não os deixaram, mas a mão dele desceu e desembainhou lentamente a lâmina que levava à cintura.

— Perguntei-vos pelo vosso capitão...

— Senhor, piedade! — Interrompeu-o uma voz. O olhar do pirata dirigiu-se para o homem que, de tão aterrado, se tentara afastar o mais possível. O marinheiro ergueu o braço e apontou-o ao longo do convés, trémulo. — O capitão está para ali... Morto... Vi-o a ser morto por si, senhor.

— Ah, viste? — Os grossos lábios do pirata curvaram-se num sorriso. — Qual deles é?

— Além, senhor. Junto à escotilha da ré. O gordo.

O chefe dos piratas olhou sobre o ombro, encontrando uma silhueta volumosa, um homem de baixa estatura que jazia esparramado no convés. E que agora era ainda mais baixo, já que lhe faltava a cabeça. Esta não se avistava por perto, e Telémaco franziu o sobrolho, fazendo um esforço para recordar o momento em que acabara de saltar para o convés da presa. Mesmo à sua frente, um tipo, sem dúvida o capitão do navio mercante, soltara um grito e virara-se, numa infeliz tentativa de fuga. O gume faiscante da sua falcata tinha descrito um rápido arco através do ar, atravessando a carne quase sem dar por isso, e lançando a cabeça do homem pela borda fora.

— Sim... Já me lembro. — O sorriso abriu-se, mostrando a satisfação que sentia. — Bom, então quem é o imediato?

O tripulante, o único que se tinha arriscado a abrir a boca, rodou ligeiramente o corpo e indicou timidamente o gigante núbio que o ladeava.

— Tu? — O pirata interpelou o outro com a ponta da cimitarra.

Antes de o confirmar, o núbio lançou um olhar de profundo desprezo e raiva ao outro marinheiro.

— Avança.

O imediato deu um passo relutante e tentou enfrentar o olhar do seu captor. Telémaco ficou satisfeito por ver que o outro tinha a coragem suficiente para tal. Isso queria dizer que havia pelo menos um homem de jeito entre os sobreviventes. O pirata apontou para os corpos acumulados junto à base do mastro.

— Aqueles homens — os filhos da puta rijos que mataram uma data dos meus homens —, quem eram?

— Guarda-costas, senhor.

— Guarda-costas?

O núbio anuiu.

— Embarcaram em Rodes.

— Estou a ver. E quem é que eles guardavam?

— Um romano, senhor.

Telémaco olhou sobre o ombro do seu interlocutor, examinando os outros prisioneiros.

— E onde anda esse?

O núbio encolheu os ombros.

— Não faço ideia, senhor. Não o vejo desde a abordagem. É capaz de estar morto. Pode ter sido atirado ao mar.

— Núbio... — O chefe dos piratas aproximou-se e continuou num tom gélido e repleto de ameaças. — Não nasci ontem. Ou me mostras imediatamente esse romano, ou eu mostro-te como é feito o teu coração... Onde é que ele está?

— Aqui. — Anunciou uma voz, na parte de trás do magote de prisioneiros. Um vulto abriu caminho, um homem alto e magro com as características fisionómicas típicas da sua raça: cabelo escuro, pele bronzeada, e o longo nariz que os romanos tanto gostavam de mostrar ao resto do mundo. Envergava uma túnica simples, numa mais do que provável tentativa de passar por um passageiro remediado, sem dinheiro para mais do que uma acomodação no convés, à mercê dos elementos. Mas a vaidade do homem era indisfarçável, e mostrava ainda um dispendioso anel que lhe adornava um dedo da mão direita. O grande rubi incrustado em ouro atraiu imediatamente a atenção do pirata.

— Podes começar já a rezar para que isso saia com facilidade...

O romano lançou um olhar ao dedo.

— Isto? Está na minha família há muitas gerações. O meu pai usou-o antes de mim, e o meu filho fá-lo-á depois de mim.

— Não estejas tão certo disso. — O ar divertido do chefe dos piratas era evidente, mesmo através das suas feições calejadas. — Ora bem, quem és tu? Qualquer tipo que viaje em companhia e sob protecção daqueles quatro armários, os cabrões, tem de ser alguém influente... e rico.

Foi a vez do romano sorrir.

— Mais do que podes imaginar.

— Duvido. No que diz respeito a riquezas, tenho uma vasta imaginação. Bom, por muito que gostasse de aproveitar esta rara oportunidade para trocar umas palavras com alguém minimamente culto, temo que nos falte o tempo para isso. Há uma ligeira possibilidade de que algum vigia em Ravena se tenha apercebido da nossa pequena acção, e de que tenha ido avisar o comandante local. Por muito bons que sejam os meus navios, duvido que aguentassem o embate com um esquadrão imperial. Portanto, romano, diz-me quem és. Esta é a última vez que to pergunto.

— Muito bem. Caio Célio Segundo, ao teu serviço. — O homem inclinou a cabeça.

— Ora aí está um belo nome, cheio de ressonâncias nobres. Presumo que a tua família será capaz de juntar uma maquia decente para o teu resgate...

— Evidentemente. Diz o teu preço — desde que seja razoável. Será pago, e depois poderás desembarcar-me, a mim e à minha bagagem.

— Assim tão simples? — Telémaco sorriu. — Vou ter de ponderar a coisa...

— Capitão! Capitão!

Ouviu-se um burburinho na popa do navio, e um pirata surgiu da escotilha que dava acesso às acomodações dos passageiros. Trazia nas mãos um fardo, um objecto embrulhado num pano de algodão sem ornamentos. Ao dirigir-se para a vante, levantou-o ao alto.

— Capitão, veja! Olhe para isto!

Todos os olhares se concentraram no homem enquanto ele corria para o chefe, e se lançava de joelhos no convés, pousando cuidadosamente a peça que transportava, afastando as dobras de tecido e revelando um cofre na forma de uma pequena arca, feita de uma madeira fina e escura, quase negra. Estava polida, revelando a sua antiguidade e o incontável número de mãos por que passara. Possuía alguns reforços metálicos, de ouro. Nos pontos em que as bandas de ouro se recobriam, viam-se pequenas peças de ónix incrustadas, representando os mais poderosos dos deuses gregos. Numa pequena placa de prata na tampa podia ler-se *M Antonius hic fecit*.

— Marco António? — Por momentos, o capitão pirata deixou-se levar pela beleza da peça, mas depressa a sua mente profissional começou a

funcionar e a calcular o valor do objecto, o que o fez lembrar-se do romano.

— Tua?

A face de Caio Célio Segundo não mostrava qualquer expressão.

— Seja, então não é tua... Mas eras tu que a levavas. Uma bela peça.

Deve valer uma fortuna.

— De facto. — Concedeu o romano. — E pode ser tua.

— Oh... A sério? — Retorquiui Telémaco, com elaborada ironia.

— É muito gentil da tua parte. Parece-me até que vou aceitar.

O romano inclinou a cabeça, num gesto que pretendeu gracioso.

— Permite-me apenas que conserve o conteúdo do cofre.

O pirata olhou para ele com renovado interesse.

— O conteúdo?

— Uns livros. Algo que me ajude a passar o tempo, enquanto espero pelo resgate.

— Livros? Pergunto-me que género de livros poderia ser transportado numa caixa assim...

— Histórias, nada mais. — Explicou apressadamente o romano.

— Nada que possa despertar o teu interesse.

— Deixa-me ser eu a avaliar tal coisa. — Respondeu o capitão, enquanto se agachava para melhor examinar o cofre.

Havia uma pequena fechadura na frente, e a construção tinha sido tão perfeita que mal se notava a linha que marcava a junção da tampa à base do cofre. Telémaco ergueu o olhar.

— Dá-me a chave.

— Não... Não a tenho comigo.

— Romano, não estou com paciência para jogos. Quero a chave, já. A não ser que queiras ser feito em pedaços e servir de alimento aos peixes.

Por momentos, o outro não respondeu nem se mexeu. Num instante, uma espécie de relâmpago atravessou o ar, quando o braço do pirata se moveu e a ponta da sua espada se deteve a um dedo de distância da garganta do romano, firme como uma rocha, como se nunca se tivesse mexido. Segundo estremeceu, deixando finalmente entrever o terror que sentia.

— A chave... — Insistiu o chefe dos piratas, calmamente.

Segundo pegou no anel com os dedos da outra mão e lutou desesperadamente para o tirar. Estava demasiado apertado, e as unhas cuidadas arranharam-lhe a pele enquanto tentava arrancá-lo. Por fim, o anel lá saiu, lubrificado pelo sangue, entre gemidos de dor e esforço. Hesitou um instante antes de o dar ao bandido, os dedos a abrirem-se lentamente para revelar o aro dourado na palma da mão. De facto, não era somente um anel. Na

parte interior, paralela ao dedo, havia uma pequena saliência, elegantemente trabalhada, com uma ponta ornada.

— Ora, cá está. — Os ombros do romano descaíram, em sinal de derrota, quando o capitão pirata pegou no anel e tentou introduzir a chave na fechadura. Só entrava numa posição, e ele passou uns instantes a procurar a orientação correcta. Entretanto, o resto da tripulação amontoava-se por perto, tentando ver o que se passava. A chave entrou por fim, e ele rodou-a. Ouviu-se o típico ruído da abertura de uma fechadura, e a tampa soltou-se. Com dedos ávidos, Telémaco abriu-a por completo, revelando o conteúdo da pequena arca.

Franziu o sobrolho.

— Rolos?

No interior da arca viam-se três rolos, presos a pinos de marfim e envoltos em estojos de cabedal. Estes estavam tão gastos e sujos que o pirata suspeitou imediatamente de que eram antigos. Observou-os, de alguma forma desapontado. Um cofre daquele género devia conter uma verdadeira fortuna em jóias ou moedas. Nunca livros. Por que raio haveria um homem de transportar uma coisa daquelas, se lá dentro só tinha uns manuscritos velhos e gastos?

O romano atreveu-se a sorrir.

— Como eu disse, são apenas pergaminhos.

O outro respondeu-lhe com ar astuto.

— Apenas pergaminhos? Não me parece.

Levantou-se e dirigiu-se à tripulação.

— Levem este cofre e o resto do saque para os nossos navios! Toca a despachar!

Os piratas cumpriram imediatamente as ordens, apressando-se a transferir todos os artigos valiosos para bordo das duas liburnas que ladeavam a embarcação romana. A maior parte da carga era constituída por blocos de mármore; valiosos, mas demasiado pesados para serem levados. O capitão pirata sorriu, ao pensar no uso que teria a pedra. Quando chegasse o momento, ajudaria o navio a ir ao fundo, depressa e bem.

— O que vais fazer connosco? — Arriscou Segundo.

O pirata afastou o olhar das actividades dos seus homens e notou o ar de ansiedade dos marinheiros, que o observavam sem esconder o medo que sentiam. Cofiou a barba rala.

— Perdi uma série de homens valorosos, hoje. Demasiados. Vou substituí-los por alguns de vós.

O romano insurgiu-se.

— E se nenhum de nós te quiser acompanhar?

— Nós? — O chefe dos piratas deixou que um sorriso maldoso se

lhe abrisse na face. — Não preciso para nada de um aristocrata romano apaparricado. Tu vais-te juntar aos outros, aos que não virão connosco.

— Estou a ver. — O romano semicerrou os olhos, tentando avaliar a distância ao farol longínquo, nas proximidades de Ravena.

O pirata soltou uma gargalhada, e abanou a cabeça, antes de prosseguir.

— Não, não estás a ver nada. A tua marinha não te virá ajudar. Tu e os outros hão-de estar a servir de alimento aos peixes muito antes que algum navio aqui chegue. E quando cá chegarem, de qualquer maneira, não vão encontrar nada. Vocês vão conhecer o fundo do mar com este navio.

Não ficou à espera de resposta; virou-se e afastou-se rapidamente, atravessando o convés e saltando para bordo do seu próprio navio com um movimento fácil, nascido da prática. A pequena arca já tinha sido posta à sua disposição, junto ao mastro, mas mal lhe lançou um olhar, preferindo dar ordens aos seus homens.

— Heitor!

A cabeça grisalha de um verdadeiro gigante surgiu junto à amurada do navio mercante.

— Sim, chefe?

— Prepara-te para lançar fogo à birreme. Mas, antes, vai escolher os melhores dos tripulantes. Trá-los para bordo do nosso navio. Os outros, mata-os. Deixa o sacana arrogante do romano para o fim. Quero que ele sue um bocado antes de lhe tratares da saúde.

Heitor sorriu e desapareceu de vista. Pouco depois ouviu-se o ruído de madeira a ser despedaçada, enquanto os piratas demoliam partes do interior do navio para fazerem uma pira no porão. O chefe voltou a concentrar-se no pequeno baú, agachando-se de novo à sua frente. Analisando-o de perto, apercebeu-se da magnífica peça que ali estava, de todo o trabalho que tinha sido posto na sua feitura. Os dedos acariciaram a superfície polida, percorrendo os relevos feitos pelo ouro e pelas pedras preciosas. Voltou a abanar a cabeça.

— Pergaminhos...

Abriu a fechadura e levantou a tampa com todo o cuidado. Parou por momentos, e depois pegou num dos rolos. Era muito mais pesado do que esperava, e por instantes suspeitou que contivesse ouro. Os dedos lutaram com o atilho, pelo que ergueu o rolo para perceber que tipo de nó era; nesse gesto, notou um leve aroma a limão que se desprendia do objecto. Com algum esforço, desfez o nó e atirou fora o atilho, mantendo uma ponta do pergaminho numa mão e desenrolando-o com a outra.

Estava escrito em grego. Era uma escrita antiga, mas legível, e Telémaco tentou perceber do que se tratava. A sua expressão começou por

mostrar confusão e alguma frustração enquanto os olhos percorriam as linhas de texto.

Ouviu-se um súbito grito de terror, vindo do convés do navio mercante, que se apagou tão repentinamente como começara. Depois de uma breve pausa, seguiu-se outro grito, uma voz estridente a pedir clemência, mas também esta se calou abruptamente. O capitão sorriu. Não haveria misericórdia. Conhecia o subordinado, Heitor, e sabia muito bem o imenso prazer que lhe dava tirar a vida a outros homens. Infligir dor era a sua arte, e ele era extremamente hábil nisso, ainda mais do que no comando de uma ágil embarcação pirata, tripulada por alguns dos mais sanguinários homens que alguma vez conhecera. Voltou a dar atenção ao pergaminho e continuou a leitura, enquanto mais gritos se espalhavam pelo ar salgado.

No momento seguinte deparou-se com uma frase que tornou tudo claro. Com um verdadeiro choque, apercebeu-se do que tinha entre as mãos. Sabia onde tinha sido escrito, por quem tinha sido escrito e, ainda mais importante, tinha agora uma ideia segura sobre o valor daqueles pergaminhos. Então ocorreu-lhe: podia pedir qualquer preço, desde que fosse aos compradores adequados.

Lançou repentinamente os manuscritos para o interior da arca, e pôs-se de pé.

— Heitor! Heitor!

Mais uma vez, a cabeça do homem surgiu junto à amurada do navio aprisionado. Pousou as mãos sobre ela, uma delas empunhando uma longa adaga de lâmina curva, da qual escorria sangue.

— O romano, já o mataste? — Quis saber Telémaco.

— Ainda não. É o próximo. — Heitor sorriu. — Quer ver?

— Não. Quero-o vivo.

— Vivo? — Estranhou o outro. — Não nos serve para nada, é um mole.

— Oh, vai-nos ser útil, olá se vai! Vai-nos fazer mais ricos do que Creso. Trá-lo cá, depressa!

Momentos depois, o romano estava junto ao mastro, de joelhos. O peito arfava-lhe enquanto contemplava o chefe dos piratas e o seu sanguinário ajudante. Telémaco reparou que ainda havia nele algo de desafiador. Era romano até ao tutano, e por trás da sua aparência de frieza, devia estar tanto desprezo pelos seus captores que este prevalecia até sobre o terror normal num homem que esperava a morte. O pirata tocou-lhe no peito com a ponta da bota.

— Já sei o que são aqueles manuscritos. Sei o que significam, e consigo imaginar aonde os levavas.

— Então imagina à vontade! — O romano cuspiu no convés, aos pés do pirata. — Nada te direi!

Heitor ergueu a adaga e avançou, rosnando.

— Espera aí que já te digo...

— Deixa-o! — Interrompeu o capitão, pondo a mão à frente do outro pirata. — Já disse que o quero vivo.

Heitor estacou, olhando do seu líder para o romano e de novo para Telémaco, com um olhar assassino.

— Vivo?

— Sim... Ele tem de me dar algumas respostas. Quero saber para quem é que trabalha.

O romano desdenhou.

— Não te direi nada.

— Oh, vais dizer, sim. — O pirata debruçou-se sobre ele. — Imaginas-te um tipo corajoso. Isso é evidente. Mas ao longo da vida encontrei muitos homens corajosos, e nenhum deles aguentou muito tempo nas mãos aqui do Heitor. Sabe infligir mais dor, e durante mais tempo, do que qualquer outro tipo que eu conheça. É um verdadeiro génio. Sim, é uma arte, de facto. E o Heitor dedica-se a ela com extremo entusiasmo...

O capitão pirata olhou para o rosto do prisioneiro com dureza, e finalmente viu o homem vergar. Sorriu ao erguer-se, e voltou-se para o subordinado.

— Despacha os outros, e depressa. Depois deita fogo ao navio. Assim que isso estiver arrumado, quero-te aqui. Vamos passar a viagem de regresso aqui com este nosso amigo...



À medida que a tarde descia sobre a superfície do mar e a ondulação suave, uma espessa nuvem de fumo começou a elevar-se do navio mercante, já meio destruído. Podiam notar-se as chamas a dançar por entre o fumo, à medida que o fogo se espalhava a partir da coberta e tomava conta de toda a embarcação. Depressa se viu o cordame a arder, uma aparentemente desordenada rede de cabos e cordas iluminada como se fosse uma decoração infernal. O som das madeiras a serem consumidas, pontuado por estalidos típicos, e o próprio rugir das chamas, eram claramente audíveis para os homens que tripulavam os dois navios piratas, que agora rumavam na direcção oposta às praias da península itálica. Para lá do horizonte, a leste, ficava a costa ilírica, e o seu labirinto de enseadas e ilhotas desertas. Os sons do navio moribundo depressa ficaram para trás.

Daí a pouco, o único som que perturbava a serenidade do deslizar dos dois navios pelo calmo oceano era o dos uivos enlouquecidos de um homem que se via sujeito ao tipo de tortura que nunca, nem nos seus mais tenebrosos pesadelos, tinha imaginado.



II

— Roma... Merda... — Resmungou o centurião Macro, enquanto se levantava da cama, devagar, fazendo um esgar devido à terrível dor que lhe trespassava o crânio. — Ainda estou em Roma, e não saio disto.

Pelas portadas partidas da janela passava uma estreita faixa de luz que atravessava o quarto miserável e lhe ia bater em cheio na cara. Fechou os olhos com força, e inspirou lenta e profundamente. Na noite passada tinha bebido até à insensibilidade e agora, como era habitual, proferia uma silenciosa mas solene promessa de se manter eternamente afastado do vinho barato. Os últimos três meses estavam repletos de juras semelhantes. De facto, a frequência daqueles episódios tinha aumentado de forma perturbante nas últimas semanas, desde que tinha começado a suspeitar de que ele e o seu amigo Cato não voltariam a encontrar uma colocação nas legiões. Parecia-lhe já ter passado uma eternidade desde que tinham sido forçados a abandonar a Segunda Legião na Britânia, e a regressar a Roma. Estava desesperado para regressar à vida militar. Haveria com certeza alguma vaga numa das inúmeras legiões espalhadas pela vasta fronteira do Império. Parecia contudo que todos os centuriões em serviço activo estavam a gozar de uma saúde invejável. Ou isso, ou então havia alguma conspiração para o manter a ele e a Cato com pagamento suspenso e fora da lista de centuriões em actividade. Franziu o sobrolho ao considerar essa hipótese. Um desperdício dos seus muitos anos de experiência, concluiu, exasperado. E um mau começo de carreira para Cato, que fora promovido a centurião há menos de um ano.

Abriu um olho e percorreu com ele as tábuas nuas do soalho até avistar o outro lado do pequeno quarto. Os caracóis escuros e desarranjados de Cato emergiam sob várias camadas de capas e mantas, empilhadas sobre os miseráveis colchões de palha a tresandar a bolor que eram praticamente tudo o que existia no quarto quando o tinham alugado.

— Cato... — Chamou, em voz baixa, mas não recebeu resposta. Nada se movia no outro colchão. O miúdo ainda devia estar a dormir, de-

cidou. Bom, então, deixá-lo dormir. Estava-se no fim de Janeiro, as manhãs eram frias, e não fazia sentido um tipo levantar-se antes de o Sol ter tido tempo para aquecer aquela cidade apinhada. Mas ao menos não era aquele tipo de frio que tinham suportado no Inverno anterior, na Britânia, e que fazia gelar até os pensamentos. A ininterrupta miséria daquele clima frio e húmido tinha penetrado até ao mais íntimo dos corações dos legionários, e tinha-os tornado melancólicos e saudosos do calor de casa. E agora ali estava ele, em casa; só que a terrível frustração de ver a vida a passar sem actividade e as suas parcas economias a diminuírem todos os dias estavam a dar com ele em doido.

Levou uma mão à cabeça e coçou-se, maldizendo os piolhos que pareciam nascer em todos os recantos daquele prédio miserável.

— Cabrões dos piolhos, também estão metidos nesta história. — Resmungou em voz alta. — Porque será que toda a gente me quer lixar?

A queixa não deixava de ter razão de existir. Durante quase dois anos, ele e Cato tinham combatido e progredido no meio das selvagens tribos britânicas, e tinham desempenhado papel de relevo na derrota de Carátaco e da sua horda céltica. E que recompensa tinham tido por terem derrubado todas as ameaças? Um quarto húmido, num prédio quase em ruínas, num dos piores bairros de Roma, enquanto esperavam uma nova chamada ao serviço activo. Pior ainda, por causa de alguma burrice burocrática, ainda não tinham recebido qualquer salário desde que tinham regressado a Roma; e agora o dinheiro que tinham trazido da Britânia estava mesmo a acabar-se.

À distância escutava-se o alvoroço das vozes e gritos no fórum, enquanto a cidade começava a despertar para mais uma triste manhã de Inverno. Depois de um arrepio, puxou a pesada capa militar para cima dos ombros. Fez uma careta de dor, devido ao latejar constante do crânio, e pôs-se de pé, dirigindo-se à janela. Desapertou o cordel do prego entortado que servia de fecho improvisado e empurrou a portada partida para fora. As dobradiças rangeram em protesto, e a luz penetrou no quarto, forçando o centurião a semicerrar os olhos perante o brilho súbito. Mas depressa se habituou. Mais uma vez o agora familiar panorama de Roma abria-se à sua frente, e de novo não conseguiu evitar o assombro perante o espectáculo da maior cidade do mundo. O edifício em que se situava o quarto tinha sido construído no lado pobre da colina Esquilina, e dos andares superiores podia facilmente contemplar-se a congestionada miséria da Subura e depois os templos e palácios que se erguiam em redor do fórum, e ainda mais além os armazéns que se dispunham na margem do Tibre.

Tinham-lhe dito que no interior das muralhas de Roma se acovelavam perto de um milhão de pessoas. Do local em que se encontrava,

era fácil acreditar nisso. Seguindo pela encosta abaixo, os seus olhos contemplavam um caos geométrico de telhados, entre os quais as ruelas estreitas que percorriam o bairro e que só se deixavam adivinhar pelos espaços entre os sujos cantos dos apartamentos mais elevados. Sobre a cidade espalhava-se uma nuvem de fumo, e o cheiro acre da madeira queimada era tão intenso que conseguia mesmo sobrepor-se ao fedor a urina que vinha das instalações do pisoeiro, no piso térreo do prédio em que Macro habitava. Mesmo depois de três meses passados na cidade, o centurião ainda não se tinha acostumado ao odor da cidade. Nem à imundície que preenchia as suas ruas: uma mistura escura de excrementos e restos de comida podre, que nem o mais miserável dos pedintes era capaz de aproveitar. E, por todo o lado, o fluxo constante de corpos para cá e para lá: escravos, mercadores e artesãos. Vinham de todas as partes do Império, e exibiam ainda as vestes próprias das suas culturas, formando um padrão de cores e estilos exóticos. E à volta deles passava a corrente interminável de cidadãos, numa constante busca de algo com que se entreterem quando não estavam nas bichas para a distribuição de trigo. Aqui e ali viam-se as liteiras dos ricos, cujos ocupantes viviam num outro mundo, longe da população, e chegavam ao nariz cremes e pomadas, numa tentativa de afastar a atmosfera pútrida da cidade e substituí-la por algo mais agradável.

Era aquela a realidade da vida em Roma, e tal facto não cessava de assombrar Macro. Espantava-o que uma tão enorme massa humana fosse capaz de suportar tamanha afronta aos sentidos, sem sequer almejar uma outra vida, livre e fresca, longe da cidade. Tinha a certeza de que Roma daria com ele em doido, e depressa.

Apoiou os cotovelos na madeira gasta do peitoril e espreitou para a rua sombria que passava ao lado do prédio. Os olhos percorreram os tijolos descarnados e sujos da fachada por baixo da janela, e a vista desceu até à rua, fazendo os passantes assemelharem-se a insectos de quatro membros, distantes e olvidáveis enquanto se dedicavam aos seus assuntos. Aquele quarto no sétimo andar do prédio era o local de construção humana mais elevado em que Macro alguma vez se vira, e a altura fazia-o sentir-se um tanto tonto.

— Merda...

— Merda, o quê?

Macro virou-se e apercebeu-se de que Cato já estava acordado, esfregando os olhos enquanto bocejava.

— Eu. Sinto-me na merda.

Cato examinou-o, lançando um olhar reprovador e abanando a cabeça.

— Bom, é isso que parece.

— Obrigadinho.

— Era melhor limpar-se.

— Para quê? De que é que isso me servia? Não vale a pena o esforço, se não há nada para fazer durante todo o dia.

— Somos soldados. Se nos desleixarmos agora, nunca recuperaremos o aprumo. E além disso, uma vez legionário, sempre legionário. Foi o que me disse.

— Quem, eu? — Macro ergueu o sobrolho, num gesto interrogativo. — Devia estar bêbado.

— Sabe-se lá.

— Já chega de piadinhas. — Gemeu, ao sentir a cabeça recomeçar a rodopiar. — Tenho de descansar mais um bocado.

— Não vai poder ser. Temos de nos preparar. — Cato pegou nas botas, calçou-as e começou a apertar os atilhos de cabedal.

— Preparar? — Macro olhou-o. — Para quê?

— Esqueceu-se?

— Esqueci-me? Do quê?

— Da reunião no palácio. Contei-lhe ontem à noite, quando o encontrei na taberna.

Macro franziu o sobrolho, enquanto se esforçava por recordar os detalhes dos acontecimentos da noite anterior.

— Qual delas?

— O Párcio Pintado. — Respondeu pacientemente Cato. — Estava a beber com uns veteranos da Décima quando eu cheguei e lhe disse que tinha conseguido marcar uma entrevista com o procurador responsável pelas colocações dos legionários. Será na terceira hora. Portanto, não temos muito tempo para comer qualquer coisa, nos lavarmos e fardarmos antes de ir para o palácio. Hoje é dia de corridas no Circo Máximo; se queremos escapar à multidão, temos de nos despachar. Parece-me que devia comer qualquer coisa. Para acalmar o estômago.

— Sono. — Retorquiu Macro calmamente, enquanto se acomodava na cama, enroscando-se sob a capa. — Uma boa soneca vai fazer-me maravilhas ao estômago.

Cato acabou de apertar as botas e levantou-se, encolhendo o pescoço para evitar uma cabeçada na trave que atravessava o quarto — uma das ocasiões em que ser uma cabeça mais alto do que Macro se revelava uma desvantagem. Pegou na saca de cevada moída que estava junto ao resto das suas posses, encostadas à parede, ao pé da porta. Abriu-a e deitou uma dose em cada uma das malgas, antes de voltar a fechá-la cuidadosamente, enrolando-a e dando nós para evitar a entrada de ratos.

— Bom, vou preparar a papa. Enquanto não volto, podia começar a polir a couraça.

Depois de a porta se fechar, Macro voltou a cerrar os olhos e tentou ignorar a dor que lhe ocupava o crânio. Sentia o estômago vazio e cheio de nós. Comer qualquer coisa só lhe podia fazer bem. O Sol já subira mais uns graus no céu; reabriu os olhos. Deu um ai, afastou a capa que o cobria e dirigiu-se às pilhas de equipamento junto à porta. Apesar de terem a mesma patente, a verdade é que Macro tinha mais de doze anos de antiguidade como centurião, e por vezes parecia-lhe bizarro seguir as instruções do jovem. Mas, lembrou-se com amargura, a verdade é que não estavam ao serviço. A antiguidade era praticamente irrelevante. Na prática, eram apenas dois amigos a tentar sobreviver até ao momento em que conseguissem finalmente arrancar das mãos dos avarentos funcionários do tesouro imperial os salários atrasados a que tinham direito. Era portanto fundamental poupar todos os sestércios, enquanto uma nova colocação não aparecia. O que não era fácil, dada a inclinação de Macro para gastar tudo o que possuía em bebida.



A estreita escadaria era iluminada apenas por frestas na parede, de dois em dois patamares, pelo que Cato, com os braços ocupados, tinha de descer com todas as cautelas, tentando evitar passos em falso sobre as tábuas que rangiam. À volta apercebia-se dos sons dos outros inquilinos, à medida que despertavam: o choro de crianças, os gritos exasperados dos pais e as lamentações monótonas de todos aqueles que enfrentavam mais um longo dia de trabalho algures na cidade. Embora tivesse nascido em Roma, Cato crescera no palácio e de lá saíra para as legiões, pelo que nunca tivera ensejo ou motivo para conhecer as zonas pobres da urbe, muito menos para entrar num daqueles prédios em que se amontoavam os trabalhadores. Tinha sido para ele um choque perceber que era assim que viviam muitos dos cidadãos livres de Roma. Nunca imaginara tanta miséria. Os escravos do palácio viviam melhor. Muito melhor.

Na base das escadas virou para o interior do bloco, e saiu para o escuro pátio interno, onde se situava a cozinha comunitária. Um velhote de ar esquelético remexia o conteúdo de uma panela enegrecida, e o cheiro a comida espalhava-se pelo ar. Mesmo tão cedo já havia gente na fila à frente de Cato, uma mulher magra que vivia num quarto do sexto andar com uma família numerosa, mesmo por baixo dos dois centuriões. O marido trabalhava nos armazéns; era um homem entroncado, que regularmente se embebedava e espancava a esposa e os filhos, de forma claramente perceptí-

vel no andar superior. Ao ouvir o som das botas cardadas de Cato no empedrado, a mulher virou-se e olhou-o. Há algum tempo tinha partido o nariz, e hoje eram a maçã do rosto e um dos olhos que se apresentavam marcados. Ainda assim, sorriu-lhe, e Cato sorriu em resposta, nem que fosse pela pena que a mulher lhe inspirava. Ela podia ter uma idade qualquer entre os vinte e os quarenta, mas a trabalhadeira de cuidar da família enquanto tentava constantemente aplacar as fúrias do brutamontes do marido tinha deixado as suas marcas, e não era agora mais do que um farrapo humano desesperado, de pés nus, numa túnica em ruínas, um recipiente de bronze numa mão e um bebé adormecido na outra, amparado com a anca.

Cato desviou o olhar, não querendo prolongar o contacto, e sentou-se na outra ponta do banco, à espera da sua vez. Na arcada que preenchia o lado mais distante do pátio viam-se os escravos do pisoeiro, já em plena actividade, encarregando-se da primeira carga: um pequeno vagão repleto de túnicas e togas, de uma das famílias ricas que recorriam aos seus serviços de lavandaria. As roupas eram lançadas directamente para o tanque de tratamento, repleto de urina, dentro do qual os escravos, seminus, as esfregavam e limpavam de traços de sujidade. O jovem recordou-se de que tinha de trazer o balde do quarto, depois do pequeno-almoço. O conteúdo, vendido ao pisoeiro, render-lhes-ia umas moedas, o suficiente para umas bebidas, ou seja, para começar a encher outro balde, reflectiu, com um sorriso.

— Olá, centurião.

Ergueu o olhar e reparou que a esposa do pisoeiro saíra do estabelecimento e lhe sorria abertamente. Era mais jovem do que ele, mas era casada com o envelhecido pisoeiro há já três anos. Para ela, uma jovem engraçada mas rude do bairro de Subura, tinha sido um excelente casamento, e já tinha planos para o estabelecimento, no dia em que o marido falecesse. Nessa altura, para dar corpo à sua ambição, far-lhe-ia falta um parceiro. Tinha explicado tudo isto a Cato, sem que ele tivesse feito qualquer pergunta, e logo que se tinha instalado no prédio; as implicações eram evidentes.

— Bom-dia, Lénia. — Saudou-a. — É bom ver-te.

Da outra ponta do banco ouviu-se um distinto fungar de desprezo.

— Ignora-a. — Lénia continuou a sorrir. — A senhora Dídio acha que é melhor do que nós. Como vai o fedelho, o Marco? Ainda continua a meter o nariz onde não é chamado?

A outra mulher virou-lhe as costas, apertando o filho contra o peito sem se dignar a responder. Lénia pôs as mãos à cintura e lançou uma gargalhada de triunfo, antes de voltar a dirigir a atenção para Cato.

— E como está o meu querido centurião hoje? Novidades?

Cato abanou a cabeça.

— Ainda não há colocações, nem para mim nem para o meu amigo. Mas esta manhã temos uma reunião no palácio. Talvez logo à tarde tenha boas notícias.

— Oh... — Lénia fez uma careta. — Bom, suponho que te devo desejar boa sorte.

— Seria agradável, sim.

Ela encolheu os ombros.

— Mas não percebo essa preocupação toda. Já passou quanto tempo? Cinco meses?

— Três.

— E se continuar a não haver novidades? Devias pensar em fazer qualquer coisa da tua vida. Algo que fosse mais compensador. — Arqueou a sobrancelha e fez uma boquinha. — Um jovem como tu podia ir longe, se tivesse a companhia adequada.

— Talvez. — Cato sentiu que corava, e olhou de relance na direcção da fogueira. A evidente atenção que recebia de Lénia embaraçava-o, e queria sair do pátio antes que ela se pusesse a elaborar planos mais detalhados.

O velhote que tinha estado de volta do lume já levantara a panela fumegante, e transportava-a agora cuidadosamente a caminho das escadas. A mulher de Dídio pegou nos seus recipientes.

— Desculpe. — Cato levantou-se. — Importa-se que eu me despache primeiro?

A mulher ergueu o olhar, os olhos encovados lançando uma questão silenciosa.

— Esta manhã estamos com alguma pressa. — Explicou o jovem. — Temos de nos despachar rapidamente. — Pôs uma expressão de súplica, e inclinou muito ligeiramente a cabeça na direcção da esposa do pisoeiro. A outra mulher fez um sorriso quase imperceptível e olhou para Lénia sem esconder a satisfação perante o ar frustrado da outra.

— Com certeza, senhor. Uma vez que tem tanta necessidade de sair daqui.

— Muito obrigado. — Acenou em gratidão, e colocou as malgas sobre a grelha quente. Deitou alguma água, misturando-a com a cevada moída, e começou a mexer a mistura, à medida que esta aquecia.

Lénia fungou, virou-se e dirigiu-se a passos largos para o interior do estabelecimento do marido.



— Ela continua a atirar-se a ti, não é? — Riu-se Macro, enquanto limpava o fundo da sua malga de estanho com uma côdea.

— Temo que sim. — Cato já terminara a refeição, e estava a encher os cabedais da farda com um trapo velho. As medalhas prateadas que recebera pela bravura em combate brilhavam como moedas acabadas de cunhar, presas na posição correcta. Já tinha vestido a pesada túnica militar e a armadura articulada, e colocara as grevas polidas sobre as canelas. Apanhou mais uma porção de cera no trapo e esfregou o cabedal resplandecente.

— E estás a pensar em fazer alguma coisa quanto a esse assunto? — Continuou Macro, tentando esconder o sorriso.

— Nem pensar nisso. Já tenho preocupações suficientes. Se não saímos daqui e depressa, vou dar em doido.

Macro abanou a cabeça.

— És novo. Tens pela frente uns bons vinte ou vinte e cinco anos de serviço. Tens todo o tempo do mundo. Para mim, é diferente. No máximo, tenho mais uns quinze anos. A próxima colocação vai ser com certeza a minha última possibilidade de arranjar dinheiro suficiente para me aguentar na reforma.

A preocupação na voz do amigo era evidente, e Cato interrompeu o que estava a fazer, olhando-o.

— Bem, nesse caso será melhor que aproveitemos bem esta manhã. Passei dias a rondar o gabinete do secretário até conseguir marcar esta reunião. Vamos ver se não chegamos atrasados.

— Está certo, miúdo. Já percebi. Vou-me arranjar.

Pouco depois, Cato deu um passo atrás, examinando o aspecto de Macro com ar crítico.

— Que tal estou?

Cato observou-o de alto a baixo, e crispou os lábios.

— Menos mal. Temos de ir.

Quando os dois oficiais emergiram da escuridão das escadas para a rua, as cabeças viraram-se para apreciar o espectáculo das couraças brilhantes e das capas escarlates impecáveis, ainda com aroma a lavandaria. Ambos levavam os capacetes colocados, e as cristas ondulavam sobre o metal que refulgia. Com a vara numa mão, e a outra pousada no punho da espada, Cato inspirou fundo e aprumou-se.

Alguém lançou uma assobiadela de admiração, e o jovem virou-se; reparou imediatamente em Lénia, encostada de forma langorosa à entrada da loja do marido.

— Ora vejam só, olhem-me bem para eles! Dava-me jeito um homem de uniforme...

Macro sorriu-lhe.

— Será um prazer ajudá-la. Assim que voltarmos do palácio, venho aqui ter.

Lénia fez um sorriso pálido.

— Isso seria muito interessante... os dois davam-me jeito, de facto.

— Serei o primeiro a prestar-lhe auxílio. — Assegurou Macro.

Cato pegou-lhe no braço.

— Vamos chegar atrasados. Temos de ir.

Macro piscou o olho a Lénia e seguiu Cato. Alinhados, marcharam garbosamente pelas ruas, descendo para o fórum e dirigindo-se às imponentes colunas brancas e vermelhas do grandioso palácio imperial, que se erguia no Palatino.



III

— Centuriões Macro e Cato? — Indagou o pretoriano, franzindo o sobrolho, enquanto percorria com a vista a tábua colocada à sua frente, sobre a secretária. — Não estão na lista.

Macro sorriu-lhe.

— Vê lá outra vez. Com cuidado, se me entendes.

O guarda sacudiu os ombros enquanto lançava um suspiro de cansaço, tornando bem evidente que já tinha passado por incontáveis cenas semelhantes. Recostou-se para trás, e abanou a cabeça.

— Desculpe, senhor. Tenho as minhas ordens. Ninguém pode ter acesso ao palácio se não tiver o nome na lista.

— Mas nós estamos na lista. — Insistiu Cato. — Temos uma reunião marcada no gabinete do exército. Com o procurador responsável pelas colocações. Neste preciso momento, por isso temos de entrar.

O guarda arqueou as sobrancelhas.

— Senhor, faz ideia de quantas vezes já tentaram usar esse argumento comigo?

— Mas é verdade.

— Só é verdade se o seu nome estiver na lista, senhor. Como não está, não tem nenhuma reunião marcada.

— Espera aí. — Cato concentrou a atenção no guarda. — Olha, é evidente que alguém cometeu um erro. Garanto-te que temos de facto uma reunião. Marquei-a com o secretário do procurador, ontem mesmo. Como é que ele se chama...? Demétrio, é isso. Manda-lhe uma nota a explicar que estamos aqui à entrada. Ele há-de confirmar a minha história.

O guarda virou-se para um pequeno grupo de jovens escravos que se amontoavam num nicho lateral, perto das colunas que marcavam a entrada do palácio.

— Tu! Vai ao gabinete do exército. Procura o Demétrio e diz-lhe que estão aqui uns oficiais que dizem que têm uma reunião marcada com o procurador.

— Obrigado. — Murmurou Cato, e puxou Macro das redondezas da secretária, arrastando-o para um dos bancos que se alinhavam junto à parede, ladeando a entrada do palácio imperial.

Enquanto se sentavam, Macro resmungava.

— Convencido de merda. Deuses! Ah, se gostava de o ter só para mim na parada, para umas horitas de treino a sério. Lá se lhe ia a dureza toda. Sacanas de pretorianos! Julgam que toda a gente lhes deve alguma coisa. E os guardas do palácio são os mais madraços dentre todos esses filhos da puta.

Esperaram em silêncio que o mensageiro regressasse; Cato admirou a vastidão do edifício em que mal tinham penetrado. Tinha sido construído na encosta da colina do Palatino, e vários andares de aposentos davam para o fórum. O jovem centurião tinha crescido entre aquelas paredes. Tinham sido quase tudo o que conhecera do mundo — até que o seu pai morrera e ele tinha sido enviado para as legiões, pouco mais de dois anos atrás. Agora, paredes e colunatas, antigos territórios de brincadeiras, pareciam-lhe estranhas e, bizarramente, mais pequenas. Raciocinando, lembrou-se de que deixara o palácio praticamente ainda um menino, e de que tinha percorrido o Império, por terra e mar, e de que já tinha presenciado, e de que maneira, os horrores da guerra. Tudo isso o mudara, e o fazia ver o mundo com outros olhos. Ainda assim, sentir-se um estranho perante as colossais paredes que encerravam tantas das suas memórias fê-lo sentir um peso no coração. De repente sentiu-se muito mais velho do que era, e estremeceu, aconchegando-se melhor na capa militar que envergava.

Quando o mensageiro regressou, trocou algumas palavras com o pretoriano, após o que este se virou e fez sinal aos dois centuriões.

Dirigiu a palavra a Cato.

— Senhor, parece que tinha razão. O Demétrio vai recebê-los agora.

— Ah, vai, não vai? — Desdenhou Macro. — É muito gentil da parte dele.

O pretoriano lançou-lhe um sorriso seco.

— Nem imagina quanto. Bom, seja como for, sigam o rapaz.

Marcharam através do pátio da entrada, atravessaram um pequeno pátio, e entraram no edifício principal do palácio. Lá dentro, as pontas metálicas das solas das suas botas ecoaram distintamente nas paredes elevadas do corredor por onde seguiram. Passaram por inúmeras portas abertas, através das quais se podiam ver escribas e secretários nas suas funções, registando tudo e mantendo as pesadas rodas do Império a girar. Nas paredes dos escritórios viam-se prateleiras de alto a baixo, repletas de rolos e tábuas, cada compartimento identificado por um número. A luz espalha-

va-se nestes gabinetes a partir de janelas com grades no cimo das paredes, e Macro não pôde deixar de imaginar como seria a vida de um daqueles homens, anos e anos a trabalhar num espaço confinado, sem um vislumbre do mundo exterior.

Chegaram a uma escada estreita ao fim daquela passagem, e subiram quatro lanços até encontrarem outro corredor. As salas que davam para ele eram espaçosas e luminosas, e a maior parte delas possuía janelas, de onde se devia ter uma espantosa vista sobre a cidade. O escravo deteve-se junto a uma porta aberta, e raspou a madeira para se fazer notar.

— Entrem! — Gritou uma voz esganiçada.

Antes de passarem a porta, Cato chegou-se ao amigo e segredou-lhe.

— Deixe-me ser eu a falar. Sei como lidar com estes tipos do palácio.

O escravo conduziu-os ao interior, e perceberam que estavam numa antecâmara. Junto a uma parede viam-se dois bancos, e em frente destes havia três janelas que deixavam entrar luz e ar fresco. Demasiado fresco, considerou Cato, quando sentiu um arrepio. Ao fundo da sala via-se uma porta encerrada. De um dos lados encontrava-se uma grande secretária, feita de alguma madeira exótica, escura; por trás dela sentava-se o homem com quem Cato se tinha brevemente avistado na véspera. Demétrio era um homem quase insignificante, que envergava uma túnica simples mas cuidada. Tinha um perfil grego clássico, e o cabelo esparsa estava cuidadosamente penteado, com os habituais caracóis oleados. Todo o seu porte anunciava ao mundo o poder e influência de que se julgava possuidor. Ao seu lado via-se um braseiro, espalhando calor. No banco mais próximo desta fonte de algum prazer sentavam-se três oficiais.

Demétrio mal levantou os olhos do pergaminho que examinava para lhes fazer sinal para se aproximarem.

— Centuriões Macro e Cato? Estão atrasados.

As bochechas de Macro incharam-se imediatamente, mas antes que o amigo pudesse protestar, Cato interveio.

— Fomos retidos à entrada. O guarda não tinha nenhuma indicação sobre a nossa reunião. — Cato sorriu. — Sabe como eles são. Espero que não tenhamos perdido a hora para o nosso encontro com o procurador.

— Mas perderam-na, de facto. — Respondeu Demétrio, em tom neutro.

— Perdemo-la? — Macro pôs-lhe o dedo em riste mesmo à frente da cara. — Oiça lá...

— Voltem amanhã.

— Nem pensar nisso.

Demétrio encolheu os ombros.

— É convosco. — Chamou o mensageiro com um gesto da cabeça.

— Faz o favor de mostrar a estes senhores a saída.

— Não vamos a lado nenhum! — Rosnou Macro. — E vamos ter uma reunião com o procurador. É bom que isso seja tratado, e já.

— O procurador é um homem muito ocupado. Deviam ter estado aqui à hora combinada.

Macro debruçou-se sobre a secretária, para tentar intimidar o outro.

— E tu devias ter-te assegurado de que os nossos nomes estavam na maldita lista.

— O problema não é meu.

— A partir daqui, podes crer que é teu. — Macro fez menção de desembainhar a espada, e os olhos de Demétrio arregalaram-se ao ver que alguns centímetros da lâmina ficavam à vista. Estremeceu, e voltou a encarar Macro, que mostrava uma expressão fria e determinada.

— Não te atreverias...

— Experimenta.

Por momentos, Demétrio hesitou, e lançou com o olhar um apelo surdo aos outros oficiais presentes, mas estes limitaram-se a sorrir e a deixarem-se estar à espera da sua vez.

— Olha que eu chamo os guardas.

— Força. — Incitou Macro. — Mas muito antes de eles cá chegarem, já tu saíste pela janela num belo embrulho. Deve ser uma altura e tanto... — Sorriu ao homem. — Bom, e agora, por favor, podemos então ir falar com o procurador?

Demétrio engoliu em seco, e remexeu a secretária até encontrar uma tábua encerada.

— Sim, bom, deixem-me ver. Sim, suponho que ele vos pode dedicar alguns minutos quando acabar a reunião em que está agora. — Olhou para os centuriões com ar desesperado. — Se quiserem sentar-se um bocadinho...

Macro endireitou-se e assentiu, satisfeito.

— Muito obrigado.

Enquanto ele e Cato se juntavam aos outros oficiais sentados no banco, piscou o olho ao amigo e fez uma sugestão.

— Daqui para a frente, deixa-me ser eu a falar. Parece-me que também já percebi como é que se lida com esta malta do palácio.

Os outros oficiais inclinaram-se à vez, apresentando-se aos recém-chegados. Dois eram veteranos, de faces curtidas e repletas de cicatri-

zes, e cabelo hirsuto e grisalho. Ambos tinham os peitos repletos de medalhas, e um deles ostentava uma pesada pulseira de ouro no pulso. O terceiro era um tipo jovem, via-se que recém-graduado, e sem uma única medalha ao peito. Demonstrava timidez e pouco à-vontade na companhia de homens cuja experiência era claramente muito mais vasta do que a sua.

Um dos veteranos indicou Demétrio com um gesto da cabeça.

— Bem jogado, centurião... Macro, ou Cato?

— Macro. Anteriormente da Augusta Segunda Legião. Tal como aqui o Cato.

— Lólio Asínio. E este é o Hosídio Mutilo. Estamos à espera da papelada para nos irmos juntar à Décima. O miúdo é o Flaco Sósio. Aguarda a primeira colocação.

O jovem centurião sorriu brevemente ao fixar a atenção nos dois oficiais acabados de chegar.

— A Augusta? Então estiveram na Britânia? Que tal é aquilo?

Macro concentrou-se antes de responder, recordando dois anos repletos dos mais ferozes combates a que assistira ao longo da carreira. Tantos homens tinham morrido — homens de valor, amigos de muitos anos, mas também outros tipos cujo nome mal tivera tempo de saber antes de os ver desaparecer. E o inimigo: brutal mas corajoso, e sempre incitado por aqueles demoníacos druidas. Como era aquilo?

— Frio.

— Frio? — Sósio pareceu confundido perante tal resposta.

Macro confirmou.

— Sim, frio. Não te metas por esses caminhos. Vê se arranjas uma colocação num sítio confortável. Na Síria, por exemplo.

Cato abanou a cabeça, exasperado. Desde que conhecia Macro que aguentava aquela lengalenga, de que a Síria era a melhor colocação possível para um oficial do Império. A ambição do amigo, a sua completa realização, seria conseguir a possibilidade de se perder nos lupanares orientais.

— A Síria? — Riu Asínio. — Nós viemos mesmo de lá. Estivemos a treinar umas unidades auxiliares em Damasco.

Macro aproximou-se do outro centurião, os olhos a brilhar de entusiasmo e concentração.

— Conta-me tudo — ah, a Síria. É tão bom como se conta?

— Bem, não sei o que se conta exactamente, mas...

Nesse preciso instante, a porta do gabinete do procurador abriu-se de par em par, e um homem assomou à antecâmara. De imediato Macro e Cato se puseram de pé e em sentido, seguidos rapidamente pelos outros. Demétrio foi o último a levantar-se, levando o tempo suficiente para mostrar que não era apenas um funcionário subserviente. O outro homem ves-

tia a toga senatorial em todo o seu esplendor, com uma larga faixa púrpura junto à bainha. Acenou brevemente aos centuriões, reconhecendo a sua saudação, e voltou para o interior do gabinete, enquanto Demétrio o seguia.

— Senhor, estão aqui os centuriões Licínio Cato e Cornélio Macro para o verem.

— Estão na lista?

— Uma falha dos serviços, senhor. O escrivão responsável será punido.

— Oh, muito bem. Manda-os entrar.

Demétrio permaneceu junto à porta, cerrando-a assim que os dois centuriões entraram no gabinete do procurador.

Viram-se numa sala de grandes dimensões, cujo chão estava coberto por uma série de espessos tapetes. A sala ficava num dos cantos do palácio, pelo que tinha janelas a dar para dois lados. Janelas envidraçadas, notou Macro com mal-disfarçado espanto perante o luxo evidente no arranjo do gabinete. Ao fundo, por trás de uma mesa de mármore, sentava-se o procurador, um homem gordo de cabelo escuro e anéis de ouro em quase todos os seus anafados dedos. Olhou-os com uma expressão irritada.

— Vá lá, despachem-se! Cheguem-se aqui, e depressa!

Macro e Cato caminharam em passo marcial e colocaram-se em sentido, em frente à mesa. O procurador fungou e recostou-se no cadeirão que ocupava, revelando o rotundo ventre na forma como o tecido da túnica se esticou.

— Qual é afinal a finalidade da vossa visita?

— Senhor, gostaríamos de ser recolocados nas legiões. — Respondeu Cato.

O procurador apontou uma pilha de tábuas sobre a secretária.

— Sim, isso já sei. Deves ser o centurião Licínio Cato. Há muitos meses que fazes repetidos pedidos para seres colocado numa legião.

— Há três meses, sim, senhor. — Confirmou Cato.

— Bom, pela quantidade de mensagens, e pela conversa interminável dos meus assistentes acerca de ti, parece que já faz mais tempo. A verdade é que não posso tomar qualquer decisão até ter informações definitivas sobre o teu estatuto.

— Estatuto? — Interrompeu Macro. — Senhor, o que quer isso dizer?

O procurador entrelaçou os dedos e apoiou neles as dobras do queixo volumoso.

— Há alguns dias, recebi a informação de que o centurião Cato foi

condenado à morte pelo general Pláucio, comandante do exército da Britânia. Este facto é correcto, ou não?

Cato sentiu uma impressão gelada na boca do estômago. Assentiu.

— Sim, senhor. Mas posso explicar a situação.

— Será melhor, com efeito.

Cato engoliu em seco.

— A coorte foi condenada à dizimação por não ter cumprido ordens. Facto que resultou na fuga do comandante inimigo, com parte do seu exército. O centurião Macro e eu mesmo conseguimos capturá-lo, e a sentença de morte foi levantada pelo legado da Segunda Legião.

— Sim, já conhecia essa história. Mas a verdade é que, ao levantar essa sentença, o legado Vespasiano excedeu a autoridade de que dispunha. E posso acrescentar que existem, em círculos mais elevados, algumas questões quanto ao vosso possível envolvimento na morte do comandante da vossa coorte. E refiro-me à vossa possível cumplicidade nesse facto.

Deixou-se ficar em silêncio, enquanto os dois oficiais mal se moviam e tentavam mostrar indiferença nas expressões faciais. Não se atreviam a olhar um para o outro, e mantinham o olhar fixo em frente. Continuou então.

— Sei também que, depois da dizimação, o vosso comandante não era propriamente bem visto pelas tropas.

— Senhor, duvido que isso o surpreenda. — Arriscou Macro, encolhendo os ombros. — A maior parte dos homens considerava-o responsável pela punição que foi imposta à coorte.

— A maior parte dos homens? — O procurador perscrutou a expressão de Macro. — E os oficiais, não tinham a mesma ideia?

Macro confirmou-o com um gesto silencioso.

— Bem, então por certo compreendem que a morte do centurião Máximo tenha levantado muitas suspeitas. E, naturalmente, perante tão graves acusações, o exército resolveu investigar a questão a fundo. Já enviei uma missiva ao general Pláucio, solicitando-lhe um relatório completo sobre as ocorrências. Ainda aguardo a resposta. Mas dentro de pouco tempo deveremos ter noção de como as coisas se passaram realmente. E, nessa altura, das duas uma: ou vocês ficarão isentos, e então poderei atribuir-lhes novas colocações, ou serão detidos e muito provavelmente executados, de acordo com as leis do Império... Entretanto, agradecia que não tentassem deixar a cidade.

Ergueu o olhar e verificou o desespero bem expresso nas faces dos oficiais; por um breve momento, deixou cair a severa máscara burocrática e meneou tristemente a cabeça.

— Lamento, mas nada mais há que eu possa dizer ou fazer. Só au-

torizei esta reunião por achar que vocês deviam saber em que pé está a situação. Atendendo às vossas folhas de serviço, penso que Roma vos devia pelo menos isso.

Macro fez um sorriso triste.

— Isso e muito mais, atrevo-me a dizê-lo.

— Talvez. — O procurador encolheu os ombros. — Não me cabe a mim julgar tal questão. Bom, penso que é o momento de terminar esta reunião.

Macro e Cato mal perceberam a subtil ordem, e ficaram ainda alguns instantes a olhar em frente. Só quando o procurador pegou numa tábua nova e num estilete é que compreenderam que deviam deixar a presença do funcionário imperial.

Já no exterior do gabinete, Cato voltou-se devagar para Macro, os ombros magros completamente abatidos, fazendo com que este se apercebesse do efeito que as palavras do procurador tinham tido no seu jovem amigo.

— Vá lá, Cato, aguenta-te... — Macro pegou-lhe no braço, e foi assim que se encaminharam para a saída do palácio.



IV

Deixaram o palácio e lutaram para abrir caminho por entre a multidão que enxameava o fórum. Famílias deslocavam-se em grupo, por entre bandos de jovens barulhentos que empunhavam jarros de vinho, e toda a gente se dirigia para o Circo Máximo, tentando chegar cedo e conseguir bons lugares para assistir às corridas que decorreriam durante todo o dia. Furando por entre esta excitada maré humana, os dois centuriões conseguiram alcançar uma taberna numa esquina. A clientela habitual das manhãs, constituída por condutores de carroças e porteiros nocturnos, começava a dispersar, já que os homens exaustos, e agora também inebriados, se lembravam de que tinham de ir para casa passar umas horas a dormir.

Macro chamou o empregado com um aceno.

— Cavalheiros, o que vai ser? — Perguntou o untuoso jovem, enquanto avaliava o uniforme dos novos clientes e calculava a gorjeta que poderia vir a receber se tratasse bem dos dois centuriões.

— Um jarro do vinho mais barato que tiveres. Dois copos. — Retorquiu Macro, sem delongas. — E depressa.

— Depressa foi pedido, em breve será bebido. — Sorriu. — É o nosso lema.

— Muito giro. — Macro encarou-o. — Mas ainda seria mais veloz se nos poupasses a ele.

— Certo... Sim, acho que sim. — Esgueirou-se de volta ao balcão, permitindo a Macro dedicar alguma atenção ao amigo. Cato olhava sem ver a multidão que enchia o fórum, na direcção do palácio, nas austeras alturas do Palatino. Não tinha pronunciado uma palavra desde que tinham saído do gabinete do procurador, e estava agora ali sentado, ainda e sempre em silêncio. Macro deu-lhe uma palmada amigável no braço.

— Anima-te, miúdo. Já pedi o vinho.

Cato virou a cabeça e encarou o amigo.

— Não tenho colocação nas legiões, estou quase sem dinheiro, e

agora, ao que parece, vou ser executado, um dia destes. Acha mesmo que um copo de vinho barato é capaz de me ajudar?

Macro encolheu os ombros.

— Bom, mal não te vai fazer. Aliás, o vinho tem uma forma curiosa de fazer as coisas parecerem melhores.

— Você lá sabe. — Resmungou Cato. — Nos últimos três meses bebeu o suficiente para deixar de rastos um exército completo.

O empregado regressou, fez tilintar duas taças de barro samnita ao colocá-las sobre a mesa entre os dois oficiais, encheu-as e, com um floreado, deixou o jarro aos clientes.

— Ouviram as notícias?

Macro e Cato viraram-se para ele, ambos com expressões que indicavam claramente que seria melhor ele calar a boca e bater em retirada para trás do balcão. Mas o sujeito não estava disposto a perder uma gorjeta por falta de empenho e encostou-se a um grosso poste de madeira que suportava os três andares por cima da taberna.

— O Pórcio está de volta.

— Pórcio? — Macro ergueu uma sobrancelha. — Quem é esse gajo, e por que carga de água havia eu de querer saber dele?

O outro abanou a cabeça, consternado perante a ignorância dos dois oficiais.

— Bem, é só o melhor condutor que alguma vez correu pelos azuis! É o cabeça de cartaz para esta tarde. Faz correr os cavalos como se tivesse nascido com as rédeas na mão. — Inclinou-se para eles. — Aliás, deixem-me dizer-vos, se tiverem uns trocos para apostar, posso conseguir-vos boas probabilidades.

— Deixa-os em paz. — Resmungou uma voz vinda da mesa ao lado, e Macro viu-se a olhar para o rosto de um guarda pretoriano, que se tinha virado para eles. — Esse Pórcio não passa de um merdoso convencido. Pensa que é o melhor. Se tivesse verdadeiramente algum talento, corria era pelos verdes. Senhor, poupe o seu dinheiro. Aposte no Népio. Esse sim, corre pelos verdes.

— Népio! — O empregado cuspiu no chão. Olhou para o guarda com desprezo e a mal-disfarçada hostilidade que os apoiantes das diversas cores reservavam uns para os outros. Depois voltou para o bar, deixando ainda, de passagem, alguns remoques aos dois centuriões. — Vale mais atirar o dinheiro para a sarjeta do que apostar no cretino do Népio.

— Ouvi essa! — Gritou o pretoriano.

— Corridas. — Comentou Cato, calmamente. — Se um dia alguma coisa destruir este Império, serão as corridas, com toda a certeza.

Mas Macro não o escutava. Os seus olhos não se despegavam do guarda. Dirigiu-se ao homem e tocou-lhe no ombro.

— Olá, amigo. — Sorriu. — Essas corridas — não terás por acaso alguma indicação que não te importasses de partilhar com um camarada de armas?

— Indicações? — O tipo olhou em volta, mas mais ninguém parecia prestar-lhe atenção. — Tenho, sim, tenho uma boa para si: não aposte naquele cabrão do Pórcio. — Tocou no nariz. — Sei muito bem como são as coisas, e digo-lhe, senhor, Népio é o tipo certo. Uns tantos sestércios apostados nele, e é a felicidade garantida. E agora, senhor, se me permite, tenho de ir. — Afastou o banco, fazendo-o raspar contra as pedras da parede, levantou-se a custo, e abriu caminho, titubeando por entre os clientes da taberna e perdendo-se imediatamente na multidão que percorria o fórum.

— Duvido que consiga ir a direito até ao palácio. — Resmungou Cato. — Ainda assim, quem me dera ter os problemas que ele tem.

Macro voltou-se para o amigo, tentando a todo o custo encontrar palavras que o reconfortassem, por pouco que fosse, mas a verdade é que nunca tivera qualquer jeito para coisas do género.

— É, miúdo, um azar do caraças.

— Azar do caraças? — Cato lançou uma série de gargalhadas amargas. — Oh, é muito melhor do que isso. Quer dizer, depois de tudo o que passámos, depois de tudo o que fizemos pelo general Pláucio, pode ter a certeza de que aquele cabrão daquele patricio há-de fazer com que eu vá desta para melhor. Aí está uma coisa em que pode apostar, sem receio de perder. E só para garantir que a sua brilhante reputação de disciplinador implacável não fica manchada. E o secretário imperial há-de apoiá-lo.

— Talvez ele recomende um perdão. — Sugeriu Macro.

Cato encarou o amigo.

— E talvez não o faça. Seja como for, parece-me que se está a esquecer de um pormenor.

— Eu?

— A ameaça recai sobre ambos. E se o general decidir que é melhor apontar um responsável pela morte do centurião Máximo?

— Não me parece. Não há nada que me ligue à morte do Máximo, à parte alguns boatos postos a correr por idiotas que não aceitam que ele tenha sido liquidado pelo inimigo. Não, isso não me inquieta. É contigo que estou preocupado. — Afastou o olhar, embaraçado, e este foi repousar na bolsa, presa à cintura. — E ainda mais com o facto de estarmos sem dinheiro, e com a certeza de que vamos passar muita fome daqui a pouco tempo, a não ser que recebamos algum do dinheiro atrasado, e depressa. Se isso não

suceder, quando chegar a altura de pagar a renda, vamos ver-nos no olho da rua. Cato, miúdo, as coisas não estão nada brilhantes.

— Pois não.

— Portanto, o melhor é fazermos alguma coisa.

— Como por exemplo?

Macro sorriu, e debruçou-se sobre a mesa.

— Por exemplo, aproveitarmos aquela dica, e irmos até ao Circo Máximo.

— Está doido? Já só temos umas duas ou três moedas, e quer atirá-las fora?

— Atirar dinheiro fora é o que fazem os tansos. Nós temos uma coisa certa.

— Não, o que temos aqui é um caso de optimismo incurável. Quanto a mim, sou realista. Se é para atirmos fora o resto do dinheiro, mais vale dá-lo a quem precise.

Macro deu uma palmada no tampo da mesa, fazendo estremecer as canecas.

— Oh, Cato, caramba! O pouco que temos também não nos vai servir para nada. Se aquela dica tiver algum valor, as probabilidades devem ser razoáveis, e sabe-se lá, se ganharmos, vamos conseguir manter a miséria longe mais algum tempo. O que é que temos a perder?

— Para lá do bom senso?

Macro fez cara de irritado.

— Ao menos uma vez, acredita no destino e vê o que sucede.

Cato ponderou o assunto por momentos. No fundo, Macro tinha razão; já tinha perdido quase tudo o que era a sua vida, e ela própria parecia no caminho certo para terminar. Portanto, para quê preocupar-se com um punhado de moedas? A resposta do general chegaria da Britânia antes que os capangas do senhorio os encostassem à parede e lhes tentassem arrancar o pagamento atrasado. Valia mais viver um pouco enquanto podia.

— Seja, vamos embora então.



Quando finalmente conseguiram passar pelo enorme arco que marcava uma das entradas públicas para o Circo Máximo, já só restavam alguns lugares na secção reservada aos militares. A maior parte dos assentos nos degraus de pedra estavam tomados por guardas pretorianos, que bebiam vinho de cantis de pele e faziam as suas apostas. Aqui e ali havia uns grupos de legionários — homens de folga ou que, como Macro e Cato, aguarda-

vam novas colocações. Também havia um bom número de ex-soldados, na reforma ou deficientes de guerra, que aproveitavam uma das vantagens do seu estatuto de veteranos.

O Imperador Cláudio tinha, astutamente, decidido alterar a disposição dos assentos reservados às tropas; desta forma, os pretorianos rodeavam o grande camarote imperial. Os senadores, muito a contragosto, tinham mudado de posição, e viam-se espalhados pelos seus lugares, servidos pelos escravos pessoais, que os abasteciam de vinho aquecido, em pequenos cálices. Olhando para lá deles, Cato avistou o recinto reservado às vestais, a secção da nobreza menor, mais acanhada, a seguir as bancadas designadas para os cidadãos comuns, apinhadas, e por fim, nos últimos degraus, os libertos, os estrangeiros e as mulheres sem companhia, muitas das quais se dedicavam a um negócio óbvio. O olhar de Macro seguiu na mesma direcção.

— Esquece-as. Não tens dinheiro para isso. A não ser que o Népio nos faça um serviço decente.

Cato dirigiu o olhar para a vasta pista que se estendia à frente deles. Vários comissários das corridas atravessavam-na, dirigindo-se à ilha interior, enquanto ao redor laborava uma multidão de escravos, alisando a areia, criando uma superfície plana para preparar a primeira corrida da tarde. Os assistentes dos sacerdotes empurravam uma gaiola repleta de cabritos brancos, alvos e perfeitos, na direcção do altar sacrificial, que ficava a meio da ilha, mesmo em frente ao camarote imperial.

Por todo o lado os vendedores ofereciam comida, almofadas, ou lenços coloridos com os tons das diferentes equipas. Por entre as bancadas circulavam também os corretores de apostas, sempre acompanhados por um ou dois brutamontes, para garantir a segurança do dinheiro recolhido. Macro engoliu em seco, levantou-se, e dirigiu-se ao mais próximo; era um hispânico de ar arguto que levava nos braços uma pilha de tábuas encaixadas, amarradas. Seguiam-no dois tipos enormes, musculados e repletos de cicatrizes, como era habitual no caso de ex-gladiadores. Cada um deles transportava uma caixa de dinheiro a tiracolo e ostentava um porrete, para o caso de surgirem problemas.

— Deixe-me adivinhar. — Comentou, ao avistar Macro e imaginar-lhe as posses. — Vai apostar uma peça de ouro no Népio, para ganhar.

— Hum, não. — Macro sentiu o embaraço a fazer-lhe corar as faces. Olhou em redor e continuou, em voz baixa. — Cinco dinheiros no Népio, para ganhar.

— Cinco dinheiros? — O outro parecia desapontado. Refez rapidamente a sua avaliação do centurião, e prosseguiu em tom sarcástico. — Tem a certeza de que pode apostar isso tudo?

Macro empertigou-se.

— É claro que tenho, sim. Cinco no Népio, como já disse.

— No Népio? Sabe que as probabilidades estão a dez-para-um?

— É mesmo com isso que conto.

— Bom, o dinheiro é seu. De certeza que é isto...?

Macro fez uma careta.

— Queres aceitar a aposta, ou não?

— Não estou aqui para outra coisa. Só um momento... Senhor. — O homem abriu a sua pilha de tábuas e preparou-se para fazer um novo registo com o estilete. Com uma letra miúda, começou a escrevinhar na cera, murmurando enquanto o fazia. — Cinco dinheiros, no Népio, para a vitória... O seu nome?

— Centurião Macro.

— Macro. Muito bem, agora preciso do seu pagamento. — Macro passou-lhe as moedas de prata e o agente depositou-as num dos cofres que os seus ajudantes transportavam. Desapareceram pela ranhura e juntaram-se ao resto do dinheiro com um ruído metálico abafado. O agente acenou ao homem encarregado do cofre. — É a aposta cento e quarenta e três.

O ex-gladiador pegou no aro metálico que levava à cintura e remexeu até encontrar a peça de madeira que procurava, retirando-a do anel e entregando-a a Macro. O agente lançou um sorriso ao centurião.

— Foi um prazer negociar consigo, embora duvide de que nos voltemos a ver. E agora, se me dá licença...

Macro guardou a peça de madeira na bolsa, e apressou-se a regressar para junto de Cato.

— Quanto é que apostou no Népio?

— O suficiente. — Respondeu Macro rapidamente, e depois apontou na direcção do camarote imperial, sobre as cabeças dos espectadores. — Olha, já lá estão alguns dos guardas pessoais do Imperador. Deve estar mesmo a chegar.

— Quanto? — Insistiu Cato.

— Oh, uns cinco dinheiros, ou coisa assim.

— Cinco din... Macro, isso é praticamente tudo o que temos.

— De facto, é mesmo tudo o que temos. — Encolheu os ombros, à laia de desculpa. — É um risco, mas consegui que me dessem dez-para-um.

— A sério? — Respondeu Cato, com amargura. — E porque é que acha que isso é uma boa notícia? Isso só quer dizer que há nove em dez hipóteses do tipo perder.

— Olha. — Disse Macro, baixando a voz. — Aquele nosso amigo

garantiu-nos que estava no papo. Quando a corrida acabar, vamos receber cinquenta moedas de prata.

— Eu sei fazer contas, obrigado. Cinquenta moedas, se ele ganhar.

— Vai ganhar, acredita. Tenho faro para estas coisas.

Cato abanou a cabeça e afastou o olhar, deixando-se atrair pelo camarote imperial. Neste, os escravos atarefavam-se a preparar uma mesa com petiscos e vinhos, junto ao cadeirão do Imperador. Mesmo à distância a que se encontrava, uns cinquenta passos, distinguia perfeitamente uma travessa com aves dispostas de forma artística, e recobertas por algo que parecia mel. A boca encheu-se-lhe de saliva, e o estômago resmungou, lembrando-lhe a fome que sentia.

A comitiva imperial começou a emergir através da sua entrada privada, e a ocupar os seus lugares. Um punhado de senadores, correntemente em posições de favor, acomodaram-se nas almofadas acolhedoras que tinham sido colocadas de ambos os lados do estrado onde se encontrava o assento do Imperador. Seguiram-se alguns dos libertos e dos escribas imperiais, que se deixaram ficar de pé na parte de trás do camarote. Por fim avistou-se a cabeleira branca de Cláudio, coberta pela coroa dourada, e um tremendo alarido percorreu as bancadas, fazendo ecoar por todo o Circo Máximo a saudação da multidão ao seu soberano. Mais ruidosa do que uma batalha, considerou Cato. Bastante mais.

O Imperador deixou-se ficar imóvel por momentos, saboreando o aplauso popular. Só a cabeça se movia, no tique característico que escapava ao mais feroz autocontrolo. Por fim, Cláudio ergueu lentamente o braço e rodou para saudar a multidão, que respondeu ao gesto com um recrudescer do aplauso. O braço do Imperador desceu por fim, e ele instalou-se atabalhoadamente no seu lugar. Quando Messalina, a esposa, o seguiu, o entusiasmo da população voltou a crescer.

Macro inclinou-se para Cato e gritou-lhe ao ouvido.

— Pelo que tenho ouvido, aposto que há por aí muita gente que a conhece quase tão bem como o marido.

Sorriu, e Cato olhou ansioso em redor, para se assegurar de que ninguém tinha ouvido o comentário. Era o género de piada pública que os informadores apanhavam no ar e passavam aos agentes do palácio, em troca de uma pequena recompensa. E então, numa noite qualquer, um esquadrão de pretorianos arrombaria a porta de uma casa, pegaria em alguém e levá-lo-ia, para nunca mais ser visto ou lembrado. Felizmente, as palavras impensadas de Macro tinham-se perdido no clamor da multidão, e o jovem voltou a acalmar-se.

Nesse momento reparou noutro homem que chegara ao camarote imperial: magro, de cabelo escuro e com uma toga branca e simples.

Claúdio acenou-lhe com um sorriso, e indicou-lhe um lugar próximo. Cato sentiu que Macro lhe punha uma mão junto à orelha, para se fazer ouvir, e apontava o camarote com a outra.

— Viste quem acabou de chegar?

Cato confirmou.

— Sim, o nosso amigo, o secretário imperial.

— Achas que ele saberá que estamos em Roma?

— Se ainda não souber, depressa o descobrirá.

— Isso quer dizer mais sarilhos. Foi o cabrão do Narciso que convenceu o general Pláucio a dizimar a nossa coorte.

— Eu sei. O facto de eu ainda estar vivo não lhe deve dar grande prazer.

Cato não conseguiu evitar um arrepio de receio enquanto espreitava sobre as cabeças da multidão, na direcção de Narciso. Muito pouco escapava à atenção do homem que controlava a polícia secreta do Império, que se desembaraçava de qualquer potencial ameaça, e que se encarregava de distribuir os favores do Imperador. E se ele viesse a saber da presença de Cato na cidade, sentir-se-ia por certo tentado a atar as pontas soltas do caso, de preferência com um discreto estrangulamento num recanto escuro e esquecido de uma prisão mamertina. A verdade, porém, é que existia uma possibilidade, por remota que fosse, de que ele e Macro tivessem conseguido escapar à vigilância de Narciso, pelo menos até àquela altura.

Nesse preciso instante, Narciso remexeu-se na cadeira e lançou um olhar sobre a multidão; antes que Cato pudesse reagir, fixou a área onde se encontravam os dois centuriões. O jovem sentiu que as suas entranhas se enregelavam. Foi um momento apenas, antes de se abaixar e desaparecer da linha de visão de Narciso.

— Merda! — Vociferou. — Merda... Merda... Merda.

Macro baixou-se também, alarmado pela repentina alteração de humor do amigo.

— O que se passa?

— Viu-nos. Pelo menos, reparou em mim.

— Tretas. Como é que ele ia fazer isso? Um par de rostos no meio de milhares de pessoas. Nem pensar...

— Estou-lhe a dizer que ele me viu! — Cato já quase conseguia sentir as rudes mãos dos guardas pretorianos que Narciso não deixaria de enviar para o deterem. Tudo estaria acabado dali a pouco tempo.

Macro levantou-se cautelosamente e arriscou um olhar na direcção do camarote imperial, para logo se voltar a sentar junto ao amigo.

— Ele nem sequer está a olhar para cá, está na conversa com o Imperador. Não se passa nada. Ele não te viu. Tem calma.

O entusiasmo dos espectadores acalmou, à medida que os sacerdotes preparavam o sacrifício preliminar às corridas do dia. Dois assistentes tiraram um dos cabritos brancos da gaiola e, apesar de o animal se debater, pegaram-lhe pelas patas e levaram-no até ao altar, mantendo-o depois imobilizado sobre a superfície de mármore ofuscante. O sacerdote entoava uma reza cantada que se podia ouvir em todo o recinto, solicitando as bênçãos de Júpiter, o maior e mais poderoso dos deuses, para o Imperador Cláudio, para a sua família, para o Senado e para o povo de Roma, e por fim para os condutores envolvidos nas corridas. Pegou então numa adaga curva, ergueu-a sobre o animal que balia ainda, fez uma pausa, deixando que o Sol fizesse rebrilhar a lâmina, e golpeou. Os sons que o animal emitia extinguiram-se abruptamente. O sacerdote debruçou-se então sobre a carcaça ainda em estertores, e investigou-lhe as entranhas com a ponta da adaga. Extraiu o fígado, rebrilhante em tons de vermelho e púrpura, e que fumegava ligeiramente em contacto com o ar fresco. Examinou o órgão detalhadamente, e chamou um colega, que também se debruçou sobre o fígado; os dois homens compararam as leituras, chegando a acordo. O primeiro sacerdote levantou então a víscera, mostrando-a à multidão e assinando que Júpiter aceitara o sacrifício, e que as corridas podiam começar. Um clamor subiu da turba, resultado da libertação da tensão. Macro bateu com as mãos nos joelhos e sorriu como um miúdo a quem tinham dado um brinquedo.

Os discursos dos sacerdotes do Senado foram tão breves quanto possível. Consistiram nos habituais panegíricos aos que ofereciam o espectáculo, naquele caso o próprio Cláudio. O Imperador batia com os pés, impaciente, enquanto tentava atrair a atenção dos oradores e fazia gestos claros para os apressar. A multidão aclamava cada discurso, como habitualmente, até que por fim o último orador desceu do pódio na ilha, e toda a gente esticou o pescoço, para obter a melhor vista dos portões na extremidade da pista do Circo Máximo.

O momento era de expectativa. Ouviu-se então uma fanfarra estridente, e os portões escancararam-se, revelando os escuros túneis que levavam às entranhas do edifício. Notou-se movimento nas sombras, e logo as equipagens saíram para a luz e para a areia do Circo Máximo. A multidão ululava e agitava-se com entusiasmo, e depressa os brados avulsos deram lugar a cânticos de apoio às diferentes equipas, ou de insulto e gozo das cores rivais. A maior parte dos pretorianos defendia os azuis, como depressa se tornou evidente, e gritava o nome de Pórcio, enquanto este conduzia o seu veículo pela frente do camarote imperial e saudava o Imperador Cláudio.

— Será melhor que aquele sacana perca. — Disse Macro, baixinho.

Depois deu uma olhadela em redor, nervoso, e respirou fundo. — Força, Pórcio!

Cato fez cara de espanto, e olhou para ele. Macro encolheu os ombros.

— É só para não criar inimigos por aqui. Não vale a pena andar à pancada por causa disto.

As equipagens completaram uma volta à pista e detiveram-se, alinhadas de frente para o Imperador. Os membros das equipas afadigaram-se em volta dos cavalos, fazendo um ajuste final nas rédeas e arneses, e aplicando uma última camada de gordura nos eixos dos veículos. Os condutores verificaram as rédeas e asseguraram-se de que tinham as facas de segurança, extremamente afiadas, nas bainhas que levavam à cintura. Cada um dos competidores envergava uma túnica sem mangas, curta, e da cor da equipa, e os panos que tinham enrolados em torno das pernas eram também das mesmas cores.

Macro virou a sua atenção para Népio, um tipo magro e de tez escura. Mantinha-se empertigado e hirtó, no seu uniforme verde. Demasiado parado, na opinião do centurião, quase como se tivesse receio de se mexer. Ou talvez fosse uma demonstração de nervos de aço. O que seria uma perspectiva bem melhor.

Quando todos os preparativos terminaram, as equipas de apoio retiraram-se da pista, deixando aos condutores o trabalho de dominarem com as rédeas os seus cavalos. Os animais tinham sido criados com o fito único de correr a alta velocidade, e desafiavam-se uns aos outros, nervosos, as narinas infladas e os poderosos flancos irrequietos.

Por momentos, Cato esqueceu todos os seus problemas, debruçando-se para a frente no assento e admirando as quatro quadrigas e os cavalos, tensos e prontos a libertar toda a sua energia. O Imperador acenou ao director da corrida, e este subiu ao pódio em frente ao camarote imperial. Levava na mão uma bandeirola, que desenrolou cuidadosamente e ergueu no ar, até ter o braço todo esticado. Os olhos das dezenas de milhares de pessoas presentes no Circo estavam postos nele, e não se ouvia um som excepto o resfolgar dos cavalos. O director esperou até que as quadrigas estivessem tão alinhadas quanto possível. Então baixou a mão, fazendo descer a bandeirola com um floreado. A multidão regressou à vida, com um rugido tremendo. Os condutores fizeram estalar as rédeas e os cavalos lançaram ao ar grandes nuvens de areia quando se puseram em movimento, puxando os veículos e acelerando a cada passada.

Pórcio, fiel à sua reputação, conseguiu de alguma forma extrair um esforço extra da sua equipagem, e ao fim da primeira recta, tinha uma ligeira vantagem. Os azuis conseguiram destacar-se das outras equipas ao fazer

a curva, levantando cortinas de pó, já que os veículos eram literalmente arrastados de lado; no momento seguinte, ficaram escondidos pela ilha. Os brados dos espectadores à volta de Cato amainaram ligeiramente, enquanto todos olhavam para a outra ponta da pista e esperavam ansiosos que as quadrigas reaparecessem. A primeira a surgir foi anunciada por um jacto de areia, e os pretorianos irromperam em gritos de júbilo ao verem que era o seu favorito Pórcio quem liderava a prova. Logo atrás vinha Népio, o que fez Macro quase saltar de alegria, já que a sua aposta se mantinha na luta pela vitória. Com golpes selvagens das rédeas, Népio levou a sua equipagem para o exterior da pista, à medida que progredia na recta, ainda antes de passar pela frente do camarote imperial. Pouco a pouco foi-se aproximando, e por fim estava quase a par dos azuis. Pórcio apercebeu-se do perigo e, com um puxão rápido nas rédeas, manobrou de forma a impedir a recuperação do rival. Um grito de ultraje saiu das gargantas dos apoiantes dos verdes, e Macro cerrou os punhos, mas manteve a boca fechada. Ao seu lado, Cato sentiu-se doente quando viu a forma como o homem que levava consigo o destino do resto do seu dinheiro refreava desesperadamente os seus cavalos e se desviava subitamente para a esquerda, aproximando-se da ilha. Pelo seu lado, Pórcio tinha calculado mal a manobra, o que fez com que os seus cavalos perdessem o ritmo, e via-se agora obrigado a incitá-los de novo. Mas já era demasiado tarde. Népio, inclinado sobre a frente da sua quadriga, manejava furiosamente as rédeas e encorajava os seus animais, aos gritos. Adiantaram-se pelo interior da equipagem azul, ultrapassaram-na e assumiram o comando. Cato sentiu uma corrente de alegria percorrer-lhe o corpo, e lutou para não o demonstrar.

— Sim! — Macro lançou o punho ao ar, antes de olhar em volta com algum receio. Alguns dos pretorianos olhavam para ele com ar surpreendido, mas depressa voltaram a dirigir a atenção para a corrida.

— Cuidado. — Murmurou Cato. — Tenho a sensação de que não estamos propriamente no meio de amigos.

Na pista, Népio liderava agora, e foi o primeiro a rodear a ilha, curvando e de novo desaparecendo da vista. Logo a seguir, a equipagem azul imitou-o. Já havia uma distância considerável entre os dois concorrentes que lutavam pela vitória e as outras duas cores, a vermelha e a amarela, que ainda assim se degladiavam ferozmente pela primazia na tentativa de se aproximarem dos líderes. O barulho daquele lado do Circo voltou a decrescer, enquanto a corrida prosseguia na parte da pista que ficava por trás da ilha. As cabeças viraram-se para a extremidade distante da mesma, e todos os espectadores se prepararam para novas emoções.

Nem todos.

Cato olhou de relance para o camarote imperial, e apercebeu-se de

que Narciso não despegava os olhos da zona em que se sentava. Os seus olhares cruzaram-se. Não havia que enganar. O secretário imperial olhava fixamente para ele, e o jovem nada podia fazer, excepto fingir que nada se passava, e que era apenas mais um rosto anónimo no meio da turba. Nesse momento, Narciso ergueu a mão, apontou-lhe um dedo e acenou lentamente, antes de voltar a atenção para o que sucedia na pista. O sopro gelado do terror percorreu a espinha de Cato. Tinha sido visto e reconhecido, e agora nada se poderia interpor entre ele e o secretário imperial. Era como se já estivesse morto. Narciso tinha chamado um dos oficiais da guarda, e falava-lhe ao ouvido, dando claro ênfase às palavras. Podia ser qualquer coisa, tentou Cato acreditar, em desespero; podiam estar a debater outro assunto qualquer, ou outra pessoa. Mas então Narciso virou-se e apontou para ele, e o oficial anuiu e dirigiu-se para a saída do camarote.

Cato pegou no braço do amigo.

— Temos de ir! Agora mesmo!

— Estás doido? — Macro sacudiu o braço, libertando-se. — O que resta do nosso dinheiro está em jogo ali em baixo. Não vamos a lado nenhum. Pelo menos antes de a corrida acabar.

— Mas... — A mente de Cato funcionava a toda a velocidade. Não havia tempo para explicar a situação a Macro. E ele não se ia mexer. — Muito bem! Vou regressar àquela taberna. Vá lá ter comigo, depois da corrida. — Levantou-se, pegou no capacete e subiu as escadas que levavam à saída em passo acelerado.

Lá atrás, Macro ainda tentava segurá-lo, lançando a mão na sua direcção.

— Cato! Espera! Oh, olha, vai-te lixar, então!

Cato apressou-se a descer a íngreme escadaria que levava às arcadas que corriam todo o perímetro do Circo, sob as bancadas. Dali, outra escadaria mais larga dava para a rua; as suas botas cardadas faziam um ruído que ecoava nas colunas e no tecto abobadado da galeria. Acima do som abafado da multidão julgou distinguir outro som de passos, também de botas, e depois um grito. Correu pelas escadas abaixo, saltando de três em três degraus, arriscando-se a uma queda, na pressa de abandonar o Circo antes que os homens de Narciso o detivessem. Quando chegou à base das escadas, emergiu das sombras do edifício e notou que ainda havia bastante tráfego na alameda que passava junto ao Circo Máximo. Percebeu que, se corresse, seria facilmente detectado no meio da multidão. Respirou fundo e meteu-se calmamente por entre os passantes, afastando-se da escadaria na diagonal e dirigindo-se a uma abertura entre as lojas do outro lado da rua, onde desembocava uma ruela que conduzia ao fórum. Ouviu o som dos passos nas escadas mas, reunindo toda a sua força de vontade, forçou-se a

não olhar para trás e a continuar a andar sem vacilar no rumo que escolheira. Recusando-se a enfrentar o olhar de todos aqueles com quem se cruzava ou quase chocava, prosseguiu, sempre à espera de um grito nas suas costas, e que ditaria o seu fim. Por fim, chegou à esquina para onde se dirigia e meteu pela via escura, fazendo uma ligeira pausa para ver o que se passava na saída do circo. Quatro pretorianos estavam nas escadas, escrutinando a multidão, mas nenhum deles olhava na sua direcção.

Apressou-se pelo beco, uma das mais antigas ruas da cidade, que serpenteava pela encosta e que se tornava cada vez mais estreito, até o céu não passar de uma linha quebrada lá no alto, definida apenas pelas bermas dos blocos de apartamentos que se amontoavam de ambos os lados da via. Os gritos da multidão no Circo ficavam cada vez mais ténues, e a atmosfera do beco tornava-se pesada, com o odor de comida apodrecida e de esgoto. Passou por poucas pessoas. Algumas mulheres de aspecto inconfundível lançaram-lhe olhares convidativos a partir de portas abertas, e a certa altura teve de se desviar de um grupo de jovens bêbados que se dirigiam ao Circo Máximo. Nada lhe orientava os passos na penumbra, apenas a direcção geral que a rua seguia e a necessidade de se afastar dos eventuais perseguidores. Por fim contornou uma esquina e o beco desembocou numa rua larga e a fervilhar de gente. À esquerda estava o fórum e, com um suspiro de alívio, dirigiu-se para lá, caminhando de forma mais calma, tentando não agir como o fugitivo em que se vira transformado.

Encontrou facilmente a taberna e sentou-se no interior do estabelecimento, junto à parede, de forma a poder vigiar a multidão lá fora e recolher-se para a sombra, se surgisse a necessidade de escapar a algum olhar inquiridor. O jovem empregado aproximou-se, a secar as mãos num pano imundo. O reconhecimento iluminou-lhe a face, e sorriu.

— Então, afinal não foi às corridas?

— Fomos, sim. — Retorquiu, antes de perceber que o facto de ter deixado o Circo tão depressa seria suspeito, a menos que oferecesse uma explicação lógica para tal facto. — Mas lembrei-me de que tinha ficado de me encontrar aqui com outra pessoa. O meu amigo há-de vir cá ter.

— Certo. — O outro encolheu os ombros. — Bom, é uma pena. E o que vai ser?

— Vai ser?

— Amigo, isto é uma taberna, não uma sala de espera.

— Uma taça de vinho. Vinho aquecido.

— Só uma taça?

— Por agora é tudo.

— Certo. — O tipo lançou o pano sobre o ombro, e dirigiu-se aos grandes recipientes que ocupavam o fundo da sala. Regressou e colocou

uma taça fumegante na mesa, com estrondo. — É um sestércio.

Aflito, Cato percebeu que era Macro quem tinha o dinheiro, e que o amigo ficara no Circo. Olhou para o empregado.

— Ponha na conta. Pago quando o meu amigo regressar.

O homem abanou a cabeça.

— Aqui não há contas. Política da casa. Pagamento imediato.

Cato aclarou a garganta e lançou um olhar duro ao jovem. Baixou o tom da voz até esta se tornar num rosnar selvagem.

— Já disse que pago mais tarde. Desanda.

O outro abriu a boca para protestar. Cato encostou-se à parede, cruzou os braços, e acenou para o fundo da taberna. O empregado deitou-lhe um olhar frio, mas acabou por recuar e foi-se pôr atrás do balcão, a enxaguar copos e a manter aquele cliente difícil debaixo de olho.

Cato virou a atenção para a turba que enchia o fórum, e esperou. Idealmente, Macro regressaria depois da primeira corrida, e da vitória de Népio. Nessa altura poderia recolher a sua parte do lucro e perder-se no fórum. Passou uma hora; a taça à sua frente já estava vazia há muito tempo. Não se atrevia a pedir outra, para o caso de Macro não aparecer, e começava a preocupar-se com a maneira como ia sair daquela história.

Então, a curta distância, abriu-se uma clareira na multidão, em resposta ao grito de nojo de uma patrícia. Passara por ela uma figura repelente, que envergava a farda de um centurião. A face do homem estava esmurrada e sangrenta, e Cato não reconheceu Macro senão ao fim de algum tempo. Então, quando o amigo se dirigiu à taberna, Cato saltou na sua direcção.

— Macro! Macro, o que se passou consigo?



— Sai da minha frente! — Berrou Macro. Afastou Cato do caminho e atirou-se ao empregado, lançando-lhe um murro ao crânio. Mas o outro trabalhava há bastante tempo nas tabernas do fórum, e sabia muito bem como se comportar em situações do género. Esquivou-se ao golpe e deu um passo ao lado, aproveitando para aplicar um forte empurrão nas costas do centurião quando este, com o ímpeto, se colocou a jeito. Macro atropelou uma mesa e respectivos bancos, lançando-os pelos ares, e foi embater contra o sólido balcão com força suficiente para lhe roubar o fôlego. Deixou-se ficar por momentos, a abanar a cabeça, oportunidade que o outro não desperdiçou: esgueirou-se para trás do balcão e empunhou um pesado cacete. Os outros clientes apressaram-se a abandonar os assentos, empurrando-se até à rua, onde se colocaram em posição de apreciar o espectáculo que decorria no interior.

— Chamem a ronda! — Gritou um deles. Outras vozes repetiram o apelo, no meio da multidão que começava a aglomerar-se na frente da taberna.

A última coisa que Cato queria era despertar a atenção de algum dos homens da coorte urbana, que patrulhava as ruas da cidade. Cuidadosamente, aproximou-se de Macro e pegou-lhe no ombro.

— Foram chamar a ronda. Macro, temos de sair daqui, e depressa. O outro centurião não mostrou sinais de acalmia.

— Vai já, assim que tiver despachado aquele sacana.

— Não pode ser. — Cato olhou em redor e notou o ar selvagem do empregado da taberna, de cacete erguido e pronto para uma luta sem quartel. — Quanto é que devemos?

— Dever? — O outro fez uma careta. — Desapareçam, vão para o raio que vos parta. Leva-me esse traste daqui para fora.

— Muito bem. — Cato voltou a aproximar-se do amigo e ajudou-o a firmar-se, tentando ao mesmo tempo controlá-lo com uma pressão firme no braço. — Vá. Temos mesmo de ir.

Macro reparou no tom de urgência na voz de Cato, e assentiu. Os dois centuriões abriram caminho por entre os destroços de mesas e bancos e saíram da taberna. Instintivamente, a turba abriu-lhes caminho, recuando à sua frente. A curta distância, por entre as cabeças dos mirones, vieram-se quatro cristas vermelhas a aproximarem-se.

— Por aqui. — Cato empurrou Macro, seguindo ao longo da linha de bancadas que bordejava o fórum e misturando-se com a multidão de turistas e compradores. Quando achou que já tinham posto uma distância segura entre eles e a taberna, puxou o amigo para um beco estreito e escuro, e os dois deixaram-se ficar encostados às imundas paredes laterais de um templo, a recuperar o fôlego.

— Para que raio foi aquilo? — Perguntou Cato, irritado.

— Hã?

— A cena na taberna. Qual foi o interesse, porra?

— Aquele filho da puta era apoiante do Pórcio.

— Já sei. E então?

— O Pórcio ganhou.

— E lá por causa...? Oh, merda. — Cato deixou descair a cabeça.
— A aposta. Perdeu todo o nosso dinheiro.

— Espera aí, o que é que queres dizer com isso? — Retorquiu Macro, furioso. — Não fui eu. O dinheiro era nosso. A aposta era nossa. Se tivéssemos ganhado, tinhas direito à tua parte.

— Mas não ganhámos.

— Sei muito bem, foda-se! — Macro deu um murro no próprio peito. — Estava lá quando o merdoso do Népio se foi enfaixar contra a parede. E a menos de cinquenta metros da meta. Os pretorianos mijaram-se todos a rir...

— E?

— Bem... — Macro baixou o olhar. — Foi nessa altura que espetei um murro num deles.

— Atacou um pretoriano?

— Por acaso, acho que foram dois. Ou mais alguns. Não me lembro bem. Um deles ficou logo esticado no chão.

— Estou a ver. — Cato mal conseguia falar, por entre os dentes cerrados. — Portanto, além de perder todo o dinheiro que nos restava, ainda consegui pôr a Guarda Pretoriana atrás de nós. E agora, graças à animada cena ali atrás, na taberna, também temos a coorte urbana à nossa procura. — Cato massajou a fronte, para tentar acalmar a torrente de pensamentos pouco agradáveis que lhe percorria a mente. — E ainda por cima, o Narciso já sabe que estamos em Roma.

Macro levantou o olhar.

— Hã?

— Viu-me. No Circo.

— Tens a certeza?

— Claro que tenho a certeza. Olhou directamente para mim. Até me acenou. Mesmo antes de mandar alguns homens ver se me apanhavam. Por que razão pensa que eu me raspei tão depressa?

Macro encolheu os ombros.

— Fiquei na dúvida. Bom, e agora, o que é que fazemos?

— Boa pergunta. O problema é que não há uma resposta decente. Escapar de Roma não me parece realizável. De certeza que há homens à nossa espera em todos os portões da cidade. E, sem dinheiro, vai ser difícil mantermo-nos escondidos por aqui.

Ficaram em silêncio por momentos, até que Macro levou a mão à face e fez um esgar de dor quando tocou na enorme nódoa negra que se formava na maçã do rosto.

— Au! Porra, que isto dói!

Cato olhou-o de forma severa.

— Foi merecida.

— Obrigadinho pela simpatia... — Macro olhou para o amigo. — Bem, temos de sair da rua.



Nessa noite, Cato estava deitado de lado, a olhar para a parede, tão próxima que conseguia ver a respiração a condensar-se sobre o estuque rachado, graças a um raio de luar que penetrava pela portada partida. Sentia-se mais fatigado do que em qualquer outra ocasião dos derradeiros meses, mas a sua mente recusava-se a deixar de passar em revista os acontecimentos do dia. A incerteza quanto ao futuro, que nunca deixara de atormentar desde que regressara a Roma, parecia agora quase trivial, face à situação desesperada em que se via. Só mesmo um milagre o poderia salvar. Assolado por estes pensamentos, deixou-se ficar imóvel, fitando a parede ao longo do que lhe pareceram horas. Macro, como de costume, tinha adormecido profundamente assim que pousara a cabeça, e o seu ressonar ameaçava fazer ruir o edifício a qualquer instante. Durante alguns minutos, Cato brincou com a ideia de se levantar, atravessar o quarto e ajeitar Macro de forma a que este ficasse de lado e deixasse de ressonar, mas para isso teria de abandonar o quentinho que conseguira criar por baixo da túnica, da capa e do cobertor. Portanto, aguentou o barulho, habituou-se a ele, e acabou por deslizar para o sono.



Despertou ao som de algo que se quebrava. Eram os primeiros alvares da madrugada, e o interior do quarto já era perceptível à luz acinzentada. Sentou-se, olhando para a porta no preciso momento em que o velho ferrolho metálico era empurrado para fora do encaixe e as tábuas degradadas se quebravam, entrando pelo quarto e batendo na parede, provocando uma chuva de estuque.

— Que raio é isto?... — Macro levantou a cabeça no instante em que quatro soldados fortemente armados irrompiam pelo quarto, espadas em riste.

— Não se mexam! — Gritou um dos homens, agitando a espada de forma a tornar a ameaça claramente perceptível. Cato e Macro deixaram-se ficar imóveis, pelo que o outro baixou a arma e se lhes dirigiu num tom mais formal.

— Centuriões Macro e Cato?

Cato anuiu.

— Narciso quer vê-los.



VI

— Porra! — Gritou Macro, e fez um gesto veloz na direcção da espada que tinha deixado encostada à parede. Mas o pretoriano não se deixou surpreender, e calçou o pulso de Macro debaixo da bota. O centurião gritou de dor quando as pontas metálicas lhe penetraram na carne, mas antes de continuar a vociferar, sentiu a ponta de uma espada encostada à garganta.

— Senhor, se fosse a si, não pensaria sequer nisso. — Admoestou o pretoriano, em tom razoável. — São só dois, estão por terra, e estariam mortos antes ainda de conseguirem empunhar as espadas. Portanto, a melhor opção é não nos darem trabalho. — Deixou que as palavras fossem bem entendidas e, quando Macro demonstrou, com um gesto da cabeça, que tinha aceiteado a situação, levantou lentamente o pé, embora mantivesse a ponta da espada assestada ao pescoço do centurião. Sem desviar dele o olhar, deu uma ordem:

— Frontino, apanha as armas.

Um dos homens embainhou o gládio e recolheu as espadas e adagas dos dois oficiais. Só quando ele saiu do quarto é que o comandante da patrulha deixou de ameaçar Macro, dando então um passo atrás.

— Vistam-se. E arrumem o vosso equipamento.

Cato franziu o sobrolho.

— O equipamento?

— Sim, senhor. Receio que não regressem a estas acomodações.

O sangue de Cato enregelou. Sentia-se atordoado. Era então assim que se passavam as coisas. Uma cordial visita dos homens de mão do secretário imperial, e mais dois nomes eram apagados da História. Quase deu uma gargalhada, quando se apercebeu da presunção implícita em tal ideia. Ele e Macro não valiam sequer uma nota de rodapé nos livros. Eram apenas dois personagens menores, com um papel passageiro num drama irrelevante, passado nas províncias. Nada mais obteriam do que o esquecimento, mesmo nas memórias dos homens que os tinham vindo buscar e conduzir à morte. Era tudo, e Cato não podia deixar de sentir a amarga raiva de al-

guém cuja vida parecia destinada a terminar quase antes de começar, sem que esse fim tivesse qualquer significado. Encarou o pretoriano.

— Aonde nos levas?

— Já o disse, senhor. Narciso quer ver-vos.

Cato sorriu. Naturalmente, o secretário imperial queria despedir-se deles, de forma a que não lhes ficasse qualquer dúvida sobre quem tinha decidido o seu fim. Vindo de Narciso, era típico. Por insignificante que fosse o triunfo, ele sentia que tinha de o testemunhar em pessoa. Noutras circunstâncias, Cato teria todo o prazer em reflectir sobre as falhas de carácter que um comportamento tão inseguro punha em evidência, mas, perante a perspectiva da morte iminente, nada mais lhe ocupava o espírito senão ódio e desespero.

— Muito bem, senhores, por favor, levantem-se agora. A minha agenda para esta manhã está cheia; ainda tenho previstos mais alguns encontros. Portanto, se não se importam...?

Cato levantou-se do colchão lentamente, planos de luta e fuga a correrem-lhe pela mente. Tentava perceber se os pretorianos os liquidariam ali mesmo. Mas nesse caso, imaginou, teriam de levar os corpos para depois os deixarem algures. E essa perspectiva não lhes devia agradar. Era muito mais simples se as vítimas fossem pelos seus próprios pés até ao local de execução. Tendo sempre o cuidado de não virar as costas aos guardas, calçou as botas e apertou-as, e depois juntou as suas roupas e equipamento na manta, antes de a dobrar para fazer uma trouxa. Macro fazia os mesmos gestos do outro lado do quarto. Não havia muito que se pudesse deixar ficar para trás: uns restos de comida, umas peças de roupa que precisavam de remendo. Cato não podia deixar de se sentir admirado por lhes darem tempo para arrumar os pertences, mas depois lembrou-se de que os bens terrenos dos dois centuriões ainda valeriam um bom preço nas casernas.

Acabou de dobrar a manta em volta das suas coisas, amarrou as pontas e prendeu o nó na ponta da vara de marcha. Quando Macro terminou, juntou-se a ele, a curta distância dos pretorianos. Fingindo olhar para as botas, como se estivesse a verificar se os cordões estavam apertados, perguntou num sussurro:

— Achas que devíamos tentar qualquer coisa?

— Não.

O pretoriano sorriu, adivinhando a conversa, apesar de não a ter escutado.

— Por favor, não tentem nada estúpido. Eu e os rapazes temos uma larga experiência na condução de pessoas... Aonde quer que vão.

— De prisioneiros, queres tu dizer. — Rosnou Macro.

O outro limitou-se a encolher os ombros.

— Pessoas, prisioneiros, para nós é a mesma coisa, senhor. Limitamo-nos a recolhê-los e a entregá-los. Outros tratam das questões mais sujas. Estou apenas a avisá-los para que não tentem a fuga. Não seria agradável, nem para nós nem para vocês, se percebe o que quero dizer.

Macro olhou-o com cara de poucos amigos.

— Percebia-o mais depressa se não te pusesses com mariquices. Nas legiões não temos medo de dar nome às coisas. É que nós temos mesmo de lidar com as questões sujas.

— Pois, senhor, mas não estamos na legião, não é? Aqui em Roma fazemos as coisas com mais estilo.

— A morte é a morte, rapaz. Não há como escondê-lo.

— Ficaria admirado com o que se pode esconder nesta cidade. — O pretoriano sorriu friamente, e depois deu um passo ao lado e indicou a porta. — E agora, senhores, se não se importam...?

Os centuriões abandonaram o quarto, escoltados por dois guardas à frente e dois atrás, de espadas empunhadas. Desceram as estreitas escadas e viram-se na entrada do edifício. A chegada dos pretorianos tinha sido notada, e havia uma pequena multidão curiosa à espera de novidades. Quando a escolta e os prisioneiros saíram para a rua, Lénia abandonava a lavandaria. Os olhos abriram-se-lhe de espanto ao ver Cato e Macro com as suas trouxas. Colocou-se à frente dos pretorianos.

— Cato! Que se passa?

— Saia do caminho, senhora! — Avisou um dos guardas.

Lénia espreitou-lhe por cima do ombro.

— Cato?

Tentou passar, mas o pretoriano agarrou-a pelo braço e lançou-a sem cerimónia contra a parede do edifício, onde ficou a ver os guardas a afastarem-se com os prisioneiros.



Entraram no palácio por uma porta de serviço, situada numa ruela estreita, bem longe dos portões mais conhecidos. Cato lembrava-se de a ter utilizado várias vezes, em criança, quando habitara nas acomodações dos escravos, no interior do palácio. Havia pouca gente por ali para assistir à sua entrada, e percebeu como era simples fazer desaparecer pessoas naquela cidade. Depois de passarem pelos guardas que vigiavam a porta, os pretorianos levaram-nos por um corredor até uma escadaria, que subiram, penetrando no coração do palácio imperial.

Cato virou-se para o líder da patrulha:

— Não nos levas para as celas?

O homem mostrou-se surpreendido com a questão.

— Evidentemente que não. — Depois relaxou um pouco a dura expressão que ostentava. — Senhor, foram-nos dadas ordens para os conduzirmos até Narciso. E foi tudo o que nos foi indicado, a vosso respeito.

— Então não nos foram buscar para sermos executados?

— Não, senhor. Apenas para vos trazermos até Narciso. É tudo. Se ele decidir que vocês afinal já eram, bom, nesse caso será diferente, e teremos de vos levar até aos rapazes que tratam dessas coisas.

— Oh... — Cato observou o homem com atenção, tentando perceber como podia alguém ser tão despegado acerca das tarefas que lhe incumbiam. Talvez o pretoriano se tivesse simplesmente habituado a elas. Lembrava-se de que, durante os três anos em que o Imperador Calígula tinha estado no poder, a Guarda Pretoriana não tinha tido um momento de descanso, sempre a prender e executar pessoas.

Depois de subirem quatro lanços de escadas, chegaram a um largo corredor, cujo soalho era decorado por um padrão de mosaicos. Janelas amplas, ao alto das paredes, deixavam entrar a luz em jorros. Cato nunca tinha passado por aquele corredor e, ao aperceber-se de uma ligeira corrente de ar quente a subir-lhe pelas pernas, percebeu que aquela zona do palácio era aquecida.

Macro resmungou.

— O nosso amigo Narciso sabe tratar-se bem.

O grupo de guardas e prisioneiros marchou pelo corredor até encontrar uma imponente porta, quase com o dobro da altura de um homem. A guardá-la estava um par de pretorianos, e num nicho à esquerda via-se um escrivão sentado a uma secretária de noqueira. Envergava uma túnica de lã de aspecto requintado, e assim que ouviu o som dos passos, ergueu o olhar.

— Centuriões Macro e Cato, tal como foi ordenado pelo secretário imperial.

— Está numa reunião com o Imperador. Têm de esperar. Acolá. — Apontou com o estilete para o outro lado do corredor, onde se viam alguns bancos a preencher outro nicho na parede. O grupo dirigiu-se para lá, e os dois centuriões depuseram, aliviados, as cargas que transportavam, e sentaram-se. Dois dos guardas posicionaram-se dos lados. Naquele ambiente austero e limpo dos gabinetes do secretário imperial, Macro não conseguiu deixar de pensar no mau aspecto que apresentava, sujo e com a barba por fazer. Olhou de relance para Cato, mas o amigo, completamente absorto na sua miséria, tinha o olhar perdido nos mosaicos do chão.

A reunião entre o Imperador e o secretário parecia não ter fim. À medida que o Sol se erguia sobre a cidade atarefada, a luz que entrava pelas

janelas foi deslizando ao longo das paredes, até atingir os prisioneiros e a sua escolta, aquecendo-os com o seu brilho dourado. Macro recostou-se e cerrou os olhos e, apesar da difícil situação em que se encontrava, apreciou a sensação reconfortante do calor e da luz alaranjada que via através das pálpebras. Nesse semitorpor, não deu pela ligeira chiadela que as portas emitiram quando se abriram. Os guardas puseram-se imediatamente em sentido, e o escrivão levantou-se e fez uma vénia. Cato também se pôs de pé, mas antes que conseguisse sacudir Macro, o Imperador de Roma e o seu mais fiel servidor, Narciso, emergiram da sala para o corredor.

— E-e-então, achas que é assim tão importante?

— Sim, César. — Narciso enfatizou as suas palavras com um gesto da cabeça. — É um componente essencial do trabalho que nos espera. Sem isso, a posteridade ver-se-á irremediavelmente empobrecida.

O Imperador Cláudio olhou para ele de olhos arregalados, e viu-se presa de um acesso de violentas sacudidelas da cabeça.

— A sério? É isso que p-p-pensas?

— Sim, César. Sem qualquer dúvida.

— Bom, se é assim que pões a q-q-questão, que posso eu dizer? Já suspeitava que os meus poemas de i-i-infância não seriam suficientes para ilustrar a minha autobiografia. — Sorriu, sacudiu-se, e apertou o braço de Narciso. — Convenceste-me. Como sempre, o teu bom g-g-gosto e opinião fundamentada formam o complemento ideal para o meu génio.

— César. — Narciso inclinou a cabeça. — Não mereço tamanhos elogios. Nenhum mortal com um mínimo de sensibilidade literária poderia deixar de reparar no brilho divino dos teus poderes de percepção e descrição.

Radiante e grato, Cláudio apertou de novo o braço do liberto; mas nesse instante reparou em Macro, cabeceando no banco, e deteve-se.

— Suspeito que aquele t-t-tipo ali não partilha a tua opinião.

Narciso reparou então na cena, e rosnou imediatamente uma ordem.

— Ponham-me esse idiota de pé, e já!

Dois dos guardas pegaram em Macro por debaixo dos braços e içaram-no. O centurião abriu os olhos entarcelados.

— O que é? O que foi? Oh...

Assim que viu o Imperador, Macro despertou e ficou tão hirto como um pilar de mármore; Cláudio manquejou até ele, e mirou-o de alto a baixo.

— Este é um dos homens de que me estavas a falar, Narciso?

— Sim, César.

— Devo dizer que não me parece nada um es-es-espécime impres-

sionante. Assemelha-se mais ao tipo de homem que podemos sacrificar sem que isso nos faça perder o s-s-sono.

— Exacto, César. Mais uma vez, antecipas os meus pensamentos.

Cláudio virou-se para Cato, com a surpresa estampada no rosto.

— E este, este rapaz? Não é com certeza o outro oficial de que me falaste. Olha, n-n-nem parece ter idade suficiente para fazer a barba!

Narciso obrigou-se a dar uma gargalhada, mas, quando o escrivão o imitou, o Imperador girou sobre os calcanhares com ar de poucos amigos.

— Quem é que te disse para rires também?

O homem calou-se de imediato, empalidecendo e baixando o olhar.

— Assim é melhor. — O Imperador voltou a concentrar-se no seu exame aos dois centuriões. — Suponho que s-s-sabes o que andas a fazer, Narciso. Aquele assunto de que falámos vai ter de ser tratado com muita cautela. Tens a certeza de que es-es-estes homens estão à altura da tarefa?

— Se eles não estiverem, mais ninguém estará, César.

— Muito bem... Vejo-te ao jantar.

— César. — Narciso voltou a inclinar a cabeça, no que foi imitado pelos pretorianos, pelo escrivão e pelos dois centuriões. Mantiveram-se assim até que Cláudio virou para uma galeria lateral, depois de seguir pelo corredor. No momento em que o Imperador saiu da vista do grupo, escutou-se um suspiro colectivo, resultado do alívio da tensão. A Macro parecia que tinha estado à beira da execução sumária, a que escapara por uma unha negra, e o coração batia-lhe desalmadamente.

Narciso mal olhou para os dois centuriões antes de dar uma ordem.

— Tragam-nos!

Rodou sobre os calcanhares e voltou para o interior do seu gabinete, enquanto Cato e Macro pegavam nos seus fardos e se viam escoltados através da enorme porta que dava passagem para as instalações ocupadas pelo secretário imperial.

A sala era vasta. O tecto estava à mesma altura que no corredor, e o chão estava coberto por peles, através das quais ainda se conseguia sentir o calor do soalho aquecido. A parede à direita era forrada por prateleiras com formato hexagonal, onde se podiam descortinar livros e pergaminhos. A da esquerda estava ocupada por uma pintura de grandes proporções, mostrando com todos os detalhes uma vasta baía que se espalhava pela distância, até se perder na neblina. A cena, porém, era dominada por uma montanha altaneira, que fazia parecer minúsculas as povoações que se espalhavam no seu sopé, junto à margem. Na parede mais distante existiam quatro janelas,

com uma vista espectacular sobre o fórum e as encostas que ficavam para lá dessa zona da capital. Narciso atravessara a sala e tinha-se instalado por trás da mesa de carvalho, de dimensões proporcionais às do gabinete, e nem tanto devido à diminuta quantidade de papéis que sobre ela se viam, e que dificilmente dava ideia de que o ocupante daquela posição levava uma vida atarefada. O secretário reparou nos olhares assombrados dos centuriões ao admirarem a cidade lá em baixo, fascinados por uma vista tão ampla.

— Impressionante, não é? — Sorriu. — É geralmente a primeira coisa em que repara quem visita este gabinete. Acho que é inspiradora e, ao mesmo tempo, assustadora. Aliás, aterrorizante.

Desviou-se de Macro e Cato para melhor apreciar a vista, e prosseguiu no mesmo tom pensativo.

— É daqui que o Império é governado. Deste palácio. É a mente que dirige os músculos e tendões do Império. E ali em baixo, no fórum, vemos a expressão pública desse poder. Os templos a dezenas de deuses. As basílicas, onde os destinos dos homens são decididos, negociados, regulados pelas leis. Chega gente de todo o mundo para admirar, ali mesmo, o muito que conseguimos. Em conjunto, o palácio e o fórum são o altar do poder e da ordem. — Fez uma pausa e ergueu a mão, apontando para a encosta da Subura, uma massa disforme de tijolos e estuque, imunda, como uma vaga prestes a rebentar e submergir o fórum. — Ali, pelo contrário, imperam a pobreza e a depravação, o caos, uma permanente ameaça à ordem que criámos. Lembra-me quotidianamente o que poderá ser o futuro desta cidade, se o Imperador e aqueles que trabalham para o seu bem forem afastados do poder. Os plebeus são os bárbaros que já temos do lado de dentro dos portões. Enquanto os mantivermos alimentados e entretidos, temo-los no bolso. Mas se os deixarmos perceber o poder que possuem ou, pior ainda, se permitirmos que outrem explore os seus instintos mais básicos e as suas superstições, aproveitarão a primeira oportunidade para nos cortarem as cabeças. — Concluiu Narciso, pondo toda a ênfase nas últimas palavras.

O secretário imperial voltou-se de novo para os dois centuriões, com uma expressão de cansaço no rosto.

— Portanto, a minha missão, o objectivo que persigo nesta vida, é a manutenção da ordem e a garantia de que Cláudio permanece no poder. O que significa que tenho de identificar e neutralizar toda e qualquer ameaça ao Imperador. E a vossa função, como soldados que prestaram um juramento de obediência à vontade do Imperador, é prestarem-me auxílio sob toda e qualquer forma que eu determine. Faço-me entender?

— Sim, senhor. — Responderam os dois em uníssono. Cato não fazia a menor ideia do que estava o secretário imperial a falar. Mas a

menção de que os seus serviços eram necessários, e a ausência de qualquer referência a execuções, começavam a pôr-lhe alguma esperança no coração.

Narciso acenou, satisfeito com a pronta e obediente resposta, e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Então, oiçam com atenção. Tenho uma missão para vocês os dois. Claro que é perigosa, e que as vossas vidas se verão ameaçadas. Mas vocês pouco têm a perder. Não é verdade, centurião Cato?

— Senhor?

— Não me tentes fazer passar por parvo, jovem. És um condenado. Só teria de erguer a voz, chamar os guardas e ordenar-lhes que te executassem aqui mesmo. A ti e ao teu amigo, se quisesse. E ninguém me perguntaria sequer o motivo de tal ordem. Por acaso, até tenho uma boa justificação. Estás a ver isto? — Pegou num rolo de pergaminho que se via sobre a mesa. — Chegou ontem. Da Britânia. Sabes quem mo mandou?

O coração de Cato quase parou.

— O general Pláucio?

— Em cheio. E suponho que também conseguirás adivinhar o conteúdo. — Narciso sorriu levemente. — A sentença de morte é mantida. Além do mais, o general garante-me que existem provas circunstanciais suficientes para levarem à execução do centurião Macro por motim e assassinato. Portanto, vocês os dois não passam de mortos-vivos.

Deixou que as suas palavras fizessem efeito, mantendo o olhar severo nos dois centuriões; os olhos escuros, castanhos, encovados por baixo das cuidadas sobrancelhas, pesavam. Cato tentou responder, repleto de temor e ira, adivinhando que o secretário imperial se preparava para os enviar ao encontro de novos perigos. Engoliu nervosamente, antes de abrir a boca.

— A não ser que façamos o que nos vai pedir.

— É isso mesmo. — Concordou Narciso. — Farão o que vos disser, ou não passarão de carcaças lançadas aos necrófagos, antes que o dia termine.

Macro interveio, com a voz cheia de desprezo:

— E o que quer que nós lhe façamos? Algum assassínio? Fazer desaparecer alguém? O que é?

— Oh, não é nada assim tão fácil. — Riu-se o outro. — Para tarefas desse género não me faltam homens. Não, para aquilo que tenho em vista preciso de dois oficiais engenhosos. Homens decididos, e que ainda por cima sintam que têm de triunfar a qualquer preço. Homens que saibam que as suas vidas nada valem, a menos que cumpram as ordens recebidas. Ou seja, homens como vocês os dois. Não vou insultar a vossa inteligência

fingindo que vos estou a oferecer esta missão. Fá-la-ão, ou morrerão aqui e agora mesmo. Só falta dar-vos os detalhes. Está claro?

— Oh, perfeitamente... senhor.

— Muito bem. — Narciso recostou-se e reordenou os pensamentos. — No mês passado, um navio mercante foi capturado por piratas junto à costa, a curta distância de Ravena. Acontece, de tempos a tempos. Alguém acredita que pode ter sucesso na pirataria, e começa a atacar as rotas comerciais. Uma perda aqui e ali não nos aflige mas, se as coisas começam a tornar-se sérias, enviamos um esquadrão naval para afugentar os piratas. Só que desta vez eles apossaram-se de um navio que, por acaso, transportava um dos meus mais importantes e fiéis agentes. E ele estava envolvido numa missão de extrema sensibilidade. Foi feito prisioneiro e torturado. Recebi um pedido de resgate. Vinha com o dedo anelar do homem. Suponho que deve ser uma espécie de tradição entre os piratas, para mostrar que falam a sério.

— E quer que o resgatemos? — Quis saber Cato. — Só isso? É tudo?

— Não, não é tudo. O agente trazia na bagagem alguns objectos que se revestem de extrema importância para o Imperador.

— Um tesouro? — Macro franziu o sobrolho. — Vai enviar-nos numa caça ao tesouro?

— Um tesouro? Sim. — Retorquiu Narciso. — Mas um tesouro que tem muito mais valor do que todo o ouro e jóias do Egipto juntos.

— A sério? — Desdenhou Macro. — Não sei porquê, mas tenho as minhas dúvidas.

— De que tipo de tesouro estamos a falar? — Interrompeu Cato.

— Pergaminhos. — Foi a resposta de Narciso, acompanhada por um sorriso. — Três pergaminhos. Os piratas pedem por eles dez milhões de sestércios.

— Dez milhões? Por três bocados de pele de vaca? — Macro riu, enquanto abanava a cabeça. — Senhor, não pode estar a falar a sério.

— Nunca falei tão a sério na minha vida

A gargalhada de Macro morreu-lhe na garganta quando reparou na expressão austera do secretário imperial.

— Mas, então, o que há de tão especial nesses pergaminhos?

Narciso olhou para ele.

— Isso não te diz respeito. Se e quando a situação o exigir, saberás mais. Basta que compreendas que uma enorme ameaça ao Imperador será neutralizada quando eu os recuperar. Por agora, só tens de te preocupar com a missão que vos estou a atribuir. E que consiste em encontrar, tomar posse dos pergaminhos, e trazê-los até mim, aqui ao palácio. Se tal se reve-

lar possível, gostaria que o meu agente também fosse salvo. Mas se essa possibilidade puser em causa a segurança dos pergaminhos, então o homem terá de ser considerado dispensável.

— Quem mais sabe desta missão? — Quis saber Cato.

Narciso ponderou um instante.

— O Imperador. O meu assistente, e outra pessoa.

— Quem é essa outra pessoa, senhor?

O liberto sorriu e abanou a cabeça.

— Não precisas de o saber. Por agora. Entretanto, preparei as coisas de forma a que vocês os dois fossem colocados na base naval de Ravena. Vamos enviar uma coluna de reforços para as operações contra esta nova ameaça. Podem juntar-se a ela. O prefeito recebeu ordens para procurar e destruir o covil dos piratas. O vosso trabalho será o de recuperar os pergaminhos e o meu agente, depois dos bandidos derrotados. Assegurem-se também de que qualquer pirata que tenha lido ou estado em contacto com os pergaminhos não é capturado vivo. Uma última coisa. — Narciso voltou a inclinar-se para eles. — É bem possível que os piratas tenham estabelecido contactos com outros interessados na compra dos pergaminhos. Se tiver sido esse o caso, não esperem que os agentes dos meus inimigos mostrem quaisquer escrúpulos. Não confiem em ninguém. Entendido?

Os dois centuriões anuíram.

— Quando partimos? — Perguntou Macro.

— Já partiram. A coluna de reforços deixou Roma pela alvorada.

Assim que a nossa reunião estiver terminada, terão de a alcançar.

A mente de Cato fervilhava .

— E a papelada toda? As nossas ordens?

Narciso afastou as questões com um gesto.

— O meu assistente tem tudo preparado. Dar-vos-á todos os documentos assim que deixarem o meu gabinete. E agora, a não ser que gostem mesmo muito de arranjar bolhas nos pés, sugiro que se ponham a mexer, meus caros.

— Senhor, só mais uma coisa. — Insistiu Macro.

— Sim?

— Dinheiro. Vamos precisar de algum para cobrir as nossas despesas até chegarmos a Ravena, senhor.

— Estou a perceber. Muito bem. O meu assistente dar-vos-á algum, para o caminho.

— Obrigado, senhor.

— Não é preciso agradeceres. — Narciso sorriu. — Se sobreviveres, poderás devolvê-lo. E agora, a caminho.

Recostou-se na cadeira e cruzou os braços, indicando de forma

clara que a reunião tinha terminado. Cato e Macro dirigiram-se à porta. Antes que a alcançassem, foi aberta de par em par por dois pretorianos, um de cada lado. O assistente de Narciso esperava-os na secretária, com duas tábuas de cera. Quando os centuriões começaram a percorrer o corredor, o homem passou-lhes as tábuas. Cato recolheu a sua e atarefava-se a guardá-la na bolsa quando o seu olhar atravessou o corredor e o fez estacar. Macro reparou na reacção do amigo, e olhou em redor. Sentado do outro lado do corredor estava um homem forte, quase gordo. Envergava uma toga senatorial, e sorriu sem prazer quando reconheceu os dois oficiais.

— Ora vejam, se não me equivoco, são os meus velhos camaradas de armas, o centurião Macro e a sua pequena mascote, o optio Cato. — E deu uma risada. Antes de continuar, fez uma pausa, ao reparar na crista transversal que ornava o capacete pendurado na vara de Cato. — Centurião Cato? Não posso crer.

Cato inclinou a cabeça, num reconhecimento formal ao estatuto do outro, antes de responder num tom gelado.

— Tribuno Vitélio, sempre me interroguei se nos voltaríamos a encontrar.



VII

— Que raio andaria aquele bandalho do Vitélio a fazer por aquelas bandas?
— Resmungou Macro, enquanto reequilibrava o fardo e ajustava o passo.
— Tinha esperança de nunca mais lhe pôr a vista em cima, depois daquela história na Britânia. Isto mostra realmente como se passam as coisas. Quando estamos bem enterrados na merda, podemos sempre contar com alguém para aparecer e nos deitar por cima mais uma bela poia.

Cato assentiu com um resmungo, apoiando o imaginativo fatalismo do amigo. A vida era assim. Já tinha visto o suficiente para compreender essa realidade. Macro tinha bons motivos para estar preocupado. O facto de Vitélio estar à espera para falar com Narciso e ser recebido logo depois deles parecia indicar alguma ligação com a missão que tinham sido forçados a aceitar. Podia ser uma coincidência, reflectiu Cato. No fim de contas, Narciso devia controlar muitos outros empreendimentos. Mesmo assim, o jovem centurião não conseguia afastar o pressentimento de que havia uma relação entre a presença do traçoeiro antigo tribuno da Segunda Legião e a deles. Tinham conseguido fazer abortar o plano de Vitélio para assassinar o Imperador Cláudio, mas o astuto tribuno tinha evitado deixar qualquer traço do seu envolvimento, e portanto não tinham tido qualquer possibilidade de o acusar. Pelo contrário, ele tinha-os confrontado, e forçado ao silêncio. Cato estava certo de que Vitélio estava apenas a deixar correr o tempo até conseguir que ele e Macro sofressem uns acidentes fatais.

Relembrar essa ameaça apenas conseguiu dar mais força ao receio que sentia pela própria vida, e enquanto ele e Macro seguiam pela Via Flâmínia, não conseguia tirar Vitélio da cabeça. O dia estava frio, com um vento cortante, mas no céu azul viam-se apenas uns farrapos de nuvens. Ao fim de um par de quilómetros, o exercício já o tinha aquecido, e deixou de tiritar. Tinham deixado Roma por volta do meio-dia, parando apenas no portão para encher os cantis, e só quando as muralhas da cidade tinham ficado bem para trás é que Macro se sentira suficientemente seguro para expressar a sua opinião. Dos dois lados da estrada larga e pavimentada, só

se viam túmulos e mausoléus, intercalados com memoriais mais modestos às gerações que ali jaziam, enterradas fora das muralhas de Roma.

O tráfego na Via Flâmínia era constante, carroças e vagões carregados de produtos hortícolas, de bens essenciais e supérfluos, tudo a caminho dos grandes mercados da capital. Em sentido contrário só se avistavam veículos vazios. Os dois centuriões caminhavam tão depressa quanto podiam, tentando alcançar a coluna de reforços que tinha saído da cidade algumas horas mais cedo, e que seguia a caminho de Ocrículo. A coluna militar tinha maior facilidade de movimento, já que os outros ocupantes da estrada lhe dariam prioridade, ao passo que os dois oficiais mal se notavam, e tinham de serpentear por entre todos os obstáculos.

— Não os vamos alcançar antes do anoitecer. — Considerou Cato. — Especialmente a esta velocidade.

— Talvez. — Replicou Macro, lançando sobre o ombro um olhar ao amigo. — Se mantivermos um passo mais rápido. Embora, miúdo, não te atrases.

Cato arreganhou os dentes e alargou o passo, até que se colocou ao lado do centurião mais velho.

— Já alguma vez andou metido com fuzileiros?

— Fuzileiros? — Macro cuspiu, em sinal de desprezo. — Sim, já me cruzei com alguns. Uns tipos do esquadrão do Reno. Costumavam gozar as licenças em Argentorato, como nós, legionários, fazíamos. Uma cambada de punheteiros sem nada para fazer. Passavam o tempo a apanhar sol nos navios, enquanto nós tratávamos dos assuntos militares.

Cato sorriu.

— Bom, já percebi que as relações entre legionários e fuzileiros não são exactamente cordiais...

— Nada. — Sublinhou Macro, com toda a ênfase. — Foi pancadaria em cada ocasião que se proporcionou.

— Que surpresa. Mas a verdade é que agora fomos colocados nos fuzileiros, pelo que o melhor será esquecer o assunto e perdoar as eventuais ofensas, não?

— Esquecer, perdoar? — Macro franziu o sobrolho. — Que se fodam! Detesto aqueles imbecis. Como qualquer legionário que se preze. Lembra-te destas palavras: não há um único fuzileiro que preste. Parasitas, incapazes, escumalha apanhada pelas ruas. Todos os que tinham algum valor, por mínimo que fosse, já estavam alistados nas legiões. Vamos lidar com as sobras.

— Portanto, treiná-los é uma perspectiva pouco animadora...

— Cato, meu caro, uma coisa é a instrução militar, outra é a desordem sem rei nem roque que constitui o treino típico do fuzileiro médio.

— Quer dizer que, quando há trabalho para fazer, estão todos a meter água?

Macro piscou os olhos em desagrado.

— Cato, esse é o tipo de piada que arruina uma amizade.

— Desculpe. Só estava a tentar aligeirar a conversa.

— Não vale a pena. Está bem? As coisas já estão difíceis para nós, não temos nada a ganhar com as tuas piadas.

— Está certo. — Cato distraiu-se contemplando a coluna de vagões que se aproximava do outro lado da via. Cada um dos carros transportava vários homens, musculosos, aparentemente em plena forma física. Chamou a atenção de Macro. — Davam-nos jeito uns daqueles nas legiões.

Só então Macro reparou na coluna.

— Aqueles? Gladiadores? Não, aquele é o último tipo de homem que queremos no exército. Aham que sabem tudo o que há para saber sobre combate. Que é tudo uma questão de jogo de pés e lâmina afiada. O típico bárbaro enlameado da cabeça aos pés despachava-os num ápice, enquanto eles ainda estivessem a pensar nos pontos que podiam ganhar graças ao estilo. Gladiadores... — Abanou a cabeça, com ar cansado. — Tão vaidosos que mal dão pela presença dos outros. Se quiseres ter ao teu lado alguém em quem possas confiar, escolhe um legionário, em qualquer circunstância. E se não encontrares nenhum, então escolhe um auxiliar.

Cato encarou-o.

— Decididamente, há alguma coisa entre si e os fuzileiros. Alguma razão em especial? Um deles fugiu com a sua irmã, ou coisa que o valha?

Macro disparou um olhar fugidio ao amigo.

— Irmã? Não. Muito pior do que isso. Com a minha mãe.

— A sua mãe?

Macro anuiu.

— Uma trirreme chegou a Ostia para reparações. A tripulação teve direito a alguns dias de folga. E um daqueles cabrões meteu conversa com a minha mãe, que prontamente nos largou ali mesmo e se dispôs a zarpar na direcção da merda do pôr-do-sol com o seu fuzileiro, para nunca mais ser vista. Era eu pouco mais do que um miúdo. Foi há vinte anos.

Cato estava assombrado. Conhecia Macro há dois anos, e este raramente mencionara o seu passado. E agora, aquilo. Contudo, uma vez que já estava habituado a histórias pouco verídicas ouvidas das bocas de veteranos, não conseguiu evitar sentir algumas dúvidas.

— Isso é mesmo verdade?

— Alguma vez te menti?

Cato encolheu os ombros, desarmado.

— Bem, sim. Até com alguma frequência, para dizer a verdade.

Histórias de soldados, e coisas do género. ‘O bárbaro que conseguiu escapar’ e tretas assim.

— Oh. — Macro cerrou os lábios. — Bom, esta é verdade. É por isso que odeio os fuzileiros. — Concluiu, sem emoção.

Cato sentiu que um peso lhe assentava sobre o coração. Se Macro levasse aqueles sentimentos consigo até Ravena, a vida no meio dos fuzileiros seria extremamente complicada. A rivalidade entre as diferentes armas já era suficientemente má, sem necessidade da cruzada pessoal de Macro contra tudo o que cheirasse a fuzileiro.

Resolveu tentar apaziguar os sentimentos do amigo.

— Não lhe parece um tanto exagerado julgar todos os fuzileiros por causa do que um deles fez há tanto tempo?

— Não.

Frustrado, Cato não evitou um desabafo.

— Isso não é lá muito justo.

— E o que tem a justiça a ver com o assunto? Um desses filhos da puta fugiu com a minha mãe. Agora sou eu quem está por cima, e vou-lhes dar o troco. E pouco me interessam as patranhas que desencantares acerca do que é justo.

— Os preconceitos nunca ajudaram em nenhuma situação. — Cato tentou acalmar o amigo.

— Tretas! Qual dos teus filósofos apinocados é que mandou essa? O preconceito resolve tudo, e depressa. Desde que tenhas os tomates para o levar até ao fim, claro. Como é que achas que este nosso Império nasceu? Não foi a tratar com justiça toda a espécie de bárbaros de cus peludos que nos apareceu pela frente, garanto-te. Nunca nos preocupámos propriamente em tentar convencê-los a largar as armas às boas, e a entregarem-nos as suas terras. Não. Sempre os vimos como gente ignorante, sem civilização. Todos eles. E, quanto a mim, com toda a razão. Isso fez com que fosse muito mais fácil dar-lhes o tratamento que mereciam. Se começasses a debater os prós e os contras da situação, vista do lado deles, acabavas morto num instante. Agir em concordância com aquilo em que se acredita torna a vida muito mais simples e, provavelmente, também mais longa. Portanto, Cato, poupa-me a essa conversa de justiça, está bem? Se eu quiser odiar os fuzileiros, é cá comigo. Facilita-me a vida. Se tu quiseres ser amiguinho deles, pronto, é contigo. Mas não me metas nessa história.

— Seja, se insiste.

— Insisto. Percebido? E agora, vamos mas é mudar de assunto.

Cato percebeu que o amigo não ia mudar de ideias. Pelo menos, não naquela altura. Talvez o tempo permitisse que Macro fosse revendo a sua posição; umas palavras bem escolhidas no momento certo podiam

transformar a colocação nos fuzileiros numa experiência menos desagradável do que se perspectivava. Se Narciso tinha razão, a missão em que estavam embrenhados já envolvia perigo mais do que suficiente para ainda terem de se preocupar com a lealdade dos homens que os rodeavam.

Inclinou-se para a frente, reequilibrou o peso do fardo que transportava, e prosseguiu em silêncio. A Via Flamínia começou a subir, ao aproximar-se de uma crista a norte de Roma. Quando o caminho voltou a nivelar, Cato deixou a estrada, dirigindo-se à sombra proporcionada por um maciço de grandes ciprestes e pousando a carga. Macro ainda deu alguns passos, mas acabou por se deter e depois, a contragosto, saiu também da estrada e foi ao encontro do amigo.

— Não me digas que já estás cansado?

— Um bocadito. — Admitiu Cato. — Sinto falta do treino de marcha.

— A sério? Ainda acabas por te transformar mesmo num fuzileiro. — Gozou Macro.

— Muito engraçado. — Sorveu um trago de água do cantil, e pôs-se a contemplar a estrada, deixando o olhar correr ao longo dela até abarcar Roma, espalhada pelas suas sete colinas e já a transbordar para a área em volta. Depois de ter passado meses a viver no interior da cidade, pareceu-lhe estranho conseguir vê-la assim, toda de uma vez, com o seu milhão de habitantes. O palácio imperial e os seus anexos constituíam um vasto conjunto claramente identificável, mesmo à distância de vários quilómetros, embora parecesse pequenino, como se não passasse de uma construção feita por uma criança com blocos de madeira. Por momentos, Cato cismou na pequenez das realizações humanas perante o vasto panorama do mundo. Todas as maquinações políticas que decorriam no palácio, todas as questiúnculas e aspirações que nasciam nas ruas densamente preenchidas de Roma — tudo lhe pareceu insignificante e fútil, quando visto àquela distância.

Olhou para o amigo. Para Macro, tudo era diferente. Sobrevivia no encarniçado mundo dos detalhes próximos, pensando apenas nos desafios que se lhe apresentavam em cada momento. Uma perspectiva invejável, considerou Cato, desejando conseguir abraçar uma filosofia de vida semelhante. Desperdiçava demasiado tempo em pensamentos abstractos. E, nas legiões, isso podia facilmente custar vidas, reflectiu; mas esse pensamento fez com que de novo se escancarasse o abismo de incerteza sobre as suas próprias capacidades que constantemente o atormentava. Agora que era centurião, ainda mais sentia as suas falhas, e almejava uma visão simplista da vida, imaginando que era nela que Macro se deleitava.

— Bom, se já apreciaste a paisagem por tempo suficiente, impor-

tas-te que continuemos? — Quis saber Macro, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Não. — Rolhou o cantil, inspirou profundamente, e voltou a pôr a carga aos ombros. — Estou pronto. Vamos embora.



À medida que a tarde avançava, as nuvens foram-se acumulando, e daí a pouco o Sol ficou coberto, e o céu um miserável e frio cinzento de horizonte a horizonte. Ao afastarem-se cada vez mais de Roma, os dois centuriões deixavam também para trás a cintura de quintas e fábricas que alimentava a capital, pelo que o tráfego começou a tornar-se escasso. As encostas das colinas que rodeavam a estrada eram agora arborizadas, e os edificios raros. A chuva chegou com o fim da tarde; grossas gotas geladas, que feriam a pele e depressa ensoparam os dois amigos. Pararam numa tasca à beira da estrada e pediram dois copos de vinho aquecido, enquanto procuravam nos fardos de carga as capas impermeáveis e as punham sobre os ombros.

Cato olhou para o tempo, do abrigo temporário constituído pelo telhado de colmo do mísero estabelecimento, do qual a água pingava sem cessar.

— Esta chuva não vai passar tão depressa. Quanto é que nos falta para Ocrículo?

Macro pensou uns segundos.

— Três horas.

— Em três horas já estará escuro.

— Com este tempo, até antes disso.

Cato olhou de novo para a tasca.

— Podíamos passar a noite aqui, e apanhar a coluna amanhã.

Macro abanou a cabeça.

— Não vou pagar para passar aqui a noite, quando há um aquartelamento perfeitamente aceitável mais à frente. Além disso, se ficarmos aqui, amanhã de manhã teremos de forçar o andamento para os apanhar. Não vale a pena. Bebe, e vamos continuar.

Cato lançou-lhe um olhar mal-humorado, mas depois acalmou-se. Era mais fácil aturar durante umas horas um Macro encharcado e desconfortável do que aguentar todos os resmungos que não faltariam durante toda a noite e a manhã seguinte, se ali ficassem. Com um suspiro resignado, acabou de beber o vinho, saboreando o calor que se lhe espalhava pelo corpo, e voltou a pegar na trouxa e a sair para a chuva. Caía ainda com mais força, como um bombardeamento de raios de prata, e mal deixava perceber a paisagem em volta, abatendo-se sobre a superfície do caminho com um

silvar constante. Apercebeu-se de que eram os únicos viajantes na estrada e, lançando um último olhar resignado à luz e ao calor que emanavam da lareira da pequena estalagem, virou-se e seguiu o vulto escuro de Macro.

Quando tinham percorrido pouco mais de um quilómetro, tudo em redor ficou momentaneamente branco; o brilho quase os cegou, e praticamente no mesmo instante os ouvidos foram-lhes assaltados por um troar estonteante.

Cato estremeceu e gritou:

— Devíamos procurar um abrigo!

As suas palavras foram abafadas por uma nova detonação entre as nuvens, pelo que deu uns passos de corrida e agarrou Macro pelo ombro.

— Vamos abrigar-nos!

— O quê? — Macro sorria. — Abrigo? De quê? Dumas gotinhas de chuva?

— Gotinhas de chuva?

— Nem mais. Qual é o problema? Amoleceste com a vida na cidade, ou quê?

— Não.

— Então, vamos embora! — Gritou Macro por sobre os estrondos, virando-se e recomeçando a caminhar.

Cato ficou um instante a vê-lo avançar, e depois, com um encolher de ombros, seguiu-o, vencido. Os trovões ribombavam nos céus, e ecoavam nas encostas das colinas que os rodeavam. Foi assim que não ouviram o estrépito dos cavalos à desfilada, nem o chiar das rodas da carruagem, até o grupo estar praticamente em cima deles. Surgiram velozes das trevas, por trás dos dois centuriões, pelo que Cato teve apenas tempo para se virar, aperceber-se do perigo, e lançar-se para o lado, alertando Macro com um grito, ao mesmo tempo que os cavaleiros, encapuzados, desviavam as montadas no último instante. Macro saltou para fora da estrada, aterrando na valeta, a curta distância do amigo. Junto a eles passaram os vultos de dois cavaleiros, uma equipagem que puxava uma carruagem ligeira e coberta, e outros dois cavaleiros. Ignoraram os viajantes que tinham obrigado a sair da estrada, e prosseguiram à mesma velocidade.

— Ei! — Macro soergueu-se, apoiado num braço apenas. — Seus grandessísimos filhos da puta!

As suas palavras perderam-se no meio da tempestade, e no momento imediato, a carruagem e a sua escolta tinham sido tragadas pela escuridão, enquanto Macro continuava a lançar-lhes insultos. Cato levantou-se da lama e pegou na sua trouxa, antes de ir ajudar o amigo. Só quando se viram de novo os dois na estrada, ensopados e imundos, é que o centurião mais velho se começou finalmente a acalmar.

— Cato, estás bem?
— Tudo fino.
— Se conseguirmos alcançar aqueles cabrões, dou-lhes uma sova que tão cedo não esquecerão.
— Isso não vai acontecer. Não à velocidade a que seguiam.
Macro olhou para a estrada, irritado.
— Talvez passem a noite em Ocrículo. Se for o caso, vamos ter festa.
— Bom, então é melhor pôr-mo-nos a caminho, ou nunca mais lá chegamos.
Colocaram os fardos às costas e prosseguiram, com a chuva persistente a escorrer-lhes pelos corpos.



Caiu a noite, embora a escuridão devida à tempestade fosse tanta que os dois amigos nem deram pela extinção dos últimos fulgores do dia. Levaram mais de duas horas para chegar a Ocrículo e, quando se apresentaram às portas da cidade, no círculo fracamente iluminado por algumas tochas semicobertas, tinham aspecto de mendigos, encharcados e sujos de lama devido ao mergulho na valeta.

O vigia do portão levantou-se lentamente da sua guarita, sob o arco da muralha, e aproximou-se, com os polegares enfiados no cinto.

— Bem, bem, bem... — Sorriu com desdém. — O que temos aqui? Estou mesmo a ver que dois vagabundos como vocês devem ter dinheiro para a portagem...

— Vai-te lixar. — Rosnou Macro. — E dá-nos passagem.

— Alto lá. — O vigia franziu o sobrolho, e a mão direita foi automaticamente posicionar-se sobre o punho da espada. — Cuidado com a língua. Se pagarem a portagem, podem entrar à vontade. Se não... — Acenou, indicando a estrada.

— Nem penses, amigo. — Ripostou Macro. — Somos centuriões, em serviço activo. Deixa-nos passar.

— Centuriões? — O vigia não escondeu as suas dúvidas, pelo que Macro afastou a capa para pôr à vista os adereços militares que utilizava, da espada à armação para a trouxa, inimitáveis. O homem lançou um olhar a Cato, o qual, ensopado, ainda parecia mais jovem do que era. — E ele também?

— Também. E agora, deixa-nos entrar.

— Muito bem. — O vigia acenou a um par de homens do outro lado do arco, e estes abriram ligeiramente uma das portadas, apenas o sufi-

ciente para deixar passar os dois viajantes. Macro agradeceu com um gesto de cabeça e prosseguiu.

O aquartelamento ficava próximo da entrada da cidade. Um pequeno portão dava acesso a uma parada, com estábulos de um lado e blocos de casernas a ocupar os outros três lados. A luz escapava-se pelas frestas das janelas e espalhava-se pelas lajes do pavimento no exterior. Algumas tochas espalhadas a intervalos largos permitiam-lhes ver por onde seguiam; Macro e Cato deram os seus dados ao escrivão que controlava a entrada e que lhes indicou o caminho para um dos quartos destinados aos oficiais. Enquanto atravessavam a parada, Macro deitou um olhar aos veículos arrumados no parque: uma linha de carroças bem arrumadas e, lá bem ao fundo, uma forma mais refinada e pequena. Estacou tão subitamente que Cato não conseguiu evitar o choque com as costas do amigo.

— Merda! Para que foi isso?

— Calado! — Avisou Macro. Levantou o braço e apontou. —

Olha!

Cato olhou para onde o outro indicava.

— Oh...

Ali estava a carruagem. As linhas eram inconfundíveis. Era exactamente a mesma que os tinha obrigado a atirarem-se para a valeta, a poucos quilómetros dali, na estrada de Roma.



VIII

Cato apressou-se a seguir Macro, depois de este se ter lançado contra a porta do edifício e de se ter precipitado para o interior da messe. Tratava-se de um grande salão, aquecido e iluminado por braseiras montadas em suportes de ferro na parede. Havia um bar e mesas, às quais se sentavam vários grupos de oficiais. Todos eles se tinham virado para avaliar o homem que tinha entrado na sala de forma tão dramática. Um relâmpago fez sobressair a silhueta maciça de Macro, recortada contra a portada e em contraste com a palidez e magreza de Cato, por trás dele. Depois, a luz extinguiu-se, e a expressão de Macro ficou iluminada apenas pelos clarões rosados das braseiras. Sorriu.

— Boa-noite, senhores! Centurião Lúcio Cornélio Macro, ao vosso dispor. E agora, poderá algum de entre vós dizer-me a que espécie de cabrão pertence aquela carruagem amaricada que está parada lá fora?

Por momentos ninguém se moveu ou rompeu o silêncio, até que Cato entrou também na sala, saindo da chuva e juntando-se ao amigo. O jovem largou a mochila e lançou um espirro tão forte que o forçou a dobrar-se sobre si mesmo, quebrando o encanto. Macro acenou na sua direcção.

— E este é o centurião Licínio Cato. Nada a fazer, ele é mesmo assim. Bom, como eu dizia...

O homem por trás do bar acenou para que ele se aproximasse.

— Senhor, por favor, sente-se, tome uma bebida... e feche a porta.

Depois de voltarem a esconder o tempo miserável que fazia na rua, os dois recém-chegados ficaram especados na entrada, a pingar, debaixo do olhar silencioso dos outros oficiais. Pelo canto do olho, Cato apercebeu-se de que um homem saía de uma mesa junto à parede mais afastada. Esgueirou-se até uma porta discreta e seguiu por um corredor de onde não provinha qualquer iluminação. O empregado do bar apresentou dois copos e encheu-os cuidadosamente com um líquido que verteu de um grande jarro.

— Aqui está. Entrem e bebam, e podemos todos conversar sem estragar a noite aos outros clientes.

Enquanto os dois oficiais se encostavam ao balcão, o homem chamou um escravo; pouco depois, surgiu da arrecadação um miúdo franzino de cara suja, ainda a esfregar os olhos de sono.

— Leva as coisas destes senhores para um quarto. Depois, vem buscar as capas. Têm de ser postas a secar. Vá, despacha-te.

O jovem escravo apressou-se a cumprir as ordens, correndo em torno do balcão e dirigindo-se às trouxas, que tinham ficado junto à porta. Sob o olhar de Cato, o miúdo pegou na sua e levantou-a com uma expressão de esforço, seguindo de forma vacilante para fora da sala.

— Bom, caro senhor. — O tipo do bar dirigiu-se directamente a Macro. — Se quiser beber no meu estabelecimento, tem de respeitar certas regras de comportamento, compreende? Caso contrário, terei de lhe pedir que saia.

— E o que te faz pensar que eu sairia mesmo? — Inquiriu Macro, com um sorriso falsamente doce.

Sem tirar os olhos do centurião, o outro chamou.

— Ursa. Vem cá, imediatamente.

Uma sombra enorme ocupou a entrada da arrecadação, e materializou-se numa cabeça loura que se dobrou para chegar ao bar. Quando o homem se voltou a endireitar, os seus caracóis alourados quase tocavam nas vigas do tecto. Os braços eram espessos e rijos, e o tecido da túnica estava esticado sobre o peito maciço e os ombros largos.

— Senhor?

— Deixa-te estar por aqui enquanto eu converso com estes senhores.

Ursa anuiu, e dedicou a sua atenção aos dois centuriões ao balcão, semicerrando os olhos de forma a demonstrar a sua desconfiança. O empregado do bar voltou a dirigir-se a Macro.

— Se eu disser para saírem, saem. Percebido?

— Oh, perfeitamente. — Apressou-se Cato a aceder.

Macro lançou-lhe um olhar pesaroso, antes de confrontar de novo o outro.

— Bom, então e a carruagem?

— É de um oficial superior. Segue para norte. Se quiser saber mais alguma coisa, terá de falar com aqueles tipos ali. — Apontou para a mesa de onde Cato tinha visto o homem afastar-se, poucos momentos antes. Os três soldados ainda lá instalados consideravam cuidadosamente os dois centuriões.

— Portanto, conversem com eles à vontade. — Continuou. — Mas sejam civilizados, ou terei de pedir ao Ursa para vos pôr lá fora.

— É justo. — Retorquiu Macro. — E obrigado pela bebida, amigo. Vamos lá, Cato.

Atravessaram a sala enquanto os outros clientes voltavam às conversas que tinham deixado interrompidas, primeiro em voz baixa mas depressa aos níveis sonoros que habitualmente denunciavam uma boa disposição de origem alcoólica. Macro estacou em frente à mesa indicada e cumprimentou os homens sentados do outro lado.

— Boa-noite.

Os outros limitaram-se a acenar em resposta.

— Muito conversadores, sem dúvida. Importam-se de me dizer quem são vocês? Para quem trabalham?

Trocaram olhares, e um deles tossiu e respondeu.

— Não podemos discutir esse assunto, senhor.

— Deixem-me adivinhar. — Macro inclinou ligeiramente a cabeça, avaliando os homens. — Demasiado bem vestidos para serem legionários comuns. E demasiado receosos de uma cena de porrada para serem outra coisa que não Guardas Pretorianos. Acertei?

O homem anuiu, e depois falou em ritmo rápido.

— Sim, senhor. Conhece os regulamentos. Se erguermos a mão contra um superior, mesmo que das legiões, somos homens mortos.

Macro sorriu.

— E que dizem a um passeio até lá fora, para arrumarmos esta questão sem meter patentes ao barulho? Só nós e vocês os três.

— Senhor, arrumar que questão, exactamente?

— Esta. — Macro apontou para a mancha de lama na túnica. — Uma lembrança da vala para onde vocês nos obrigaram a saltar, na Via Flaminia, há umas horas atrás.

Os olhos do soldado arregalaram-se enquanto recordava o incidente.

— Eram vocês? Pensei que não passavam de um par de vagabundos. Senhor, peço-lhe que aceite as minhas desculpas. Afinal, não aconteceu nada de grave.

— Ainda não. Portanto, queres resolver isto como um homem, ou não?

— Resolver o quê, centurião? — Perguntou uma voz, vinda da entrada do corredor às escuras. Macro e Cato giraram e viram uma figura a emergir das trevas. O homem deteve-se.

— Ora, ora... É um mundo pequeno, de facto. Não concordas, centurião Macro?

— Vitélio... — Sussurrou Macro.

— Em cheio. — Vitélio lançou uma risada, enquanto avançava para o brilho do salão. Os guardas puseram-se imediatamente de pé, afastando o banco em que tinham estado sentados e fazendo-o deslizar sobre o soalho. — Mas preferia que me tratasses com a deferência devida ao meu posto. Gosto pouco de insubordinações. Far-te-ia bem recordares esse facto.

— Ah, sim... Senhor?

— Sim. Estou a falar muito a sério. — Vitélio fixou-o com um olhar gélido, antes de deixar transparecer de novo o habitual sorriso calculista. — Parece então que me queriam dar uma palavrinha. Qualquer coisa acerca da minha carruagem.

— A sua carruagem? — Cato não escondeu a surpresa.

— Sim, minha. E boa-noite para ti também, centurião Cato. É agradável ver-te aqui com o teu velho camarada de armas. Como nos bons velhos tempos. Isto pede uma bebida. Empregado!

— Senhor?

— Um jarro do teu melhor vinho, e três cálices. Cálices, percebes?

— Sim, senhor.

Vitélio acenou aos seus guarda-costas.

— Levantem-se, e deixem-nos a sós. Assegurem-se de que não seremos incomodados.

Os guardas responderam com a saudação regulamentar e retiraram-se rapidamente para outra mesa próxima, suficientemente longe para não conseguirem ouvir a conversa entre Vitélio e os dois centuriões.

— Meus senhores, sentem-se, por favor. — Vitélio acenou na direcção do banco agora vazio.

Macro abanou a cabeça.

— Não, senhor, obrigado.

— Centurião, não era um pedido. E agora sentem-se. Os dois.

Fazendo uma pausa suficiente para tornar evidente que era a contragosto que o faziam, e que tinham resistido até onde podiam, Macro e Cato tomaram lugares à mesa. Vitélio sorriu-lhes e sentou-se por sua vez no lado oposto da mesa. O empregado do bar chegou nesse momento com as bebidas, encheu três cálices de prata, pousou o jarro sobre a mesa e deixou-os a sós.

Foi Macro o primeiro a falar.

— Senhor, o que está aqui a fazer?

— Vou a caminho do meu novo posto.

— Posto? — Macro franziu o sobrolho. — Vai regressar ao serviço activo? Tribuno, qual das legiões vai desta vez ter o infortúnio de sofrer as suas artimanhas?

— Tribuno? — Vitélio fingiu-se chocado. — O que é que te faz pensar que regresso com a mesma patente? Agora que o próprio Cláudio é o meu patrono, posso certamente alcançar mais e melhor.

Macro inclinou-se para a frente e sussurrou.

— Se ele imaginasse até que ponto conspirou contra ele...

— Pois, mas não faz ideia. E nunca fará, senhores. Confia absolutamente em mim, e o mesmo sucede com Narciso. Portanto, não comecem a pensar que lhes podem contar umas histórias. Nunca seriam acreditados, e posso-lhes garantir que as consequências seriam bem piores para vocês do que para mim. Portanto, senhores, espero que estejamos entendidos quanto a isso.

Macro anuiu devagar.

— Está certo, senhor. Agora, diga-nos o que faz realmente por aqui.

— Como te disse já, estou a caminho do meu novo posto.

— E onde fica esse novo posto?

— Francamente, centurião, parece-me que vamos ter de trabalhar no duro para te ensinar a tratar as pessoas com o grau de formalidade que lhes é devido. Especialmente porque me preparo para assumir o cargo de prefeito, no comando da esquadra de Ravena...

— Você? — Cato olhou-o de boca escancarada, espantado. — Não pode ser.

— Mas é. Garanto-to. É verdade que não tenho experiência de operações navais, mas quanto a isso, vou confiar nos meus novos subordinados, que a têm. A minha missão real é muito mais importante, e vou precisar de toda a vossa cooperação para a levar a bom termo. Quero que isso fique bem claro.

Cato esfregou a testa.

— É você o agente de que nos falou Narciso.

— Sou mesmo. E, daqui em diante, vocês os dois estão sob as minhas ordens. Quer como oficiais da esquadra, quer como agentes de Narciso. Vou mantê-los debaixo de olho. Se me derem alguma razão para duvidar da vossa lealdade, quer a mim quer ao Imperador, terei de informar Narciso desse facto. E sabemos muito bem o que isso quer dizer, não é? Uma curta entrevista com uns senhores do palácio, especialistas em fazer perguntas, e uma morte obscura e provavelmente lenta. E ninguém sentirá a vossa falta, garanto-vos. Portanto, senhores, as vossas vidas estão nas minhas mãos. Sirvam-me bem, e viverão. No fim desta história, serei com toda a certeza uma espécie de herói. Quanto a vós, estarão vivos. Não se pode ter tudo, no vosso caso. No meu, sim, e um dia esse tudo há-de ser meu. Quando esse dia chegar, será bom que estejam nas minhas boas graças.

— Não acredito nisto. — Resmungou Macro.

— Será melhor acreditar. — Respondeu Cato, tentando esconder a ansiedade que sentia. — Ele está a falar a sério.

Vitélio sorriu.

— O teu amiguinho já percebeu tudo, Macro. E agora que a situação está esclarecida, e que sabemos todos em que pé estamos, é tempo para um brinde. — Vitélio pegou no jarro e encheu os três cálices até ao bordo. Então ergueu o seu e sorriu-lhes. — Meus senhores, à nossa parceria. Parece que, finalmente, estamos do mesmo lado.

Bebeu sem interrupção até esvaziar o copo, mantendo o olhar fixo nos dois centuriões. Quando chegou ao fim, pousou-o e observou os outros dois, intocados, na mesa em frente a Macro e Cato. Sorriu.

— Como quiserem, senhores. Nesta ocasião, permitir-me-ei deixar passar a vossa insolência sem castigo. Mas lembrem-se das minhas palavras. Da próxima vez que ousarem responder-me com a mais ínfima parcela de desafio ou descortesia, pagarão por isso.



I X

A coluna reuniu-se no pátio, pela alvorada. Um centurião, assistido por um grupo de optios, tinha sido encarregue de conduzir os fuzileiros a Ravena. Os oficiais tinham irrompido pelo aquartelamento e, aos berros, tinham arrancado os homens do sono, com a típica linguagem de caserna, repleta de insultos e ameaças. Havia entre os soldados muitos recrutas facilmente impressionáveis que se apressaram a sair para o ar enregelado da madrugada, meio vestidos e a tremer como varas verdes. O resto dos homens, ainda atordoados pela forma brusca como tinham sido acordados, foi-se dispondo na formação, muitos ainda a vestir-se. Enquanto preparavam o equipamento para a marcha que se ia seguir, Macro lançou-lhes um olhar crítico.

— Não são um grupo lá muito impressionante, pois não?

Cato encolheu os ombros.

— Não me parecem nem piores nem melhores do que aquele grupo de que eu fazia parte quando me juntei à Segunda.

— O que sabes tu disso? — Macro abanou a cabeça. — Cato, acredita em mim. Há anos que os vejo chegar e partir, e este bando é mesmo do fundo do tacho.

Cato virou-se para ele.

— Isso é a experiência a falar, ou só o desprezo por não serem verdadeiros legionários?

— Ambos. — Macro não evitou um sorriso. — Mas depressa veremos quem tem razão. Aposto contigo que perdemos um quarto destes tipos antes de chegarmos a Ravena.

Cato observou os homens que se reuniam ao pé das carroças. A maior parte dos recrutas recentes tinha de facto muito mau aspecto. Alguns nem botas tinham, e eram quase todos magros e encolhidos, envergando trajes que mal passavam de trapos. Tal como Macro afirmara, pareciam a escumalha da cidade: homens que não tinham qualquer possibilidade de arranjar emprego e que não tinham perspectivas de futuro. Num acto de

desespero, tinham-se alistado como fuzileiros. Nenhuma legião os aceitaria, reflectiu. E muitos deles até dos fuzileiros seriam expulsos antes do fim da recruta. Mas era esta a única hipótese que lhes restava. Homens em circunstâncias tão difíceis que, ou desistiam rapidamente, ou encontravam dentro de si mesmos a derradeira reserva de força e determinação. Como acontecera com ele próprio. Voltou a encarar Macro.

— Quanto?

— Aceitas a aposta?

Cato concordou com um gesto de cabeça.

— És mesmo um pato. — Macro sorriu. Já tinham feito apostas antes, e o veterano tinha ganhado mais do que perdido, fazendo valer a sua experiência de vida sobre a tendência de Cato para racionalizar todos os factores. Era típico do jovem insistir no erro, e Macro não podia deixar de admirar a confiança de Cato no seu próprio julgamento. Mas nem tanto que recusasse a hipótese de fazer algum dinheiro fácil.

— Muito bem. O salário do primeiro mês.

Cato olhou para ele em silêncio.

Macro ergueu uma sobrancelha.

— É muito?

— Não. Não, nem pensar nisso. Seja, um mês de salário.

— Feito! — Macro pegou na mão do amigo e apertou-a com firmeza, selando a aposta antes que Cato pudesse mudar de opinião.

Um berro do centurião responsável pela coluna fez com que os fuzileiros se aprumassem, e se mantivessem silenciosos e trémulos enquanto os optios percorriam as colunas, alinhando-as com as suas varas, acertando nos infelizes que não respondiam às indicações com a velocidade apropriada. Macro e Cato dirigiram-se à cabeça da coluna. Já se tinham apresentado ao centurião, um veterano magro que dava pelo nome de Minúcio. Este tinha-se mostrado amigável, e contara-lhes que tinha regressado aos fuzileiros, com uma promoção, depois de ter passado alguns anos nas tropas auxiliares, há bastante tempo atrás. Era evidente que se tinha mantido fiel aos princípios de treino duro da força em que servira nessa época, e não mostrava qualquer piedade pelos homens que lhe cabia agora comandar. Depois de se terem feito conhecer e de lhe terem mostrado as ordens, Minúcio oferecera-lhes lugares no vagão do comando. Havia um veículo que seguia à frente dos recrutas e outros três que os seguiam, onde eram transportadas as tendas e os víveres para a viagem, uma pequena arca com dinheiro para cobrir as despesas eventuais e um carregamento de correio.

Cato olhou em redor.

— Onde anda o Vitélio?

Minúcio respondeu-lhe.

— Já partiu. Deixou-nos há uma hora atrás, com a sua escolta. Parece que o prefeito está cheio de pressa de tomar posse do seu novo comando. Temo portanto que não possamos desfrutar do prazer da sua aristocrática companhia durante a viagem. Uma pena. — E o centurião sorriu abertamente.

— Nem imaginas quanto. — Comentou Macro.

Minúcio olhou-o com ar inquiridor.

— Há alguma coisa que eu devesse saber?

— Não. — Interrompeu Cato. — Não é nada.

— Nada?

— Já servimos com Vitélio antes. Na Britânia.

— E...?

Cato franziu o sobrolho.

— E o quê?

— Que tal é ele? — Minúcio observou os outros dois centuriões enquanto estes trocavam um olhar entendido. — Vá lá, rapazes. Somos todos adultos. Vamos estar juntos por meses, senão anos. Se sabem alguma coisa sobre o prefeito, deviam partilhar essa informação. No fim de contas, quando chegarmos a Ravena, quem é que vos vai mostrar os cantos à casa?

Cato fingiu um acesso de tosse.

— Bom, digamos que tivemos as nossas divergências quanto a alguns assuntos.

— Divergências, foi? — Minúcio deitou-lhes um olhar cúmplice.

— Portanto, o tipo é um sacana de alto calibre.

Cato cerrou os lábios e encolheu os ombros.

— Podes dizê-lo. — Concordou Macro em voz baixa. — Mas não fomos nós quem to disse. Percebido?

— Percebido. — Minúcio piscou o olho, divertido. — Homem prevenido... Vou ter cuidado com o nosso novo prefeito.

— Pois. — Juntou Macro, enquanto o outro se afastava com o intuito de verificar a prontidão do comboio para iniciar a marcha. — Todos teremos de o ter.



A partir de Ocrículo, a Via Flamínia seguia para norte, e a paisagem tornava-se mais acidentada; a coluna seguia por entre grandes vinhedos, espalhados pelas encostas que ladeavam a estrada. Por todo o lado se via o castanho das árvores desfolhadas, e os arbustos mostravam roupagens invernais, dando ao cenário um ar deprimente e triste, acentuado pelos frequentes

aguaceiros de chuva gelada. Mas nos primeiros dias ninguém abandonou a formação, o que não agradou particularmente a Macro.

Ao quarto dia depois de deixar Roma, a coluna chegou aos contrafortes dos Apeninos, e atravessou os ribeiros torrenciais que alimentavam o curso superior do Tibre. A estrada seguia até à cidade de Hispelo. As habitações dos ricaços estavam fechadas para o Inverno, e só voltariam a conhecer animação quando chegasse o Verão e o calor obrigasse os proprietários a procurarem o ar fresco das montanhas; assim, as ruas estavam desertas, e praticamente ninguém assistiu à passagem da coluna militar, que atravessou a povoação antes de chegar ao aquartelamento.

Pela localização deste e pelos olhares pouco amistosos dos raros habitantes locais que percorriam as ruas, era evidente que a boa gente de Hispelo pouco ou nada queria ter a ver com o tráfego militar que atravessava a sua cidade. Cato não os censurava por isso. Os soldados ao serviço do Imperador tinham alguma inclinação para se considerarem acima da lei nalguns aspectos, e essa opinião era encorajada pelo próprio soberano, que sabia muito bem serem eles a derradeira garantia do seu poder e autoridade. Um roubo aqui, uma briga de bêbados acolá, o esquecimento de pagar bens e serviços, tudo isso era facilmente olvidado — sobretudo porque as vítimas desses crimes mal se atreviam a recorrer à justiça, já que isso, muitas vezes, apenas lhes agravava a situação. As gentes das povoações situadas ao longo dos principais itinerários militares limitavam-se a baixar a cabeça quando surgia uma coluna militar, tentando passar despercebidas e rezando para que os soldados prosseguissem no seu caminho sem deixar para trás demasiados estragos.

O aquartelamento, no exterior da cidade, era mantido pelo concelho local e, depois de duas noites passadas em tendas de pele de cabra, quer recrutas quer oficiais estavam animados pela perspectiva de uma noite de descanso em casernas quentes e secas.

Ao cair da noite, os oficiais reuniram-se na pequena messe, depois de um escravo acender a lareira, para apreciar as oferendas do concelho aos recém-chegados: várias ânforas de vinho e carnes secas. Esperavam sem dúvida que os militares se embebedassem no próprio aquartelamento, e não sentissem necessidade de fazer uma visita à cidade. Aos oficiais juntara-se um mercador que não conseguira encontrar um quarto na povoação. Sentava-se à parte, e observava em silêncio a conversa dos soldados.

— Então, houve mais algum a ficar pelo caminho hoje? — Quis saber Macro, com esperança na voz.

Minúcio confirmou com a cabeça.

— Um, sim. Um velhote. Cláudio Afer. Ficou na estrada logo pela

manhã. Avisei-o de que, se não nos alcançasse, ficava por conta própria. Parece-me que é menos um.

— Quantos perdemos até agora? — Inquiriu Macro.

— Para lá do Afer... Deixa-me ver. Oito. E vamos perder mais quando começarmos a atravessar as montanhas. É o costume. Daqui para a frente não há refúgios, senão daqui a três dias, e vão ser duas noites em altitude. Por esta altura do ano já não faltarão a neve e o gelo, e os novatos vão detestar cada momento da caminhada. Quando chegarmos a Ravena, já nos teremos livrado de todos os fracotes e preguiçosos. Os que sobrarem são capazes de vir a dar fuzileiros decentes. Saúde!

Enquanto erguia o copo e bebia um bom trago, Macro entretinha-se a fazer cálculos mentais. Oito homens a menos, de um total de cento e cinquenta... vendo bem, era um desapontamento. Para garantir a vitória na sua aposta, era preciso que perdessem ainda uns trinta e tal. Ergueu o olhar quando Minúcio acabou de esvaziar o seu copo e lançou a mão ao jarro.

— Quantos esperas perder antes de sair das montanhas?

— Quantos? — Encheu as bochechas de ar. — O habitual é entre um quinto e um quarto dos recrutas. Se estes tipos fossem a caminho das legiões, esperaria perder menos. Os testes físicos teriam eliminado os menos capazes. Mas, infelizmente, para os fuzileiros os testes são menos exigentes.

— Entre um quinto e um quarto. — Considerou Macro, sorrindo, o que atraiu a atenção de Cato. — É melhor ires-te habituando à ideia de um mês sem diversão em Ravena.

— Ainda não chegámos lá. — Retorquiu o jovem. — Portanto, não comece a gastar o meu dinheiro como se já fosse seu.

Minúcio olhou-os, confundido.

— Do que estão vocês a falar?

— Nada. — Macro voltou a sorrir. — Bebe. Ainda há muito para despejar, e a noite é uma criança. — Decidiu continuar a conversa. — Dizes tu que serviste nos auxiliares, não foi?

— Sim. Uns anos numa unidade de infantaria. Na Síria.

— Síria! — A expressão de Macro iluminou-se, e puxou o banco para mais próximo de Minúcio.

Cato rebolou os olhos em desespero.

— Lá vamos nós outra vez. A merda da Síria...

— Cala-te, miúdo! — Provocou-o Macro. — Deixa os adultos conversarem. Então, a Síria. Conta-me tudo. Sobre tudo as mulheres. São tão fáceis como se conta?

Minúcio encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Estive destacado num fortézeco merdoso na

fronteira, muito longe de Heirópolis, e isto durante a maior parte dos cinco anos que lá estive. Passava meses sem ver uma mulher. Ovelhas é que não faltavam.

A expressão de Macro tornou-se sombria.

— Estás a querer dizer...?

Minúcio coçou o queixo.

— Porque é que pensas que a coorte era conhecida como “Os carneiros”?

— Oh. Lamento.

— Lamentas? — O outro pareceu surpreso. — Não é preciso. A maior parte dava para uns momentos bem passados. E não cobravam, nem te davam nenhuma conversa de treta. O que era difícil era apanhar uma das sacaninhas. Era mais fácil apanhar um esquentamento com uma vestal. Bom, estou a exagerar... Seja como for, levou-me tempo, mas acabei por descobrir o truque. Queres saber?

A desilusão de Macro tinha sido, a princípio, substituída pelo nojo, mas depressa uma compulsão para conhecer os detalhes mais sórdidos o tinha conquistado, pelo que sorveu mais um trago de vinho e anuiu. Minúcio inclinou-se para ele e baixou o tom de voz, como se tramasse alguma conspiração. Porém, alguns dos optios sentados em redor conseguiam escutá-lo, e Cato viu-os a trocar olhares sabedores.

— A ideia é aproximarmo-nos delas lentamente e em silêncio. — Começou Minúcio. — Primeiro, tens de descalçar as botas, e avançar nas pontas dos pés. Tens de te aproximar contra o vento, claro, e andar muito devagar. Se te mexeres bruscamente, és capaz de as assustar, e lá tens de começar tudo de novo. Com a prática, consegues aproximar-te até aí a uns três metros. E então é que vem a parte do truque. — Fez uma pausa e olhou para Macro.

Este incitou-o.

— Vá, continua.

— Agachas-te. Inspiras profundamente, e imitas a erva... — Encarou Macro por um instante, depois acenou com ar sério, e recostou-se contra a parede.

Passado um momento, Macro franziu o sobrolho.

— Imito a erva?

— Pois, a erva.

Macro espreitou na direcção de Cato, para se assegurar de que não estava a ficar doido.

— Mas... Estás a gozar. Não estás?

— A gozar? — Minúcio olhou-o indignado por uns segundos, mas depois não conseguiu aguentar a expressão, e desatou às gargalhadas. Os

optios juntaram-se ao coro, e daí a pouco corriam lágrimas pela desgastada face do velho centurião. — Porra, ainda tens dúvidas! Caíste que nem um patinho.

A expressão de Macro adensava-se, e Cato julgou prudente tentar acalmá-lo.

— Calma. Foi você que se pôs a jeito.

Por momentos, pareceu que Macro ia ceder à fúria, mas depois olhou em volta da sala e percebeu que as expressões de todos os outros homens eram de boa disposição, pelo que fez um esforço para se controlar.

— Pois. Uma piada do caralho. És muito engraçado, Minúcio.

— Não te quis ofender, homem. — Minúcio deu-lhe uma palmada no ombro e encheu-lhe a taça. — Vá lá. Um brinde. Aos haréns da Síria. Aos melhores botequins, e à melhor colocação que qualquer centurião cheio de chatos pode desejar!

Despejou a taça de um trago e Macro, depois de uma brevíssima hesitação, imitou-o, o que fez Cato soltar um suspiro de alívio.

— Agora a sério. — Prosseguiu Minúcio. — Duvido muito que alguma vez tenha a possibilidade de lá voltar. Já estou demasiado velho.

— Que idade tens?

— Cinquenta e seis. Alistei-me aos vinte, para escapar à família de uma rapariga que tinha engravidado. Já passou muito tempo. — Disse, pensativo. — Bom, até me sinto bem nos fuzileiros. Assentei, e tive a sorte de encontrar uma boa mulher. A vida corre-me sem problemas, tranquila. — Prosseguiu, mas depois franziu o sobrolho. — Ou corria, até há uns meses atrás. Até esses piratas começarem a dar chatices.

Cato inclinou-se para ele.

— Conta-nos o que sabes deles.

Minúcio passou a mão pelo cabelo cinzento, já escasso, enquanto reunia as ideias.

— As coisas começaram com o desaparecimento de alguns navios. Como disse, isto foi há quase um ano atrás, e no Inverno há muito menos navegação. Portanto, a princípio, julgámos que tinham simplesmente ido ao fundo. O problema é que, quando chegou a Primavera, começaram a faltar mais barcos, os suficientes para a coisa se tornar estranha. E depois, uma noite, chegou ao porto um navio pequeno. Sabem como são, um daqueles iates de ricos. Contaram que estavam a vogar ao longo da costa ilírica quando foram atacados por dois barcos piratas. Durante algumas horas a coisa esteve renhida. Os outros conseguiram danificar-lhes o velame e matar parte da tripulação. Mas os sobreviventes conseguiram ganhar distância suficiente para se manterem fora do alcance das armas dos piratas, atravessaram o mar na direcção da Úmbria,

e conseguiram alcançar Ravena. Foi assim que confirmámos a existência destes bandidos.

— E eles devem ter percebido que já tinham sido descobertos. Só que, em vez de se esconderem, passaram a actuar às claras, ao longo da costa; geralmente do lado deles, mas já fizeram alguns ataques a portos isolados na nossa costa. Estão a ficar cada vez mais ousados.

— Então e a nossa marinha? — Perguntou Cato. — Já fizeram com certeza alguma coisa.

— Não é assim tão fácil, rapaz. A nossa costa é simples de patrulhar, mas do outro lado existem milhares de ilhotas e braços de mar, muitas das quais mal conhecidas. Podia-se esconder por lá uma frota e passar meses sem ser descoberta. Aliás, é mesmo isso que se passa. Os piratas devem ter aproveitado algumas das embarcações que capturaram. A última que ouvi foi que até já têm um par de trirremes. Ou seja, já perdemos alguns dos nossos vasos de guerra.

— Capturados?

— Nunca regressaram das patrulhas. Ninguém sabe o que lhes sucedeu. — Concluiu Minúcio, com ar cansado. — Portanto, estás a ver que temos as mãos cheias. Mas havemos de os encontrar. Têmo-lo conseguido sempre, mesmo sem ajuda de Roma. Até agora.

— Oh?

— Alguém lá em cima reconheceu finalmente que temos feito um bom trabalho. Portanto, fomos autorizados a recrutar mais umas centúrias de fuzileiros, e dois esquadrões de Miseno foram transferidos para cá. Este bando de piratas conseguiu irritar alguém poderoso. Além disso, se não os eliminarmos, podem começar a prejudicar os comboios de cereais do Egipto. E, se isso acontecer, Roma tornar-se-á refém deles.

Cato recostou-se.

— Não fazia ideia de que a situação fosse tão séria.

— É séria, sim. — Minúcio sorriu. — De tal maneira que afecta os poderosos deste mundo, os quais, aliás, não querem que isso se saiba. A última coisa de que o Imperador precisa é de motins nas ruas de Roma por causa do abastecimento de cereais. Foi-nos ordenado que tivéssemos tudo pronto para dar início a uma operação em larga escala assim que chegasse a Primavera. Portanto, aproximam-se tempos difíceis para todos nós. — Pegou no jarro e fez uma careta quando o descobriu vazio. — Aguentem aí, rapazes. Vou buscar outro.

Enquanto o velho centurião se dirigia de forma vacilante ao monte de ânforas encostado à parede oposta, Cato aproximou-se de Macro.

— Estamos metidos num bonito sarilho.

— Eu ouvi.

— Não, a sério. Esqueça a história da campanha contra os piratas. Isso já é mau. Mas como demónios vamos nós pôr as mãos na merda dos tais pergaminhos? E é essa a razão porque aqui estamos.

Macro encolheu os ombros.

— Suponho que o Vitélio tem algum plano.

— Pode ter a certeza disso. — Foi a resposta de Cato.



X

No dia seguinte, a coluna começou a ascender para um terreno mais montanhoso, em que a estrada era ladeada por florestas de pinheiros e desenhava um percurso sinuoso por entre gargantas e vertentes inclinadas. Os fuzileiros viram-se obrigados a dar uma ajuda ao progresso dos vagões quando os declives se tornaram demasiado íngremes para as mulas. Seguiram-se horas de árduo esforço, sempre a tentar que as rodas avançassem e a colocar cunhas de madeira a cada momento, para evitar que escorregassem em cada pausa. Por volta do meio-dia já tinham subido acima da linha da neve, e o gelo e a lama tornaram o avanço ainda mais penoso e arriscado. Os ramos das árvores estavam revestidos de cristais de gelo e, quando chegaram a maior altitude, começaram a deparar-se com montículos de neve, através dos quais os recrutas eram forçados a abrir caminho.

O cansaço e o descontentamento crescentes nas faces dos homens animaram Macro. Estava agora certo de que ganharia a aposta. Mais uns dias de caminho penoso, e seria uma limpeza. Bom, pensou, com um sorriso, limpeza era maneira de dizer. Assim que Cato lhe pagasse, ia apanhar a maior bebedeira possível. Quase sentiu pena pela pressa com que o amigo tinha aceitado a aposta. Ora, um dia o miúdo havia de aprender...

Ao cair da noite, Minúcio deu ordens para que fizessem alto numa extensão plana da estrada, com algum espaço disponível num dos lados. Mais à frente, a estrada escondia-se ao rodear um espigão rochoso, parte da colina que nascia ao fundo da área plana que Minúcio escolhera para implantar o campo. Os vagões saíram da estrada, e os soldados deixaram-se cair na neve, junto a eles.

— Foda-se, o que é que as meninas pensam que estão a fazer? — Repreendeu-os Minúcio. — De pé, já! Montem as tendas. Lembrem-se de dormir ao relento, e amanhã de manhã vamos dar com metade de vocês congelados. Toca a mexer!

Os homens arrastaram-se a custo até aos vagões do equipamento, onde os optios lhes distribuíram tendas, espias, estacas de madeira, e

malhos. Começou a nevar, pesados flocos alvos que remoinhavam na escuridão e abafavam os sons dos homens atarefados com o desdobrar dos panos e com as tentativas de cravar as estacas no solo enregelado de forma a garantir que as tendas resistiam de pé durante a noite. Só muito depois de a escuridão invadir a paisagem é que as tendas ficaram montadas nas fileiras regulamentares, e que os homens puderam recolher ao interior das mesmas, com os seus cobertores e montes de agulhas de pinheiro recolhidas nas árvores próximas para servir de colchão e isolamento do chão congelado. Em toda a zona imperava o voltear da neve e o esvoaçar das abas das tendas.

Não tinha havido tempo para acender fogueiras, e as rações foram distribuídas frias. Os recrutas mascavam os biscoitos rijos e as tiras de carne seca, encolhidos nos seus cobertores.

Na tenda dos centuriões, Minúcio terminou a refeição e puxou a capa para cima dos ombros.

Cato olhou-o, surpreendido.

— Vais sair, com este tempo?

— É claro, miúdo. Tenho de distribuir os turnos de sentinela para a noite.

— Sentinelas? — Cato abanou a cabeça. — Acho pouco provável que nos vejamos atacados por um rebanho de cabras-montesas.

— Por cabras, não. Mas por salteadores, sim. A gente que vive nestas montanhas não tem grande respeito pelas leis. Há até alguns rumores sobre aldeias escondidas, onde habitariam os descendentes dos escravos que formaram o exército de Espártaco.

— Não acreditas nessa, com certeza.

— É o que se diz. Pessoalmente, acho que é uma treta. Mas, seja como for, tenho de colocar sentinelas. E é melhor ir habituando os homens à ideia.

Desatou os atilhos que prendiam a aba da entrada, e os outros centuriões fizeram má cara quando um sopro gelado irrompeu pela tenda, inflando as paredes e esticando ao máximo as espias que prendiam a tenda. Macro arrastou-se e tentou fechar outra vez a aba, o mais depressa possível.

— Para quê? — Indagou Cato. — Daqui a pouco ele está de volta.

— Pois, mas lá por causa disso, não vamos todos ficar com os tomates congelados, não é?

Cato encolheu os ombros e ajustou o cobertor por cima da sua magra figura. Duvidava seriamente de conseguir dormir alguma coisa durante a noite que se aproximava. Por muito cansado que estivesse, as condições eram demasiado incómodas. Daí a pouco os dentes tremiam-lhe, e Macro

olhou-o irritado, antes de se virar e se aninhar melhor no espesso colchão de ramos e folhas que tinha feito, cobrindo-se com a capa impermeável.

Pouco depois, Minúcio regressou e deu as boas-noites a Cato antes de também ele se instalar numa cama improvisada. Daí a pouco, os dois veteranos dormiam, ressonando em tons bem audíveis.

— Merda. — Resmungou Cato, cheio de inveja. Remexeu-se, tentando encontrar uma posição confortável, mas se se deitava sobre um dos lados, expunha o outro à aragem gelada que de alguma forma se introduzia na tenda e o envolvia nos seus dedos gélidos. Aguentou aquele tormento durante mais de uma hora, sentindo-se cada vez mais miserável, até que desistiu e se sentou, encolhendo os joelhos até eles lhe tocarem no queixo, abraçando as pernas com os braços e esfregando vigorosamente os ombros, tentando devolver algum calor aos músculos. Lá fora o vento parecia estar a amainar, fazendo ouvir o seu lamento apenas quando soprava uma rajada. Mas para Cato, a tremer de frio no interior da tenda, esse era um fraco consolo.

Tentou pensar noutra coisa, qualquer coisa, e a sua mente dirigiu-se de novo aos misteriosos rolos de pergaminho que tanto significavam para Narciso. Mais ainda, ao que parecia, do que a ameaça dos piratas. A operação que estava a ser montada contra estes era em larga medida um disfarce, uma forma de desviar as atenções daquilo que constituía o verdadeiro alvo de Roma. E se era esse o jogo de Narciso, então os pergaminhos deviam valer as vidas de muitos homens. Mas o que poderia ser assim tão importante? Uma lista de traidores? Segredos de Estado da Párcia? Podia ser qualquer coisa, decidiu Cato, frustrado.

Nesse instante o vento morreu por completo, e as paredes da tenda abateram-se sobre ele. E então ouviu um grito — curto, agudo e a alguma distância. Pareceu ecoar nas montanhas durante uns momentos, mas logo a seguir o vento levantou-se de novo, e o som esvaiu-se. Tirou o cobertor da cabeça e esforçou-se por tentar captá-lo de novo. E lá estava ele: um fino grito torturado, que mal se ouvia acima do gemido do vento e do batimento irregular das paredes da tenda. Inclinou-se e sacudiu o ombro de Macro. Não houve qualquer resposta, e sacudiu de novo, com mais força, ao mesmo tempo que beliscava os músculos do amigo. O centurião despertou meio atarantado.

— O quê? Que foi? Onde está a minha espada? — A mão dirigiu-se imediatamente para o gládio, e só depois os olhos do veterano se focaram na silhueta de Cato, agachado ao seu lado.

— Calado! — Avisou Cato, em surdina. — Oiça!

— Ouvir? O quê?

— Chiu! Oiça com atenção...

Os dois homens mantiveram-se imóveis, quase sem respirar, de ouvidos atentos, mas nada mais se notava para lá da ventania no exterior. Macro desistiu.

— Importas-te de me informar de que raio estou eu à escuta?

— Ouvi um grito.

— Um grito? Aqui nas montanhas? Tens a certeza de que não foi o vento?

— Absoluta.

— Então deve ser alguma espécie de bacanal do pessoal que vive aqui pelas serranias.

— Calado! Lá está outra vez!

Desta vez Macro também ouviu: um som de origem claramente humana, que trazia consigo evidentes sinais de tormento e agonia. O grito foi interrompido de forma abrupta, e Macro sentiu que os pêlos do pescoço se lhe eriçavam.

— Merda. Tens razão.

— O que é que fazemos?

Macro afastou a manta e tateou à procura das botas.

— Vamos ver o que se passa, claro. Vamos lá. Traz a tua espada.

— E o Minúcio?

— Deixa-o estar. Não quero fazer figura de recruta assustadiço. Vamos só ver o que se passa e, se for preciso, voltamos para pedir ajuda. Embora.

Ao saírem da tenda, notaram que tinha parado de nevar, embora um manto alvo cobrisse as tendas e os vagões. Em cada extremo do campo via-se uma sentinela, a bater os pés no solo para os impedir de gelar. O vento também tinha amainado, não passando agora de uma brisa, e no céu os pontos brilhantes das constelações de Inverno só eram obscurecidos pela passagem fugaz de algum farrapo de nuvem prateado.

— Por aqui. — Orientou Macro, caminhando sem alarido sobre a neve e dirigindo-se à sentinela mais próxima. Ao notar os oficiais, o homem quis demonstrar que estava atento.

— Alto! Avance ao reconheci...

— Cala-te. Se ainda não sabes quem somos, nunca vais saber. A tua missão é prestar atenção a quem se aproxima do campo, não é vigiar os movimentos no seu interior, e seria bom que mantivesses os olhos abertos, cretino.

— Desculpe, senhor.

— Não tem importância. — Apaziguou Cato.

— Porra, tem, sim. — Insistiu Macro. — Se este tipo não consegue fazer o papel de sentinela, nem para os fuzileiros presta.

Cato ignorou-o, e concentrou a sua atenção na sentinela.

— Ouviste alguma coisa?

— Ouvir o quê, senhor?

— Uma voz, um grito de homem.

O soldado respondeu sem se comprometer.

— Talvez tenha ouvido, sim.

— Olha, filho, não tentes armar-te em esperto comigo. — Macro deu-lhe um piparote no peito. — Ouviste alguma coisa, sim ou não?

— Sim, senhor. Mas foi muito breve. Pode ter sido a minha imaginação. Pareceu-me vir dali. — Apontou na direcção da massa escura da colina que se erguia por trás do campo. — Ali para cima, ou mais provavelmente na outra encosta, senhor, suponho.

— E porque é que não deste o alarme?

— Só porque julguei ouvir alguma coisa, que até posso ter imaginado, senhor?

— Não podes pôr em risco as vidas dos outros, rapaz. Percebido?

— Sim, senhor. Quer que alerte o resto dos homens?

— Não. — Disse Macro. — Nós vamos investigar. Se ainda não tivermos regressado quando for a mudança de turno, nessa altura dás o alarme. Não deve ser nada de grave — um lobo, ou coisa do género. Bom, mantém-te atento.

O recruta fez a saudação e dirigiu a sua atenção para o exterior do campo.

Macro apontou para a face da colina.

— Por ali, acho eu. Vamos.

Quando se viram fora de alcance dos ouvidos da sentinela, Cato interrogou-o.

— Um lobo?

— Até pode ser que sim. Já os ouvi fazerem sons deste género.

Chegaram à base da vertente e viram-se obrigados a atravessar um montículo de neve até chegarem às árvores, parte de uma densa floresta que se estendia na direcção do cume. A neve mal tinha penetrado por entre os ramos entrançados, e o ar tinha um intenso aroma de pinheiro. O declive era acentuado, e tiveram de avançar sobre as mãos e pés, de tronco em tronco, mas quase em silêncio, já que as botas se apoiavam permanentemente num espesso manto de velhas agulhas caídas no solo. Ao abrigo da ventania e aquecidos pelo exercício a que se viam obrigados, emergiram a suar e arfar do outro lado do bosque. O alvor da neve permitiu-lhes adivinhar um afloramento rochoso que se interpunha entre eles e o cume da colina. Cato olhou para trás e viu o campo lá em baixo, quase irreconhecível, já que tendas e vagões estavam

cobertos pela neve. Ouviu-se o grito mais uma vez, de forma muito mais clara, e os dois centuriões entreolharam-se.

— O que acha? — Perguntou Cato.

— Acho que há um desgraçado qualquer a ser maltratado por aí. — Macro inspirou fundo e continuou a subir a encosta. Cato seguiu-o, pondo os pés nas profundas marcas que o amigo deixava na neve. As rochas eram recortadas, e havia muitos pontos de apoio para as mãos e os pés, o que tornava a escalada fácil; pouco depois, Macro dava a mão a Cato e ajudava-o a alcançar uma rocha plana, da qual se podia apreciar a garganta que o comboio militar percorrera nessa tarde. Mesmo por baixo deles, a estrada contornava a colina e subia pelo outro lado.

Deram pela fogueira em simultâneo, um diminuto brilho amarelado à beira da estrada, a pouco mais de cem passos de distância. Ali perto viam-se quatro cavalos, presos, bem como três vultos humanos sentados sobre um tronco caído, bem próximos do fogo. Um quarto elemento debruçava-se sobre a ponta do tronco, e em resposta a esse movimento, ouviu-se outro lamento agonizante. O vulto recuou para junto do fogo e revelou a presença de um quinto homem, de tronco nu e atado ao tronco. Ao fraco brilho da fogueira, Cato e Macro notaram que o peito deste estava repleto de marcas escuras. A origem dessas marcas ficou imediatamente esclarecida quando o outro se aproximou do fogo e mergulhou nele a ponta da espada.

Cato virou-se para o amigo.

— Já vi aquele tipo antes. O que está amarrado ao tronco. É aquele mercador.

— Mercador?

— O que estava connosco em Hispelo... O que é que acha que se está a passar? Quem serão aqueles homens?

— Não tenho a certeza. Muito provavelmente, bandidos. De qualquer maneira, não vou ficar aqui sentado a ver e a deixá-los continuar com aquilo. — Macro avaliou o terreno e ponderou a situação. — Voltar atrás e trazer mais gente levaria demasiado tempo. Quando aqui chegássemos outra vez, já aquele desgraçado estava morto. E com aqueles lamentáveis fuzileiros que temos entre mãos, não haveria qualquer hipótese de os surpreender. Matavam-no, saltavam para cima dos cavalos e escapuliam-se muito antes de conseguirmos descer esta encosta.

— Estou a ver. — Concordou Cato, lentamente. — Portanto, o que está a dizer é que somos nós os dois que temos de tratar disto.

— Adivinhaste, miúdo. — Macro deu-lhe uma palmada no ombro. — Vamos a isso.

Desceram da laje e seguiram a linha rochosa até alcançarem um

maciço de árvores que se estendia para a estrada; nesse momento, o prisioneiro voltou a gemer.

— Piedade! Por favor, chega! — A súplica chegou de forma clara aos ouvidos dos centuriões. — Juro que não sei nada!... Por favor! Não!

Um novo grito de agonia atravessou a noite, fazendo com que Macro e Cato se apressassem. Embrenharam-se por entre as sombras das árvores e, escorregando e tropeçando, foram-se aproximando, sob as ramadas repletas de neve. Mantiveram a luz da fogueira sob mira enquanto desciam, vendo como ela cintilava entre os ramos entrelaçados dos pinheiros. Por fim, Macro deteve-se e, com o braço erguido, fez sinal a Cato de que já estavam próximos. A não mais de cinquenta passos, viam-se perfeitamente os quatro homens e o seu prisioneiro, iluminados pela bruxuleante luz da fogueira.

Macro desembainhou a espada e deu um passo em frente.

— Espere! — Deteve-o Cato. — Não vai atirar-se assim de cabeça.

— Porque não? — Sussurrou Macro. — Somos só dois, não vamos com certeza cercá-los.

— Pois não. — Concordou Cato. — Devíamos ter ido buscar ajuda.

— Agora é tarde.

— Muito bem então. Vamos atacar. Mas vamos ao menos tentar equilibrar as coisas. Olhe para ali. — Cato apontou para uma cova no terreno junto à estrada, e Macro percebeu que era a valeta, coberta de neve. Passava muito perto do tronco caído, e os homens que se sentavam nele estavam de costas para a estrada.

Embainhou a espada e assentiu.

— Parece-me boa ideia.

Rastejaram pelo meio das árvores e, quando chegaram ao limite do bosque, à beira da estrada, agacharam-se e rastejaram pela neve até atingirem a valeta, onde fizeram uma pausa, deitados de bruços. Macro tomou a dianteira e prosseguiram, lutando contra a impaciência que os fazia querer moverem-se mais rapidamente, quando se ouviu um novo clamor. Nessa altura já estavam na clareira, e relativamente próximos do brilho da fogueira.

— Mantém-te em baixo. — Sussurrou Macro, sobre o ombro. Tirou a espada da bainha, inspirou, e soergueu-se lentamente. Observou atentamente as silhuetas dos três homens sentados no tronco. Estavam em silêncio, limitando-se a apreciar as acções do quarto bandido, de novo debruçado sobre o prisioneiro, que dali não se conseguia avistar. Lançou uma imprecisão silenciosa. O tipo estava virado mesmo para aquele lado. No momento em que saíssem da valeta, avistá-los-ia.

Voltou a baixar a cabeça e assistiu a nova sessão de tortura, frustrado, até que sentiu um puxão suave no pé. Olhou para trás; Cato abria as mãos, questionando o que se passava. Abanou a cabeça e recuou, até conseguir murmurar ao ouvido do amigo sem perigo de ser escutado pelos bandidos.

— Temos de esperar. Olha para mim. Quando der sinal, levantamo-nos, sem fazer barulho, e atacamos. Não avances antes do meu sinal.

— Certo. — Anuiu Cato.

Mantiveram-se deitados sobre a neve, as espadas empunhadas, à espera do momento certo. Cato sentia a neve a derreter por baixo do corpo, a ensopar-lhe a túnica e a provocar-lhe arrepios na pele. Recomeçou a tremer, mesmo com o coração a pular de terror e excitação. À sua frente, Macro estava imóvel como uma rocha; só os olhos se moviam, acompanhando as evoluções dos adversários. O algoz prosseguia no seu trabalho macabro, e agora conseguiam escutar tudo o que dizia à sua vítima.

— Vá lá, homem! No fim, vais acabar por nos dizer... Mas não te iludas. Vais morrer, é só uma questão de ser mais fácil e rápido, ou não. E este não pode significar uma agonia muito longa, acredita.

— Juro que não sei nada. — Soluçou o outro. — Não sei nada do que vocês querem. Juro-o!

Deu-se uma pausa, até que a personagem que conduzia o interrogatório voltou a falar, num tom baixo que respigava ameaça.

— Parece-me que chegou o momento de te assar os tomates. Veremos se isso não te solta a língua.

Recuou, virou-se para a fogueira e inclinou-se sobre ela, para voltar a colocar a lâmina no coração das chamas. Macro preparou-se, e acenou a Cato. Levantaram-se os dois, assumindo uma posição agachada, as espadas em riste, e começaram a avançar para o tronco. A neve gemia sob cada passo que davam, embora Cato poisasse os pés com todo o cuidado e lentidão, sem desviar os olhos das costas dos homens sentados no tronco. Tinha consciência do vulto de Macro ligeiramente à esquerda, dirigindo-se ao tipo que estava na outra ponta do banco improvisado. Nessa altura as narinas do jovem foram atingidas pelo fumo, misturado com o odor a cavalo e o fedor acre da carne queimada, e viu-se obrigado a lutar contra a bÍlis que lhe ameaçava subir pela garganta.

O algoz endireitou-se e ergueu a lâmina, que brilhava num tom alaranjado bem evidente contra a escuridão da paisagem. Virou-se e estacou quando deu pelas duas figuras que se aproximavam.

— Mas que mer...

— Vamos a eles! — Gritou Macro, lançando-se ao ataque e espalhando neve por todo o lado, enquanto espetava a ponta da espada nas

costas do homem que estava à sua frente. Cato mal teve tempo de se preparar, pelo que se limitou a esticar o braço e atingir um adversário quando este começava a rodar. A ponta da arma estava muito alta, e penetrou no ouvido do homem com um som húmido. A cabeça tombou para o lado sob o impacto, e o tipo rolou para o chão. O terceiro bandido, sentado no meio, levantou-se de um salto e afastou-se do tronco. Num instante a espada surgiu-lhe na mão, em posição de afastar qualquer ataque. O chefe juntou-se-lhe, os olhos a dançarem de um lado para o outro. Sorriu.

— São só dois. Podemos com eles.

Tendo reduzido a oposição a metade, os dois centuriões mantiveram-se do seu lado do tronco. A surpresa do ataque já tinha passado, e agora o que os esperava era um combate equilibrado. Sem desviar o olhar dos adversários, Macro dirigiu-se a Cato.

— Ficas com o da lâmina em brasa. Eu trato da saúde ao outro sacana.

Cato anuiu, e moveu-se, rodeando o tronco, semiagachado e pronto a atacar. Mas não teve ocasião para o fazer. Foi o adversário que se lançou sobre ele, com um grito. A espada em brasa descreveu um arco brilhante no ar, e ele só teve tempo para erguer o gládio e aparar o golpe, de forma que a ponta brilhante da espada do adversário se quebrou e foi aterrar na neve, silvando enquanto arrefecia bruscamente. Recuperou rapidamente e lançou uma estocada ao peito do inimigo, mas este era demasiado rápido e evitou-o com facilidade, dando um passo atrás e fazendo a lâmina do centurião cortar apenas o ar. Os dois homens fizeram uma pausa para se medir, e Cato notou pelo canto do olho que Macro trocava golpes com o outro bandido, mas não se atreveu a desviar a atenção do tipo que enfrentava.

O verdugo acenou a Cato com a mão livre.

— Anda, rapaz, se achas que chegas para mim.

Cato lançou-lhe um olhar de desprezo. Não ia cair numa armadilha tão evidente.

— Vai-te foder.

O homem riu-se, mas logo a seguir a sua face transformou-se numa máscara de intensa e letal concentração. Avançou rapidamente e fez uma finta. Cato percebeu que estava a ser testado e, apesar do receio que sentia, manteve a sua espada firme e imóvel. O adversário grunhiu e lançou um ataque real; uma série rápida de estocadas e cortes que obrigou Cato a recuar na direcção do tronco, enquanto se esforçava desesperadamente por deter os golpes do outro, interpondo a sua lâmina e recebendo no braço toda a dor que os fortes impactos lhe causavam. Por fim sentiu a casca da árvore contra o corpo, e percebeu que não podia continuar a recuar. O atacante redobrou de entusiasmo nos seus golpes. Com um grito profundo de raiva

e triunfo, o homem forçou a espada de Cato contra o tronco caído, fazendo menção de lançar um golpe para cima e para o lado, na direção do rosto do jovem. Mas a espada ficara presa na madeira, e não conseguiu libertá-la com um primeiro puxão. Fez uma careta. Sem pensar, Cato deu-lhe um murro, partindo-lhe o nariz e deixando-o aturdido. O jovem sentiu que a sua espada estava presa debaixo da do outro, pelo que a largou e aplicou outro soco no rosto do adversário, seguido por um rajada de golpes que obrigou o homem a recuar passo a passo, até se estatelar na neve.

Só nessa altura é que Cato levantou o olhar e tentou perceber como se estavam a passar as coisas com o amigo. Mas Macro não precisava de ajuda. O seu adversário já estava por terra, e o centurião debruçava-se sobre ele, um pé a fazer força contra o peito do homem enquanto lhe arrancava a espada do meio das costelas.

Macro olhou em redor.

— Tudo bem, miúdo?

— Nem um arranhão. — Virou-se e foi recuperar a espada. De repente surgiu uma mão que lhe agarrou o tornozelo e o fez cair. Rebolou imediatamente e respondeu com um pontapé. O homem que tinha atingido no ouvido anteriormente rugia-lhe através dos dentes cerrados, enquanto olhava para ele com uma estranha expressão ausente. Mas mantinha-lhe a perna presa com a força de um torno, e os dedos penetravam-lhe na carne em volta do tornozelo. Aplicou-lhe outro pontapé, usando as botas cardadas para lhe esmagar os nós dos dedos. Ainda assim, o tipo não o largou, mesmo com o sangue a correr-lhe pelas mãos. Por trás dele, Cato reparou que o chefe dos bandidos voltava a erguer-se. Olhou para os oficiais romanos, primeiro um e depois outro, virou-se e correu para os cavalos.

— Apanhe-o! — Gritou Cato.

Macro reagiu de imediato e lançou-se em perseguição, lançando nuvens de neve pelos ares. Entretanto, Cato virou-se de novo para o tronco, alcançou o punho da sua espada e libertou-a com esforço. Sentou-se e, cerrando os dentes, golpeou o braço do bandido que o agarrava, cortando a carne e esmagando-lhe os ossos. O aperto no tornozelo diminuiu, e o jovem libertou a bota. O homem fez uma cara estranha, e depois os olhos reboaram-lhe lentamente e ele tombou de borco sobre a neve, sangue e matéria cinzenta a escaparem-se pelo buraco aberto na parte lateral do crânio.

O som de um cavalo a relinchar atraiu a atenção de Cato na direção das árvores, onde avistou o chefe dos bandidos encolhido sobre um dos animais, fazendo-o rodar, saltar a valeta e tomar a estrada. Macro tentou alcançá-lo, mas já era tarde de mais, pelo que se deteve junto à beira do ca-

minho, batendo com a espada contra a perna, frustrado, enquanto o cavalo galopava ao longe e se perdia na escuridão.

Cato dedicou então a sua atenção ao prisioneiro, ajoelhando-se a seu lado. Era um homem alto, bem constituído, de meia-idade, e com cabelo escuro e curto. Usava umas calças de montar e botas de cabedal. No peito nu viam-se várias marcas de queimaduras, e tinha também uma no rosto. Quando se apercebeu da presença de Cato, forçou-se a sorrir.

— Os meus salvadores, espero.

Cato procurou por entre as cordas que prendiam o homem à árvore, até encontrar o nó e o desfazer. Ao ficar de novo livre, o outro tombou para a frente, equilibrando-se a custo, enquanto esfregava os pulsos.

— Oh, merda... Que agonia.

Estremeceu; Cato pegou na capa do mais próximo dos inimigos abatidos e envolveu nela o homem.

— Consegues andar?

Macro juntou-se a eles, caminhando pesadamente sobre a neve.

— Tudo bem, companheiro?

O homem levantou o olhar, e obrigou-se de novo a sorrir.

— Oh, tudo bem, obrigado. Posso perguntar-vos quem são? Parece-me que vos reconheço.

— Centuriões Macro e Cato, a caminho de Ravena com uma coluna de fuzileiros. E tu?

O homem tremeu e manteve-se em silêncio por algum tempo, até que respondeu:

— Marco Anobarbo, mercador.

Macro acenou, à laia de saudação, e depois apontou os corpos dos três homens que tinham abatido.

— E quem são estes brincalhões?

Anobarbo levantou o olhar.

— Importam-se muito que vos peça para arranjarmos um abrigo antes de vos contar a minha história? Estou-me a sentir um bocadito em baixo.

— Desculpa. — Macro inclinou-se, e ofereceu a mão ao outro. Este agarrou-a e pôs-se de pé com uma careta, para logo desmaiar.

— Cato, dá-me aqui uma ajuda. — Disse o veterano, enquanto passava o braço pelas costas do mercador.

Mantendo-o no meio dos dois, bem apoiado, os centuriões atravessaram o campo até à estrada e seguiram-na, lentamente, até se verem de novo no campo romano.